

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA

FABIANA DE PAULA SILVA BELMONT

**TEREZA BATISTA, CANSADA DE GUERRA: O
ROMANCE DE JORGE AMADO SOB OLHARES
FEMININOS**

SÃO CARLOS – SP
2024

FABIANA DE PAULA SILVA BELMONT

**TEREZA BATISTA, CANSADA DE GUERRA: O ROMANCE DE JORGE AMADO SOB
OLHARES FEMININOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob a linha de pesquisa “Literatura, História, Cultura e Sociedade”, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Livia Fernanda de Paula Grotto

São Carlos – SP
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Paula Silva Belmont, Fabiana de

Tereza Batista, cansada de guerra: O romance de Jorge Amado sob olhares femininos. / Fabiana de Paula Silva Belmont -- 2024.
109f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Prof^a Dr^a Livia Fernanda de Paula Grotto
Banca Examinadora: Edson Tavares Costa, Márcia Rios da Silva
Bibliografia

1. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Fabiana de Paula Silva Belmont, realizada em 17/05/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Livia Fernanda de Paula Grotto (UFSCar)

Prof. Dr. Edson Tavares Costa (UEPB)

Profa. Dra. Márcia Rios da Silva (UNEB)

À minha querida filha, Rebeca de Paula Belmont, cujo empenho em me ver mestre sempre esteve em primeiro lugar. Este é o resultado dos seus sonhos. Gratidão!

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Autor da vida e o responsável pelos meus dias.

Ao meu esposo Roberto, por tamanha compreensão e pelas palavras de incentivo todas as vezes que eu estava a um passo de desistir.

À minha filha Rebeca, por ser a minha maior incentivadora na elaboração do projeto de pesquisa, me instigando a tornar-me mestre.

À minha filha Mariana, tão pequena e que, ainda assim, compreendia que eu estava ocupada no meu “teto”, colaborando, fielmente, todos os dias, para eu estudar e escrever esta dissertação.

Ao meu pai Ademir José, o grande incentivador dos meus estudos! Obrigada, pai, por cada “você tem que estudar, menina!” e por cada “eu não estudei, mas eu quero que você estude!”

À minha mãe Marina de Paula, o meu alicerce e a minha inspiração de como ser mulher nessa sociedade machista, ainda por entender a necessidade de eu reduzir minhas visitas em sua casa no período do meu mestrado. Obrigada, mãe!

À minha avó paterna Maria da Penha (*in memoriam*), minha primeira professora. Obrigada, vizinha, pelo privilégio de eu ter sido alfabetizada pela senhora!

À minha família, sogro, sogra, concunhada, cunhados, cunhadas, irmãos, irmã, sobrinhos, sobrinhas, primos e primas, por compreenderem as minhas ausências na interação dos grupos de WhatsApp e nos almoços de domingo e feriados.

À direção da Escola Nilo Coelho, por ter permitido e contribuído com o desenvolvimento da minha pesquisa.

À psicóloga Simone Felis, à advogada Talânia Lopes de Oliveira e a Jorge Amado Neto, que prontamente aceitaram o meu convite para participarem das rodas de conversas durante a minha pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho, que muito contribuíram e me incentivaram para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus ex- alunos e alunos, minha gratidão! É por vocês a minha busca pelo aperfeiçoamento profissional.

À Universidade Federal de São Carlos-SP-UFSCar, especialmente aos discentes do Programa de Estudos de Literatura-PPGLit, a minha eterna gratidão por tantos conhecimentos adquiridos durante esse período e que levarei para sempre comigo.

A Livia Grotto, a melhor orientadora que Deus poderia me oferecer. Em cada encontro para discutirmos sobre este trabalho, a minha admiração por ela só aumentava. Obrigada!

A todas as mulheres que, assim como Tereza Batista, tiveram que enfrentar problemas e vencer os impasses da vida, não desistam!

Gratidão.

RESUMO

Esta dissertação propõe uma análise da leitura do romance *Tereza Batista, Cansada de Guerra* (TB), de Jorge Amado (1972), realizada por alunas e servidoras da Escola Estadual Nilo Coelho (Ministro Andreazza, RO). A pesquisa teve como objetivo identificar e analisar interpretações e sensações de mulheres contemporâneas sobre o romance TB, procurando enfatizar e valorizar as experiências dessas mulheres. As discussões ocorreram de modo on-line. Foram abordadas, durante os encontros, questões como o machismo, o feminino e o masculino, bem como as violências físicas, verbais e sexuais sofridas por mulheres, destacando a importância da literatura na formação dos alunos e a capacidade do romance em sensibilizar os leitores para questões como a violência de gênero. A dissertação está estruturada em três capítulos, com destaque para a análise das opiniões das participantes, estudos acadêmicos sobre o romance e reflexões sobre cenas específicas do livro. O eixo teórico-prático principal encontra-se no letramento literário de Rildo Cosson (2009) e na teorização de Umberto Eco (1979, 1994) a respeito do leitor-modelo, mostrando como uma obra literária pode ser reinterpretada à luz de novos contextos sociais, políticos e culturais, demonstrando a sua capacidade de permanência significativa e relevante ao longo do tempo. Além disso, esse trabalho destaca uma visão perspicaz dos olhares femininos dedicados ao romance de Jorge Amado, promovendo discussões significativas sobre questões de gênero e letramento literário, e destacando a importância de ouvir e valorizar as experiências das mulheres dentro de um contexto específico. Ainda, aborda estratégias para promover a leitura literária em sala de aula.

Palavras-chave: Jorge Amado; *Tereza Batista, cansada de guerra*; violência de gênero; letramento literário.

RESUMEN

Esta disertación propone un análisis de la lectura de la novela Tereza Batista, Cansada de Guerra (TB), de Jorge Amado (1972), realizada por estudiantes y empleados de la Escuela Estatal Nilo Coelho (Ministro Andreazza, RO). La investigación tuvo como objetivo identificar y analizar interpretaciones y sentimientos de mujeres contemporáneas sobre la novela TB, buscando enfatizar y valorar las experiencias de estas mujeres. Las discusiones ocurrieron en línea. Durante los encuentros se abordaron temas como el machismo femenino y masculino, así como la violencia física, verbal y sexual que sufren las mujeres, destacando la importancia de la literatura en la formación de los estudiantes y la capacidad de la novela para sensibilizar a los lectores sobre temas como como violencia de género. La disertación se estructura en tres capítulos, con énfasis en el análisis de las opiniones de los participantes, estudios académicos sobre la novela y reflexiones sobre escenas específicas del libro. La principal base teórico-práctica se encuentra en la alfabetización literaria de Rildo Cosson (2009) y en la teorización de Umberto Eco (1979, 1994) sobre el lector modelo, mostrando cómo una obra literaria puede ser reinterpretada a la luz de nuevos contextos sociales, político y cultural, demostrando su capacidad para seguir siendo significativo y relevante en el tiempo. Además, este trabajo destaca una visión profunda de las perspectivas femeninas dedicadas a la novela de Jorge Amado, promoviendo debates significativos sobre cuestiones de género y alfabetización literaria, y destacando la importancia de escuchar y valorar las experiencias de las mujeres dentro de un contexto específico. También aborda estrategias para promover la lectura literaria en el aula.

Palabras clave: Jorge Amado; Tereza Batista, cansada de la guerra; violencia de género; alfabetización literaria.

LISTA DE ABREVIATURAS

- JA Jorge Amado
TB Tereza Batista, cansada de guerra

LISTA DE SIGLAS

MPSP	Ministério Público de São Paulo
PPGLit	Programa de Estudos de Literatura
SEDUC-RO	Secretaria de Estado da Educação de Rondônia
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1 OLHARES FEMININOS, UMA APRESENTAÇÃO.....	11
1.1 “O MAIS DOLOROSO É SABER QUE EXISTEM MUITAS TEREZAS POR AÍ”	31
1.2 “ELE QUEIMOU OS PÉS DELA PARA ELA NÃO ESCAPAR”	35
1.3 “A MULHER É OBJETO E NASCEU PARA SACIAR SUAS VONTADES”	43
1.4 “DESDE BEBEZINHAS, FOMOS ENSINADAS A PEGAR A BONECA NO COLO”	49
1.5 “O LIVRO MAIS DENSO, MAIS PESADO DE JORGE AMADO”	51
1.6 REVERBERAÇÕES: “TEREZA CORAJOSA, GUERREIRA E FORTE”	52
2 OLHARES FEMININOS ESPECIALIZADOS	54
2.1 OS OLHARES ACADÊMICOS NOS ESTUDOS LITERÁRIOS	55
2.2 MAIS ALGUNS OLHARES DA CRÍTICA LITERÁRIA FEMININA.....	62
2.3 TEREZA BATISTA À LUZ DA LEI MARIA DA PENHA E DO ECA	69
3 MEU OLHAR: A VIOLÊNCIA EM TEREZA BATISTA, CANSADA DE GUERRA	73
3.1 “TEREZA BATISTA, ARGOLA NO COLAR DO CAPITÃO”	73
3.2 A MENINA E “SEU DONO LEGÍTIMO”.....	83
3.3 TEREZA, “FAVO DE MEL” E “TETÁ MUÇURUMIM”	85
3.4 “RESPEITE A MULHER DO CARA!”	89
3.5 DÓRIS: DEVOÇÃO E VIOLÊNCIAS.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
APÊNDICE A - Cronograma postado nos grupos de WhatsApp e redes sociais da escola Nilo Coelho.....	102
APÊNDICE B - Fragmentos/cenas do romance disponibilizados como base das discussões e atividades escritas.	103
ANEXO A - Depoimento da participante que não conseguiu fazer a leitura e nem assistir a minissérie.	105
ANEXO B - Aluna, (M. L. S. A., 17 anos), justificando a escolha do fragmento que mais chamou a sua atenção.....	106
ANEXO C - Texto produzido pela aluna M.T., 17 anos. Segunda atividade assíncrona. Escolha da cena que mais chamou a atenção dentre uma lista de fragmentos previamente selecionados.	107
ANEXO D – Texto da aluna M.L.S. A., 17 anos.	109

OLHARES FEMININOS, UMA APRESENTAÇÃO

O ano era 1994, ano dos meus primeiros contatos com o autor Jorge Amado. Naquele ano, a Rede Globo exibia, todas as tardes, a reprise da novela *Tieta*. Eu tinha apenas 11 anos, por isso é necessário um esforço para trazer as lembranças à tona. Recordo algumas conversas sobre *Tieta* entre minha mãe e minha tia. Duas noveleiras das mais assíduas. Não perdiam um capítulo. De tanto ouvi-las falando sobre a personagem principal, motivada pela curiosidade, comecei a assistir a alguns capítulos. Não compreendia muita coisa. Todavia, me recordo que entendi que *Tieta* era uma mulher destemida e “bem resolvida” e, dentro de mim, algo maior já dizia: “eu quero ser igual a *Tieta*, sem ninguém me limitando pelo fato de eu ser mulher”.

E onde entra Jorge Amado nessa história? Por enquanto, em lugar nenhum, pois, nessa época, eu ainda não tinha o conhecimento de que a novela era uma adaptação do romance de um dos maiores escritores da literatura brasileira. E é por isso que senti a necessidade de começar a minha apresentação contando esta história.

Hoje lembro, com gratidão, da nota de Jorge Amado (1992, p. 161) em *Navegação de Cabotagem*, quando dizia que “vendia os direitos autorais para a televisão pensando nos menos favorecidos socialmente, pois somente assim milhões de espectadores e de analfabetos teriam acesso aos seus livros”. Embora sabendo que se trata de uma versão possível de interpretação dos seus romances e, também, com consciência dos ganhos financeiros do autor, posso afirmar que fui uma entre esses milhões sem acesso aos livros e beneficiei-me das adaptações televisivas.

Mais tarde, em 1998, lá estava eu novamente à frente de mais uma adaptação de uma obra amadiana, agora uma minissérie: *Dona Flor e seus dois maridos*, apresentada também pela Rede Globo. Nesse tempo, eu estava no primeiro ano do Ensino Médio e tinha o gosto de visitar a biblioteca da escola sem que o professor solicitasse. Nessas visitas, me deparei com Jorge Amado e foi a partir daí que conheci as personagens *Tieta*, *Flor*, *Gabriela*, *Dora* e *Tereza*, entre outras.

Ao ler, na juventude, o romance *Tereza Batista, cansada de guerra*, recordo que, em vários momentos, experimentei repulsa, indignação e nojo. Ainda me lembro das reflexões provocadas por esses sentimentos. Será que existem homens que sejam iguais ou parecidos a Justiniano? Por que Jorge Amado escreveu essa história? Qual seria o seu objetivo ao escrevê-la: difamar a mulher, ou denunciar o machismo? A cada página, aumentava a minha vontade

de parar a leitura. Contudo, a curiosidade de saber se Tereza resistiria me fez resistir também. Sem sombra de dúvidas, as cenas em que Tereza foi vítima de agressões físicas, sexuais e verbais perpetradas por seu algoz, o personagem Justiniano, foram as cenas mais difíceis de ler, exatamente como ocorreria mais tarde com as minhas alunas, precisamente vinte e dois anos depois.

Prosseguindo a leitura e as memórias, no que concerne ao personagem Emiliano Guedes, lembro-me que ele me parecia outro Justiniano, porém, com nova roupagem. E, durante a leitura, tive a mesma sensação de um investigador quando encontra uma prova. Ela estava nas palavras do próprio personagem, quando admite para Tereza que ele fora tão ruim para ela quanto o capitão. “Um outro capitão, Tereza, envernizado, passado a limpo, mas, no fundo, a mesma coisa. Emiliano Guedes e Justiniano Duarte da Rosa, iguais, Tereza” (Amado, 2008, p. 333).

Já adulta, fiz uma nova leitura e pude deduzir que uma das motivações do autor baiano para escrever *Tereza Batista, cansada de guerra* (doravante *TB*) era denunciar a opressão feminina. Assim, reli o romance, devorando as mais de quatrocentas páginas em menos de duas semanas. Quando acabei, disse a mim mesma que *TB* não poderia ficar nas estantes das bibliotecas, à espera dos alunos. E que eu a levaria sempre como sugestão de leitura para a sala de aula.

Foi o que fiz. Durante nove ou dez anos, desde quando comecei a lecionar no Ensino Médio, propus a leitura do texto de Jorge Amado (a partir de agora, JA). Ao lado de outros romances, *TB* sempre suscitou grande interesse por parte das alunas, com muitos comentários. A discordância e a indignação em relação aos comportamentos apresentados pelos personagens masculinos, em especial o comportamento de Justiniano, eram grandes o suficiente para que elas se referissem a eles com grande rispidez, comparando-os, às vezes, ao próprio pai, ao tio, ou ao irmão.

A cada seminário em grupo apresentado pelas alunas sobre o romance *TB*, eu sentia uma necessidade, sempre crescente, de deixar de lado a abordagem das características do período literário da obra, dando voz às alunas e a suas perspectivas de leitura. O conteúdo sobre as escolas literárias, que se atrelava à leitura do romance de JA, precisava ser minorado frente às questões humanas e de engajamento feminino que surgiam ao longo das discussões.

A ficção permitiria pensar em situações sociais e comportamentais que precisavam de atenção. Por que, afinal, o personagem de Jorge Amado se assemelha ao pai? Por que o tio é igual ao personagem da história? O que elas sentem em relação a essas atitudes? Por que as

alunas demonstram rispidez com os personagens masculinos? Por que se dizem tão identificadas com as mulheres do romance? Esta atenção à leitura realizada pelas alunas está no centro desta dissertação de mestrado. No decorrer da sondagem de opiniões que realizei, tanto quanto no decorrer de minha escrita, outras perguntas, relacionadas à leitura das alunas, foram surgindo, dessa vez apenas para mim, na qualidade de professora: por que comentaram tanto sobre a personagem Dóris? O que as levou a acreditar na força de Tereza? Por que usaram tanto a expressão “Tereza foi guerreira?”

*

Um dos objetivos principais deste mestrado foi identificar e analisar quais são os olhares femininos, nos dias de hoje, dedicados ao romance *TB*, publicado em 1972. Não quaisquer olhares, mas os das alunas e servidoras da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nilo Coelho, situada na cidade de Ministro Andreazza, no estado de Rondônia, local onde leciono como professora concursada desde 2011. Embora a inclusão de opiniões masculinas pudesse trazer um contraponto relevante, minha decisão de priorizar as vozes femininas reflete meu interesse em destacar e valorizar as experiências das mulheres dentro desse contexto específico, além disso promover a representatividade e diversidade de perspectivas dentro de um grupo específico.

Por “olhares femininos”, compreendem-se, nesta pesquisa, as perspectivas apresentadas por alunas e servidoras da referida escola que se identificam e se reconhecem como mulheres. Por meio desta identificação e reconhecimento, foi possível observar um rol de experiências compartilhadas e relacionadas às violências cotidianas sofridas por essas mulheres, tais como pressões estéticas, objetificação ou sexualização do corpo feminino, submissão e inferiorização. Estas leitoras reconheceram tais experiências nas personagens femininas do livro *TB* e, relacionando-as com suas próprias vivências e, por isso mesmo, identificaram-se com elas.

Para averiguar este processo, estive atenta às relações de poder existentes entre os gêneros. Segundo Almeida (2011, p. 168), em 1970, as feministas começaram a recusar as questões das desigualdades biológicas entre os gêneros e passaram a defender o aspecto cultural, “afirmando que as mulheres poderiam desempenhar os mesmos ofícios que os homens e, portanto também possuíam as mesmas capacidades e direitos sociais e políticos”. As mulheres aspiravam o espaço público e profissional, já que suas capacidades não cessavam no espaço doméstico. Também pediam “por liberdade e pelo direito de exercerem a sexualidade sem as barreiras impostas pelo preconceito” (Almeida, 2011, p. 168). Logo, as mulheres perceberam que, no mundo do trabalho, a exploração continuava baseada na diferença dos

gêneros, uma vez que lhes eram reservados os serviços com menores remunerações. Almeida afirma ainda que logo as mulheres se viram sobrecarregadas com a dupla jornada de trabalho, pois as funções domésticas e a criação dos filhos permaneceram sob a responsabilidade delas.

*

Embora no projeto de mestrado para ingresso na Pós-Graduação de Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) eu tivesse pensado numa participação eletiva das alunas nas discussões a propósito de *TB*, esta tornou-se obrigatória devido ao pedido que recebi da coordenadora pedagógica da escola Nilo Coelho de integrar a ação prática primordial de meu mestrado como uma das ações do Projeto da Secretaria Estadual de Rondônia (SEDUC-RO), chamado “Dia de ler. Todo dia!”. Trata-se de um trabalho desenvolvido pelas escolas estaduais em todos os anos e faz parte, por sua vez, do Programa do Governo Estadual de Rondônia, tendo como objetivo principal incentivar e premiar as boas práticas de leitura dentro do âmbito escolar. Quando aceitei o pedido da coordenadora, pensei na oportunidade de a escola e os alunos tomarem contato com uma parte do trabalho que se desenvolve em nível superior. Também pensei no ganho que eu teria em unir a minha pesquisa a uma ação que teria que desenvolver no meu trabalho em sala de aula.

Participaram da pesquisa alunas e alunos dos 2º e 3º anos do Ensino Médio, oriundos de turmas para as quais ministrou aulas da disciplina de Língua Portuguesa, na faixa etária de 16 a 20 anos, bem como servidoras e servidores da escola na faixa etária de 30 a 50 anos. Desde o início, o projeto apresentado ao Programa de Estudos de Literatura (PPGLit), UFSCar, tinha como um de seus objetivos ouvir as opiniões de mulheres, mas foi estendido, na sua aplicação, a todos os servidores e alunos do sexo masculino. Como a aplicação do mestrado passou a fazer parte do projeto da SEDUC-RO e, por conseguinte, das aulas correntes de Língua Portuguesa, era mais natural que as discussões se fizessem em conjunto.

É ainda relevante dizer que teria sido diferente se não houvesse a presença masculina nas discussões, pois, em várias circunstâncias, durante a escuta e das opiniões, observei, nas falas das alunas, certo comedimento¹. Senti nelas temor em ofender, sobretudo em posicionamentos mais pontuais, como “os homens não têm coração”, “a maioria dos homens se sentem (sic) superior à mulher”, “o livro remete, um pouco, à sociedade de hoje, pois tem muitos homens com comportamentos semelhantes aos de Justiniano” e “os homens são muito

¹ Este comedimento ao qual me refiro será explorado de forma mais detida no subcapítulo 1.3 “A fêmea é para ser possuída e acabou-se”.

autoritários, muito donos de si”. Por outro lado, também percebi que os alunos, em diversos momentos, sentiram-se retraídos devido ao número superior de mulheres participantes e por acreditarem que aquele não seria um lugar autorizado para a fala masculina, tendo em vista que a protagonista do romance é uma mulher, e os homens, no geral, cumprem nele um mau papel. Ainda em relação a este ponto, faz-se necessário esclarecer que, na escola, não há alunos e tampouco servidores que se declaram de outros gêneros.

*

Quando a pesquisa teve início, estávamos passando pela pandemia do coronavírus. As aulas, portanto, estavam acontecendo de forma remota: as atividades síncronas ocorriam por meio da plataforma *Google Meet*, e as assíncronas, com postagens de conteúdos e realizações de atividades, eram desenvolvidas pela plataforma *Classroom*, além de apostilas para os alunos que não tinha acesso à internet. A interação professor-aluno também acontecia por meio de grupos, via aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*. No caso das servidoras e servidores, a interação se deu através de grupo de mensagens.

Cerca de 60% dos alunos que participaram da pesquisa moravam na zona rural do município, assim, eram dependentes do transporte escolar, que estava suspenso na época das aulas remotas. Havia também os alunos indígenas, da etnia Suruí, que moravam na aldeia e que, do mesmo modo, ficaram sem o transporte escolar. Uma pequena parte dos alunos não tinha acesso à internet em suas casas, logo, ficaram impossibilitados de participar das discussões via *Google Meet*. Contudo, participaram de todas as atividades que foram propostas de forma escrita, com o apostilamento – uma estratégia utilizada pela escola, que consistia em imprimir e reunir em apenas um caderno as atividades de todas as disciplinas para, posteriormente, serem distribuídas aos alunos sem acesso à internet.

No mês de maio do ano 2021, postei nos grupos de *WhatsApp* das turmas que leríamos o livro *Tereza Batista, cansada de guerra* e, no mês de agosto, discutiríamos o livro. Houve muita procura pelos exemplares, porém, a escola não pôde atender toda a demanda, como já se era de esperar. Foram comprados quarenta exemplares do romance de Jorge Amado com recursos próprios da Escola Nilo Coelho. Uma quantidade pequena em relação ao número de alunos matriculados nas turmas dos 2º e 3º anos: 180 alunos. Todos os exemplares que a escola dispunha foram emprestados. Cinco servidoras e cinquenta e quatro alunos, totalizando cinquenta e nove pessoas, emprestaram o livro diretamente da biblioteca. O número dos empréstimos, entretanto, não é exato, pelo fato de muitos alunos serem vizinhos uns dos outros na zona rural do município. Por isso, foram orientados a repassar o romance, lá mesmo na zona

rural, sem precisar voltar à escola. Com a ajuda dos bibliotecários da escola e da coordenação pedagógica, durante os meses de junho e julho, postamos recados nos grupos de *WhatsApp* das turmas, pedindo que os livros utilizados fossem devolvidos à escola tão logo terminada a leitura de um ou mais alunos, de modo que ainda outros pudessem ter a oportunidade de ler.

Os alunos não souberam previamente qual era o motivo da leitura do livro, nem o escopo das perguntas de minha pesquisa de mestrado. Eu esperava deles uma leitura aberta e não-direcionada. Ainda assim, comuniquei que a nota do 3º bimestre na disciplina de Língua Portuguesa seria atribuída à participação qualificada durante as discussões e à entrega das atividades escritas postadas no *Classroom*. A participação de todos foi, portanto, obrigatória.

Para começar a desenvolver as atividades práticas, elaborei, no *Google Formulários*, um Termo de Consentimento que explicava a pesquisa de mestrado em curso para os alunos, pais, responsáveis e servidores da escola. O termo também deveria ser respondido com o objetivo de que os maiores de 18 anos ou seus responsáveis autorizassem ou não o uso dos textos, gravações e dados coletados por mim ao longo da aplicação. Ressaltei que a coleta de opinião se daria de duas formas: 1. Teríamos discussões (durante o horário das aulas de Língua Portuguesa) pelo *Google Meet* que seriam gravadas e cujas falas poderiam vir a ser transcritas. 2. Também seriam solicitadas dos participantes pequenas análises de fragmentos, a serem elaboradas por escrito via *Classroom* ou em apostilas impressas. Esclareci ainda que as imagens dos participantes não seriam usadas. Todas as informações obtidas através da pesquisa seriam confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre a participação em todas as etapas do estudo. Aos nomes reais, seriam atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando a identificação dos participantes. Também garanti que os dados coletados seriam guardados em arquivo, físico e/ou digital sob minha responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa.

Em se tratando das servidoras, convidei-as a participar ao perceber o interesse que demonstraram pelo livro. Sempre surgiam alguns comentários por parte delas nas reuniões administrativas e pedagógicas que fazíamos por meio do *Google Meet*. Além disso, mesmo estando em *home office*, quando íamos à escola para cumprir algumas atividades burocráticas, as servidoras me recebiam curiosas. Eram perguntas com certos pré-julgamentos sobre o autor, misturadas à curiosidade de ler um de seus romances. As mais comuns eram: “eu nunca li nenhum livro dele, mas sei que ele aborda muito os relacionamentos sexuais, não é?”, “quem é Tereza Batista?”, “o que conta o livro?”, “por que cansada de guerra?”, “por que você escolheu esse livro?”, “o que tem de interessante na história?”. A pergunta mais recorrente era se eu não

tinha medo de uma possível revolta dos pais pelo fato de o romance abordar assuntos polêmicos e pela maioria dos alunos ser menor de idade. Em função das perguntas, cheguei, sim, a ter certo receio. No entanto, nada ocorreu.

*

Hoje eu poderia resumir o romance *TB* explicando que conta a história de uma menina pobre e órfã que vivia no sertão nordestino, e foi criada, a partir de seus oito anos, pela tia Felipa e pelo marido da tia, Rosalvo. O romance tem como cenários geográficos o sertão de Sergipe, por estar localizado nas proximidades com a divisa do estado da Bahia, bem como o sertão baiano. Já narra a história de Tereza ressaltando as diversas etapas de sua biografia com acontecimentos da infância e da fase adulta. O livro não tem uma organização linear, ou seja, não tem um fluxo temporal cronológico. O autor mistura eventos secundários e fatos principais e, às vezes, enriquece a narrativa com minuciosos detalhes que podem levar o leitor a se perder. A expressão “cansada de guerra” é sugestiva porque, de fato, a protagonista e heroína teve que enfrentar e superar muitas lutas.

O narrador começa a história de trás para frente. De início, na primeira parte do romance, apresenta Tereza Batista, já adulta, num cabaré do interior da Bahia. Nesse contexto, a heroína cativava as pessoas e fazia fortes defesas das mulheres contra as violências machistas, não permitindo que nenhuma mulher fosse agredida à sua volta. Em seguida, na segunda parte, existe um recuo que narra a fase inicial da história da protagonista, destacando o período em que Tereza, aos oito anos, perde os seus pais e vai morar com sua tia Felipa. A própria tia, posteriormente, vende-a para um capitão chamado Justiniano da Rosa, forte mandatário do interior da Bahia, homem sarcástico e violento, que além de estuprá-la, manteve-a cativa em sua fazenda, como uma espécie de escrava doméstica e sexual, durante dois anos, submetendo-a, por meio de ameaças, aos seus prazeres.

Morando na casa de Justiniano e sendo sua escrava sexual, Tereza se apaixona por um jovem da elite de nome Daniel, “estudante de direito, doutor em malandragem com curso completo nos cabarés, castelos, pensões de mulheres” (Amado, 2008, p. 143), e, com ele, conhece o amor e o prazer. Cansada do abuso de Justiniano, ela o assassina com uma facada. Nos anos seguintes, narrados na terceira parte do romance, a protagonista perambulará pelo interior de Sergipe e da Bahia, tornando-se prostituta e assumindo uma importante liderança social, tanto no combate contra a varíola, chamada pelo autor de “bexiga”, como também contra as violências sofridas pelas mulheres.

O narrador onisciente em terceira pessoa do romance, vez por outra, passa a narrar na primeira pessoa do singular. Além disso, ele cede a palavra, no romance, a várias vozes narradoras. Cada uma parece responder ao questionamento feito por alguém interessado em saber a verdadeira história da protagonista. Esse recurso da narrativa desperta no leitor a curiosidade de saber se Tereza existiu ou se é apenas mais uma lenda criada no imaginário popular, já que parece um mito, sendo glorificada por tantos olhares. Nesse sentido, a vida da personagem é contada pelas vozes de um funcionário público, de um pai de santo, da célebre Ialorixá Mãe Senhora e até pelo poeta Castro Alves.

Outro dos narradores e informantes identificados no romance é Edgard Rogaciano, motorista de táxi que fala sobre a protagonista a um passageiro. Indiretamente, Rogaciano diz a nós, leitores, que só contou sobre Tereza porque seu passageiro rogou-lhe “com insistência e um chofer de táxi tem a obrigação de tratar bem a freguesia, conversando e comentando para fazer a corrida mais maneira” (Amado, 2008, p. 431).

Para trazer mais veracidade à história, o taxista, conhecido por toda a Bahia por ser um homem que não gostava de mentiras, diz que andou investigando sobre a protagonista “nas feiras do sertão, na beira do cais”, ganhando a confiança do povo. Logo fica sabendo de alguns pedaços das histórias. Ele “junta tudo” quanto ouviu, apesar de não ter muito a quem contar, pois o povo de Sergipe não gosta de conversa.

Há no romance o emprego de elementos da literatura de cordel, tal como os títulos longos, acompanhados de xilogravuras. Estas últimas, presentes desde a primeira edição de 1972, chamam a atenção. Elas representam momentos vividos pela protagonista, sobretudo no início de cada capítulo, com elementos metafóricos, tal como a ilustração do segundo capítulo, com o momento em que Tereza Batista assassina o capitão. São apresentados, na imagem, três personagens. Um rapaz nu, com as mãos em prece, parecendo pedir perdão ao personagem à sua frente, que, por sua vez, está vestido com roupas e chapéu, a mão levantada, segurando um chicote; atrás dele, uma menina, também nua, com a mão levantada, segurando uma faca, levando o leitor a acreditar que Tereza matou o capitão para salvar Daniel. Logo abaixo da ilustração, lê-se a frase: “A menina que sangrou o capitão com a faca de cortar carne seca”, intitulado o referido capítulo. As palavras “sangrou” e “carne-seca” foram empregadas metaforicamente, já que se sangra o animal. Consequentemente, o capitão é caracterizado como carne-seca, o que recupera as características deste personagem, apresentado como um homem “seco” e áspero.

Ainda sobre as gravuras da primeira edição de 1972, é importante pontuar que foi o pintor e ilustrador baiano, Calasans Neto, amigo de JA, o seu autor. A capa foi realizada pelo pintor argentino, naturalizado brasileiro e também amigo do autor, Carybé.

Na orelha da capa da primeira edição de *TB* há uma carta que JA escreveu a seu editor, Martins José de Barros, recomendando-o que receba a protagonista bem, pois a conhece, já que os dois conviveram de março a novembro do ano de 1972, durante um período de 8 meses, quando ocorria a escrita do romance. O escritor afirma que sabe bem que “ela nasceu alegre, lutou contra a tristeza [...]”. E que “de tão doce e terna, o doutor, homem fino, só a tratava de Tereza Favo-de-Mel” (Amado, 1972. Orelha). Esta forma de se referir à personagem, corrobora, como no caso dos narradores do romance, a impressão de realidade da história.

Igualmente a fim de colocar o leitor a par do gênero literário com o qual dialoga e reforçar a veracidade dos fatos narrados, já de início, na epígrafe, é dito que a história é de “peste, fome e guerra, morte e amor, a vida de Tereza Batista é uma história de cordel” (Amado, 2008, p. 9). O leitor, nesse sentido, pode se lembrar de muitos personagens do cordel que, antes, foram famosos na vida real, a exemplo de Lampião e sua companheira Maria Bonita.

O romance é organizado em episódios, num total de cinco, assim como são organizados os folhetos das histórias de cordel, podendo ser lidos fora da ordem em que são apresentados e, mesmo assim, ser bem compreendidos. Recorde-se que o livro começa quando Tereza já é uma mulher adulta, narrando a sua noite de estreia no ofício de dançarina do Cabaré Paris. Ali, ela se envolve em uma confusão, pois entra em defesa de uma mulher que estava apanhando de Libório. Ao sair do Cabaré Paris, conhece Januário, um pescador, que estava prestes a ficar viúvo. Os dois têm um rápido e intenso envolvimento amoroso. Januário conta para ela que é casado e que sua mulher está muito doente, dando esperanças à protagonista e prometendo voltar para buscá-la quando a esposa falecesse. Ele, contudo, desaparece.

No segundo episódio, o leitor é transportado para a infância de Tereza Batista. Nessa parte, a narrativa apresenta a menina sendo vendida, todo o sofrimento que passou durante os dois anos em que viveu na casa do seu algoz, servindo-lhe de escrava sexual, até o momento de sua libertação, ao assassinar Justiniano com uma faca de cortar carne-seca. Para entender os motivos que levaram Tereza a matar Justiniano, a narrativa faz alguns regressos. De um lado, as negociações da tia Felipa, uma mulher pobre, já adulta, que não demonstra sentimentos, e Rosalvo. O narrador nos conta que a tia foi estuprada repetidas vezes por vários homens com pouco mais de 13 anos. Já Rosalvo, marido de Felipa, vigiava a menina na intenção de que, assim que ocorresse a primeira menstruação, concretizasse seu plano, ou seja, ele teria relações

sexuais com ela. Alcoólatra e entregue ao vício, Rosalvo não trabalhava, ocupando-se em planejar uma maneira de assassinar Felipa para, enfim, ter Tereza como mulher.

Por outro lado, o segundo episódio desenha a figura de Justiniano Duarte Rosa, proprietário de vários bens na região de Cajazeiras do Norte, respeitado por todos devido ao fato de ter dinheiro e por andar com seus capangas (Amado, 2008, p. 91). Justiniano comprava meninas para estuprá-las, sendo conhecido como “a fera da Cajazeiras do Norte, desbravador de cabaços” (Amado, 2008, p. 86), e ostentava, em seu peito, um colar de ouro com pingentes de argolas. Cada aro representava uma menina com menos de 15 anos que ele havia deflorado à força. A narrativa afirma que quanto mais nova fosse a menina, mais prazer ele sentia.

Tereza foi vendida ao capitão Justiniano Duarte Rosa aos 13 anos pela tia materna, Felipa. A menina foi negociada por um conto e quinhentos mil réis, um vale no valor de cem mil réis para compras no armazém e um anel de pedra falsa. Tereza não aceita a ida para casa do “seu dono” (Amado, 2008, p. 116). Logo, começa a sua guerra, que justifica o título do romance. Ela foge para o meio do mato, mas é capturada pelos capangas de Justiniano. Na casa do capitão, é colocada num quarto escuro e trancado. No chão, apenas um “colchão de casal com lençol e travesseiros, e um urinol” (Amado, 2008, p. 84). Começam as diversas tentativas de estupro. A narrativa nos conta que Tereza resistia à violência sexual, mostrando-nos a insubordinação da menina. Ela apanha muito, levando “surra de criar bicho, de arriar os quartos, só faltou mesmo matar” (Amado, 2008, p. 119). Uma das vozes do romance atribui a resistência e a força de Tereza ao mundo espiritual, dizendo que a protagonista tinha ajuda dos orixás, ou que era a própria Iemanjá.

Antes de passar às cenas mais violentas, que mostram a continuidade do sofrimento e o estupro de Tereza, o narrador nos leva ao casamento de Justiniano com Dóris, menina de 14 anos, enfatizando o modo violento com que ele tratava a esposa. Em contraste com Tereza, o narrador descreve Dóris como submissa, aceitando, de bom grado, todas as imposições e violências do marido. Contudo, com Tereza, o narrador diz que Justo foi obrigado a “empregar violência” (Amado, 2008, p. 85). Ele a queimou com ferro quente de passar roupas, fazendo com que ela se humilhasse e pedisse perdão por não o ter obedecido. Depois de ser violentada fisicamente, Tereza finalmente vira “argola no colar do capitão” (Amado, 2008, p. 124). Neste último momento do enredo, a narrativa torna-se lenta, com descrição minuciosa das cenas, segundo um provável intuito do autor de criar empatia do leitor com a protagonista.

No terceiro episódio, a narrativa aborda uma das epidemias de varíola, bem como a vacinação em massa da população, na tentativa de erradicar o vírus. Maximiano, o narrador

deste episódio, servidor público “há dezoito anos da Diretoria de Saúde Pública” (Amado, 2008, p. 215), responde ao “investigador” sobre a liderança de Tereza Batista no combate da bexiga negra, dizendo que os homens, médicos e enfermeiros fugiram por medo de se contaminarem. A voz afirma que, se não fosse Tereza e as putas, acostumadas ao sofrimento, com resistência às mazelas da vida, a cidade teria acabado (Amado, 2008, p. 199). Vale pontuar que JA usa a ficção para fazer denúncias, pois diz-se que a vacina não chegava no sertão, canto esquecido pelos grandes centros do país. Em vez do governo, Tereza Batista ocupa a linha de frente no combate da varíola, saindo de porta em porta para vacinar a população de Buquim, cidade sergipana.

O quarto episódio, “A noite em que Tereza dormiu com a morte”, explora o relacionamento de Tereza com Emiliano Guedes, responsável por tirá-la da cadeia depois do assassinato do coronel Justiniano. Emiliano foi um senhor de 64 anos com o qual Tereza viveria por um período de seis anos. Ao saber da notícia de que estava presa, o “doutor”, fazendeiro e rico, mandou o advogado Lulu Santos libertá-la. Por medo, ela foge do convento, onde foi levada por Lulu Santos depois de ser retirada da cadeia, parando em uma casa de prostituição. Sabendo que ela estava prestes a estreir na prostituição, Emiliano aparece e paga por ela. Em seguida, monta uma casa para viver com ela na qualidade de amásia. A narrativa afirma que Emiliano fez de Tereza uma senhora. Ensinou-lhes como se sentar à mesa, o gosto pelos bons vinhos e pela moda. Só não permitiu que fosse mãe, pois, para ele, filho era com a esposa. Emiliano morre durante uma relação sexual com Tereza. Sem dinheiro, Tereza terá a prostituição como destino.

No quinto e último episódio, intitulado “ABC da peleja entre Tereza Batista e a bexiga negra”, Tereza lidera uma greve de prostitutas para evitar que os prostíbulos sejam transferidos para a periferia de Salvador, tal como constava no documento assinado pelo promotor da cidade. Ela convoca as prostitutas a não exercerem o ofício até que as autoridades aceitem ouvi-las. Evidentemente, isto gera um grande caos. Os governantes finalmente cedem, deixando que o meretrício ficasse onde estava. Ainda nesse episódio e crendo na morte de Januário, Tereza aceita casar-se com Almério das Neves, “cidadão amável, bem-falante, estabelecido com padaria em Brota” (Amado, 2008, p. 343). No dia da festa, “tema de conversa e louvação durante longo tempo na cidade da Bahia”, Januário, procurado por tanto tempo pela protagonista, chega. Tereza foge com o grande amor da sua vida, e Almério explica: “Meu povo, disse ele, o casamento deu com os burros n'água. Para mim foi triste, mas para Tereza foi alegre” (Amado, 2008, p. 446). Apesar das guerras, Tereza tinha encontrado um final feliz. O

desfecho do romance se passa em alto-mar. Ela “se desfaz” das mortes que carregava consigo, as de Justiniano e Emiliano e a do filho que ela abortou. Em seguida, Tereza estende-se na popa do saveiro e diz: “— Venha e me faça um filho, Janu” (Amado, 2008, p. 448). Embora seja considerada uma personagem que rompe com os padrões machistas aos quais as mulheres eram submetidas, o romance termina com uma fala da protagonista externando um comportamento machista, uma vez que atribui de forma exclusiva ao homem a capacidade de criar uma vida.

Além dos assuntos expostos aqui, JA aborda, no romance, outros temas, como o direito, a literatura, a necropolítica, a corrupção na administração pública, os descasos governamentais em relação à saúde pública e a homoafetividade. Neste trabalho, entretanto, *TB* foi objeto de discussões em sala de aula, nas quais os alunos debateram sobre as relações amorosas, conjugais e sexuais entre homens e mulheres.

*

Inicialmente, é imprescindível trazer aqui as considerações de Antonio Candido em seu ensaio *O direito à literatura*, publicado em 1995. Segundo ele, a literatura inclui “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade”, sendo direito de todo ser humano, pois “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (Candido, 2011, p. 176).

Além disso, acerca do letramento literário, o entendimento é que a leitura literária deve ser ensinada. Este ensinar, além disso, é um processo, daí o sentido de “letramento”. “Literário”, por sua vez, no sentido de uma leitura adequada de uma obra, tem por base uma interpretação em que o resultado pode ser obtido por diversos pontos de vista. Nesse sentido, o impasse de Cosson não é uma “escolarização da literatura”, mas como fazer a escolarização sem descaracterizar as possibilidades que são abertas pela literatura, “sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização” (Cosson, 2009, p. 23).

O que eu, como professora, poderia fazer para motivar os alunos a lerem *TB*, uma vez que estávamos trabalhando com o distanciamento social num cenário complexo do ponto de vista do envolvimento e da motivação para a leitura literária? Tomei, por base, as quatro etapas propostas por Cosson sobre a prática de leitura em sala de aula para atingir o objetivo. A primeira etapa consiste na motivação, que compreende em preparar o aluno para que ele “entre no texto”. A segunda etapa se refere à introdução, na qual o professor apresenta o autor e sua obra, em seguida, tem-se a terceira etapa, a saber, a leitura do texto em si, com o

acompanhamento do professor. Neste momento, inclusive, este deve promover “intervalos”, além de atividades que detectam as dificuldades de leitura dos alunos, com o intuito de “ajudá-los a resolver ou, pelo menos, equacionar questões” que podem levá-los ao abandono da leitura. (Cosson, 2009, p. 64). A quarta etapa sugerida por Cosson, por fim, é a interpretação, dividida em dois momentos: a interior, compreendida como o “encontro do leitor com a obra”, onde o texto literário mostra toda a sua força, “levando o leitor a se encontrar ou se perder em seu labirinto de palavras” (Cosson, 2009, p. 65), e a exterior, definida como a “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (Cosson, 2009, p. 65).

Já fora do que seria o trabalho mais elementar, Cosson apresenta o que seria a “sequência expandida”: “movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros textos”, que serviram de inspiração ou ainda como textos posteriores, construindo um diálogo entre os textos (Cosson, 2009, p. 95). Outro desdobramento importante seria o da avaliação. Cosson propõe que o professor avalie a leitura literária como “experiência” e não como “conteúdo”, uma vez que a avaliação deve observar “os avanços e as dificuldades dos alunos para superá-las, buscando não as respostas certas, mas sim a interpretação a que o aluno chegou” (Cosson, 2009, p. 113).

Assim, em conformidade com Cosson (2009), como atividade de introdução à leitura e, ao mesmo tempo, para sondar os conhecimentos dos participantes, tanto alunos, como servidores, em relação ao romance, elaborei um questionário com a ajuda do *Google Formulários*. Dentre as perguntas, se o participante já conhecia o autor e o romance. Além disso, se já tinha assistido à adaptação do romance, realizada por Vicente Sesso e dirigida por Paulo Afonso Grisolli, intitulada *Tereza Batista*, ou alguma outra adaptação das obras de Jorge Amado. Por fim, se sabiam que o romance foi traduzido para diversas línguas. Cento e dez participantes, entre alunos e servidores, responderam às perguntas. Por meio do questionário de sondagem, foi possível apurar que 55,9% nunca tinha ouvido falar de Jorge Amado; 24,7% já tinha ouvido falar do autor, e apenas 19,4% conheciam, de alguma maneira, o escritor baiano. Chama a atenção que JA, mesmo sendo um autor considerado canônico, seja desconhecido, ou pouco conhecido pela maioria dos participantes.

Como se sabe, JA tem várias obras que foram adaptadas para o cinema e a TV, entre elas, *Gabriela* (filme dirigido por Bruno Barreto), *Tieta do Agreste* (telenovela dirigida por Cacá Diegues), *Tenda dos Milagres* (filme dirigido por Nelson Pereira dos Santos), *Quincas Berro d'Água* (filme dirigido por Sérgio Machado), *Dona Flor e seus dois maridos* (minissérie

dirigida por Mauro Mendonça Filho), *Tocaia Grande* (telenovela dirigida por Walter Avancini), *Mar morto* (série dirigida por Fernando Meirelles), bem como *Tereza Batista*, minissérie citada anteriormente. Estas adaptações foram explicitadas no questionário e perguntou-se aos participantes se já tinham visto alguma delas. 40,9% não tinha assistido à nenhuma, 31,2% não assistiram, mas já tinha ouvido falar de alguma adaptação, 6,5% já tinham assistido a, pelo menos, uma obra adaptada para a televisão ou cinema, e 21,5% dos participantes responderam que já assistiram, pelo menos, a uma adaptação baseada nos romances de JA.

Diante da sondagem, pude constatar que, curiosamente, o número de pessoas que assistiram a alguma das adaptações das obras de JA é maior do que o número dos que leram seus romances e dos que não o conhecem. Isto me remeteu a outra declaração de JA (1992, p. 161), mais uma vez no livro *Navegação de Cabotagem*, quando afirmava não assistir às adaptações de suas obras para não ficar chateado com possíveis mudanças do enredo e, conseqüentemente, tomar a decisão de cessar as vendas dos direitos autorais de suas obras. Ainda assim e tal como lembrei no início deste texto², ele justifica que não parava de vendê-los para a televisão, o cinema e o teatro pelo fato de os menos favorecidos economicamente terem o direito de acesso a suas obras.

Sobre o romance *TB*, 94,6% dos alunos e servidores disseram que não conheciam o livro e 5,4% disseram que já o conheciam. Uma participante descreveu (o livro) como “uma obra maravilhosa” (S.P. M., 20 anos); outra escreveu em resposta ao questionário: “estou lendo o livro, ele fala de uma mulher que vai lutar pelos seus direitos, por sinal, um livro muito bom!” (N.P. K., 17 anos). Também houve comentários sobre a adaptação do romance para a televisão. A maioria, 77,4% dos participantes, incluindo os alunos e servidores, respondeu que nunca tinha assistido à minissérie *Tereza Batista*. Já 8,6% assistiram a alguns capítulos. Tinham ouvido falar na minissérie 11,8% dos participantes da pesquisa. 81,7% dos participantes não sabiam que o romance tinha sido traduzido para diversas línguas, como alemão, árabe, coreano, eslovaco, esloveno, espanhol, francês, grego, hebraico, holandês, inglês, italiano, norueguês, polonês, turco e vietnamita. 9,7% já tinham ouvido falar das traduções e 8,6% sabiam das várias traduções.

Sabe-se, além disso, que, em sua primeira edição, em dezembro de 1972, a Editora Martins fez uma primeira tiragem de 100.000 exemplares. É importante evidenciar que foi pela Editora Record, no Rio de Janeiro, que ocorreu o maior número de edições do romance, a partir

² Cf. primeira página de “Olhares femininos, uma apresentação”.

da 5ª, em 1976, até a 34ª edição, no ano de 2006. A partir de 2008, os direitos autorais foram concedidos à Companhia das Letras, mesmo ano em que a editora publicou a sua primeira edição do romance amadiano. Mesmo sabendo da grande relevância da primeira tiragem, em 1972, este estudo adotou, por questões práticas, o uso da última edição, uma vez que era a publicação que a escola colocou à disposição dos alunos.

Em relação ao memorial A Casa do Rio Vermelho, no bairro do Rio Vermelho, na Rua Alagoinha, em Salvador-Bahia, onde JA viveu, de 1960 até a sua morte, em 2001, com sua esposa, a também escritora, Zélia Gattai e que hoje é uma casa-museu que expõe os objetos pessoais do casal, há também uma biblioteca³. Pude observar, por meio do questionário, que o memorial é pouco conhecido entre os alunos e servidores da escola, haja vista que 55,9%, o que corresponde a 65 participantes, disseram que nunca ouviram falar dele. 37,9% já tinham ouvido falar do lugar, mas não tinham conhecimento maior, outros 4,3% já tinham ouvido e diziam ter um pouco de conhecimento, apenas 2,2%, já sabiam sobre o memorial (Memorial, 2024).

Por conseguinte, além de servir como introdução ao texto, o questionário me ajudou a identificar quais eram os conhecimentos prévios que os participantes tinham a respeito do romance e do autor. Serviu também para planejar e conduzir os encontros de forma que complementassem os conhecimentos trazidos pelos participantes para as discussões. Foi igualmente útil para ativar a curiosidade, incentivando-os à leitura.

*

Diariamente, durante os meses de maio, junho e julho de 2021, postei, nos grupos de *WhatsApp* dos alunos e dos servidores, incentivos à leitura e até mesmo fotos de trechos do romance, com o intuito de motivá-los a “entrar no texto”, acreditando, como Cosson (2009, p. 54-55), que “o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de uma boa motivação” e que o professor pode destacar do livro “os trechos centrais à descrição do espaço e das personagens” (Cosson, 2009, p. 80). Eu mesma, naquele momento, estava relendo o livro com o intuito de preparar o trabalho que se seguiria.

Pensando em organizar e planejar melhor as ações, em julho de 2021, elaborei um cronograma e um plano de ação para organizar a prática. Elaborei também um cronograma mais sucinto para ser postado nos grupos de *WhatsApp* e nas redes sociais da escola para que todos

³ Ainda em relação à preservação da memória do autor, não questionei os alunos se tinham algum conhecimento a respeito da Fundação Casa de Jorge Amado, instituição localizada no Centro Histórico de Salvador, no bairro do Pelourinho, centro de cultura e pesquisa que abriga o acervo de sua obra, e onde há ainda exposições de documentos pessoais do autor, livros, fotos e prêmios recebidos.

pudessem se preparar melhor. As ações aconteceriam nos meses de agosto e setembro de 2021. A escolha do mês de agosto para o início das atividades foi proposital, pois os participantes precisariam ter lido o texto antes. No estado de Rondônia, existem férias de quinze dias no final do mês de julho, e eles poderiam ser bem empregados! Nada menos do que 448 páginas, para estudantes acostumados a ler no máximo 50, 100 páginas... Eu seguia, mais uma vez, as orientações de Cosson (2009), que explica que o professor precisa estabelecer um prazo limite, sem que seja curto demais, tampouco muito longo, pois corre o risco de os alunos se dispersarem. A meu ver, a estratégia de propor a leitura antes das férias também contribuiu para que os servidores tivessem tempo disponível para a leitura.

Em todas as quartas-feiras de agosto e na primeira de setembro, tínhamos encontros para as discussões pelo *Google Meet*. Houve, portanto, cinco encontros síncronos, com duração de duas horas cada. Apesar de as turmas serem do Ensino Médio regular diurno, na época da pandemia, tivemos muita evasão escolar, pois muitos se viram obrigados a ir para o mercado de trabalho para ajudar nas finanças de casa. Dessa forma, a escola e os professores precisaram se adaptar a novos horários. Em função disso, ficou estabelecido que os encontros síncronos para discutir o livro *TB* se dariam sempre às 19h (o leitor pode conferir todo o cronograma no Apêndice A). Para efeitos desta dissertação, e como já esclareci antes, foram consideradas apenas as contribuições femininas sobre o romance.

Quanto à participação dos alunos e servidores, posso afirmar que houve um revezamento de presença nos encontros, pois a lista de frequência se alterava a cada encontro, sendo notório o aumento gradativo do comparecimento dos participantes para a discussão do romance. Além disso, os alunos, durante os encontros síncronos, foram, progressivamente, abrindo mais as câmeras. No primeiro encontro, 20 alunos e sete servidores participaram. O quarto encontro teve a presença de 60 alunos e 11 servidores, sendo o encontro com o maior número de participantes. Logo, participaram das atividades síncronas um total de 65 alunas, 32 alunos, dez servidoras e um servidor, somando 108 pessoas.

As atividades assíncronas, via *Google Classroom*, se iniciaram após a segunda discussão síncrona via *Google Meet*, estendendo-se até o quarto encontro síncrono e terminado, portanto, com ele. Participaram das atividades escritas e assíncronas um total de 111 alunos, dos quais 73 eram mulheres. Ainda sobre a participação, 84 discentes participaram via *Classroom*, e 27, pelo método do apostilamento. Recebi, na primeira atividade, um total de 75 textos, sendo 63 via *Classroom* e 12 pelo método do apostilamento, dentre os 75, 45 textos eram de autoria feminina. Na segunda atividade, recebi um total de 60 textos pelo *Classroom* e mais

12 atividades dos alunos que não tinham acesso à internet. Desses 72 textos, 47 foram escritos por alunas. Na última atividade, obtive a devolutiva de 81 textos, dos quais 55 eram de autoria feminina. Assim sendo, selecionei para análise um total de 63 textos femininos, dos quais retirei algumas asserções mais representativas, compreendendo as escritas desde a primeira atividade assíncrona até a última atividade.

Com o intuito de não sobrecarregar os alunos e por dificuldades para estudarem em casa, bem como diante do aumento da evasão escolar no período pandêmico, somente três propostas de atividades escritas foram solicitadas. Talvez, em função disso, foi notório o aumento da participação nessas atividades que compreendiam os projetos “Dia de ler. Todo Dia” e meu mestrado, sobretudo se comparadas ao decréscimo de interesse registrado nas atividades curriculares do dia a dia.

Durante as ações práticas, houve a participação de 180 alunos, sendo 79 do sexo masculino, e 101 do sexo feminino. Em se tratando dos servidores da escola, 11 participaram: um professor e as dez mulheres que exercem as funções de professora (3), zeladora (1), diretora (1), vice-diretora (1), coordenadoras pedagógicas (2), secretária (1) e orientadora escolar (1). A cooperação das servidoras se deu de forma diferenciada em relação à participação das alunas. Essencialmente, elas participaram dos encontros síncronos, sem a elaboração de textos escritos ou outras atividades escritas.

No que concerne aos critérios utilizados para selecionar as opiniões das alunas e das servidoras, considere para análise apenas algumas frases ou trechos que tomei do contato com a escrita de cada uma delas e das discussões em grupo. São frases que me pareceram representativas do universo das preocupações femininas e que considero produtivas para refletir sobre o letramento literário.

*

Este estudo sobre *TB* está organizado em três capítulos. No primeiro, apresento o *corpus* prático de minha pesquisa, ou seja, o momento em que observo as leituras femininas do livro de JA. Este capítulo se chama *Os olhares femininos no âmbito escolar*, organizado de forma cronológica, pois cada seção corresponde a um encontro síncrono, sendo assim, está subdividido em seis seções principais, nomeadas com frases ditas pelas participantes durante as discussões sobre o romance *TB*, a saber: “O mais doloroso é saber que existem muitas Terezas por aí”; “Ele queimou os pés dela para ela não escapar”; “A mulher é objeto e nasceu para saciar suas vontades; “Desde bebezinhas, fomos ensinadas a pegar a boneca no colo” e “O livro mais

denso, mais pesado de Jorge Amado”. Neste primeiro momento, realizarei aproximações das opiniões manifestadas pelas alunas e servidoras durante os encontros síncronos.

Em “Reverberações: Tereza corajosa, guerreira e forte”, sexta seção do primeiro capítulo, descrevo como foram organizadas as três atividades assíncronas e escritas, também na expectativa de que este trabalho em sala de aula possa interessar a outros professores. Além disso, discuto, mais uma vez, as contribuições das participantes de minha pesquisa. Neste momento, abordo a cena protagonizada por Tereza que mais chamou a atenção, pontuando, através dos textos escritos pelas alunas, qual foi o sentimento que tiveram ao ler a passagem escolhida. O título, “Reverberações”, surgiu porque, nesse momento, as alunas retomaram expressões que já tinham sido trazidas nos encontros síncronos.

No segundo capítulo, *Olhares femininos especializados*, apresento um breve levantamento de estudos acadêmicos escritos por mulheres que também adotaram uma perspectiva centrada em questões femininas. A pesquisa foi realizada por meio do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Este momento da dissertação também versa sobre estudos escritos por mulheres sobre *TB*, compreendidos em outra área do conhecimento, a saber: na área jurídica, servindo de subsídio aos temas que, por sua vez, foram abordados pelas participantes de minha pesquisa. Acredito que este segundo capítulo é relevante, uma vez que o leitor, além das contribuições de minhas alunas, pode entrar em contato com outros vieses e outros estudos mais especializados sobre o romance. Ele também me foi útil, no sentido de perceber que as minhas preocupações eram também a de outras pesquisadoras. Por fim, mas ainda neste segundo capítulo, dialogo com a crítica literária feminina anterior ao ano 2000, representada por meio de três autoras que me pareceram principais: Márcia Rios da Silva, Sudha Swarnakar e Walnice Nogueira Galvão. Segundo esta organização, e como as anteriores, o capítulo está subdividido em três subseções: 2.1 “Os olhares acadêmicos nos estudos literários”, 2.2 Mais alguns olhares da crítica literária feminina”, 2.3 “Tereza Batista à luz da Lei Maria da Penha e do ECA”.

Considerando, segundo Candido (2011), que a literatura pode ser um instrumento de instrução e de educação, busquei expandir algumas análises sobre as cenas de violências que causaram mais sentimento de aversão em minhas alunas. Por isso, algumas cenas são reapresentadas sob o meu olhar no terceiro capítulo, intitulado, justamente, *Meu olhar: a violência em Tereza Batista, cansada de guerra*, no qual analiso as violências sofridas, sobretudo por Tereza, mas também por outras personagens mulheres, subdividido em cinco seções, a saber: “Tereza Batista, argola no colar do capitão”, “A menina e o 'seu dono legítimo””,

“Tereza, Favo de mel”, “Tetá Muçurumim”, “Respeite a mulher do cara!” e “Dóris: devoção e violências”.

Os apêndices e anexos, apesar de extensos, podem, a meu ver, dar subsídios a outros professores de Literatura, pois referem-se a parte do material organizado e utilizado por mim para desenvolver as atividades síncronas e assíncronas durante a coleta de opinião. O “APÊNDICE A” traz o cronograma postado nos grupos de WhatsApp e redes sociais da escola. No “APÊNDICE B”, são apresentados os fragmentos/cenas disponibilizados como base das discussões e atividades escritas. O “ANEXO A” recolhe o depoimento da participante que não conseguiu fazer a leitura do romance. Já os “ANEXOS B”, “C” e “D” são textos produzidos pelas alunas durante as atividades assíncronas, aos quais faço referência em minhas análises.

1 OS OLHARES FEMININOS NO ÂMBITO ESCOLAR

Considerando que esta pesquisa propõe um olhar para as leituras e percepções de mulheres sobre o livro de JA, neste capítulo, será apresentada uma seleção do material coletado nos encontros síncronos e atividades assíncronas com as alunas e servidoras da Escola Nilo Coelho (Ministro Andreazza - RO). No primeiro caso, os textos são as falas extraídas desses encontros e, no segundo, fragmentos de textos escritos por essas mulheres. Procurarei analisar como as participantes da pesquisa enxergam e se identificam com as personagens do romance. É importante dizer que, embora tenham sido levadas em consideração todas as falas e textos das participantes durante a primeira etapa da pesquisa, nesta dissertação, optei por fazer uma seleção dos dados coletados. Também cabe acrescentar que a escrita do capítulo está organizada de acordo com a sequência cronológica dos encontros e das atividades realizadas durante a pesquisa.

A primeira seção corresponde ao primeiro encontro síncrono; a segunda, ao segundo encontro, e assim sucessivamente, até o quinto encontro. Além disso, a sexta seção recupera, contextualiza e discute uma seleção de frases escritas por minhas alunas durante as atividades assíncronas. Os subtítulos recortam, por sua vez, uma frase dita ou escrita por uma das participantes. É importante pontuar que busquei pontuar as falas das participantes, sobretudo das alunas, buscando constatar a capacidade de preencherem as lacunas deixadas pelo autor em meio à narrativa.

Levando em consideração que o foco de atribuir sentidos ao texto está no leitor, tomei como base para esta reflexão o ensaio intitulado *Leitor-Modelo* de Umberto Eco, publicado em 1979. Segundo o crítico e escritor italiano, os textos diferem entre si devido às diferentes formas de estar entremeados com não-ditos, convidando o leitor a completar as lacunas a seu modo. Eco (1979, p. 36) ainda diz que o “não-dito significa o que não é manifestado por meio da expressão e que necessita ser atualizado pelo leitor a nível de conteúdo”, exigindo “movimentos cooperativos, conscientes e ativos”. Nesse sentido, o leitor deve utilizar seu repertório de conhecimentos para preencher as lacunas e atribuir sentido(s) ao texto.

Ainda sobre as formas de o leitor fazer a leitura de um texto, Eco, no ensaio “Entrando no bosque”, abertura do livro *Seis Passeios pelo Bosque da ficção*, afirma que o leitor é livre para fazer as escolhas em relação ao livro que lê, pois tem a liberdade para caminhar no “bosque” da narrativa. De acordo com Eco (1994, p. 14), “o leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto. Ele lê de múltiplas formas e não existe lei que estabeleça como

devem ler”. Para o crítico, o leitor aproveita o texto e é movido e induzido pelas suas próprias percepções externas e internas, tirando o leitor do seu modo particular, colocando-o no modo de representação que é próprio da literatura.

Também como esteio para a análise das contribuições efetivas das alunas, considerei as ponderações de Rildo Cosson em *Letramento literário: teoria e prática*, publicado em 2009. De acordo com ele, “interpretar é dialogar com o texto” (Cosson, 2009, p. 64). Para que a interpretação se efetive é necessária a união “do contexto dado pelo próprio texto e o contexto dado pelo leitor, pela sua vivência” (Cosson, 2009, p. 86) de mundo.

1.1 “O MAIS DOLOROSO É SABER QUE EXISTEM MUITAS TEREZAS POR AÍ”

Esta é a fala de uma das alunas, durante o primeiro encontro síncrono para a discussão de *TB*, realizado no dia 4 de agosto de 2021. Ao ouvi-la e, mais ainda, ao lê-la, percebi que a aluna considera que há, mesmo nos dias de hoje, muitas outras mulheres que vivem situações de violência semelhantes às vividas por Tereza Batista.

O primeiro encontro síncrono teve como objetivo principal colher as primeiras impressões, independentemente de terem concluído a leitura ou não, do romance. Iniciei o encontro explicando que as ações do projeto “Dia de ler. Todo dia” começariam com aquela conversa descontraída, tendo como objetivo principal promover a discussão e a reflexão sobre o romance, priorizando a leitura prazerosa e a construção de uma relação significativa. A ideia seria que não se preocupassem em elaborar discursos sobre o romance, pois não se tratava de uma atividade de comprovação da leitura. Sabe-se, afinal, que esta é uma prática recorrente no dia a dia, pois “quando o professor determina a leitura de obras literárias, sua primeira ação parece ser a de comprovação de leitura, ou seja, conferir se o aluno leu efetivamente o texto” (Cosson, 2009, p. 46), deixando de lado o ensino da leitura prazerosa, por fruição.

Nessa perspectiva, sugeri algumas perguntas norteadoras, tais como: “Quais impressões tiveram ao ler o romance?”, “Qual a impressão que tiveram dos personagens masculinos?”, “E dos personagens femininos?”, “Quem foi Tereza e o que acharam sobre a protagonista do livro?”. Segundo Cosson (2009, p. 83-84), esse momento, chamado de “primeira interpretação”, serve para levar o aluno a traduzir a impressão que teve do texto e “sua sensibilidade de leitor”.

Como esperado, muitas alunas não tinham terminado a leitura do romance. O encontro era, numa das expressões de Cosson (2009, p. 62), um “intervalo”: momento organizado para os alunos apresentarem as primeiras impressões de suas leituras. Mesmo assim, eu queria ouvi-las de uma maneira mais espontânea e sem restrições de forma, por isso, durante o tempo das

falas das alunas, não fiz nenhum questionamento ou solicitação para que elas aprofundassem suas explicações. Além disso, eu mesma estava ansiosa com o nível de engajamento da turma, pois estávamos passando por dificuldades relacionadas à ausência dos alunos nas aulas síncronas.

Candido (2011, p. 180) nos lembra, em “O direito à literatura”, da capacidade que o texto literário tem de impressionar seus leitores, cujo efeito é construído pelo autor de forma intencional. Ainda nos diz que “nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação”. Segundo o crítico brasileiro, no contexto da educação escolar, o livro pode chegar a gerar conflitos, pois “o seu efeito ultrapassa as normas estabelecidas” (Candido, 2011, p. 178). Nesse sentido, uma servidora pontuou ser revoltante ler e saber que situações parecidas com as de Tereza existiram mesmo. “Para coronéis como Justiniano, era uma honra tirar a virgindade de uma criança, mesmo contra a vontade dela” (F. S. S., 43 anos). Ao ler o livro, ela relacionou a ficção com uma realidade do passado, vendo a literatura como um reflexo do real. Por isso, a servidora também expressou sua empatia com a protagonista, afirmando que era impossível não sentir “muito dó” e não sofrer com as dores de Tereza.

Do mesmo modo, outras três alunas, que também se identificaram com a personagem, além de uma servidora, afirmaram ter segurado as lágrimas nas cenas que envolviam Tereza e Justiniano. “Tadinha dela. Eu fiquei com muito dó dela pela forma que ele tratava Tereza” (M.P. M., 17 anos), disse uma das alunas.

A participante S.S.B, de 17 anos, declarou que Tereza foi obrigada, pelas más circunstâncias, a ser prostituta, e que foi forçada a vender o corpo, não restando para ela outra alternativa. Demonstrando empatia pela protagonista, afirmou que “isso machuca a gente, quando a gente lê esse livro”. Esta afirmação pode ser interpretada como um trabalho realizado pela leitora para completar as lacunas deixadas pelo narrador, corroborando a afirmação de Eco (1994, p. 9) de que “o texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho”. Isso porque em nenhum momento o narrador explicita que Tereza Batista foi obrigada a se tornar prostituta, embora narre as agruras da vida da protagonista, deixando uma margem de interpretação para que o leitor conclua se a personagem se tornou prostituta por obrigação ou vontade própria.

Segundo a discente, “Tereza sofreu mais, pois de todas as meninas que o personagem Justiniano pegava, ficou mais tempo nas mãos dele, dois anos e alguns meses. As outras, ele só usava e descartava. É revoltante!” (L. L. R., 18 anos). Ao comparar o sofrimento de Tereza com o sofrimento das outras meninas que também foram estupradas pelo personagem Justiniano, a

aluna afirma que foi a parte mais dolorida para ler em decorrência da cena ser violenta. Tendo em mente, que parte da fala dessa aluna, foi utilizada por mim para intitular esta seção. Pois, ao demonstrar certa empatia, a estudante parece servir-se do romance amadiano para fazer uma denúncia social, ao dizer que “o mais doloroso é saber que existem muitas Terezas por aí, e que, por medo de apanhar, muitas são silenciadas” (L.L.R., 18 anos).

Em vários momentos, mencionou-se como inadmissível e imperdoável a cena em que a tia Felipa vende a sobrinha. Nesse momento da narração, o autor também permite que o leitor reflita sobre o abuso sexual infantil. A literatura, bem como nos lembra Candido (2011, p. 177), tem a capacidade de propor, denunciar e combater os problemas sociais e humanos. À vista disso, pude perceber que a denúncia social do romance continua válida para as leitoras de hoje. Candido (2011, p. 188) afirmava que a crítica social em Jorge Amado era explícita e foi “muito eficiente”, uma vez que serviu de “desmascaramento social”, contribuindo para “expor e denunciar a miséria, a exploração econômica e a marginalização”, o que o tornou conhecido, além de outros escritores dessa época, “como defensor dos direitos humanos”.

Em seus depoimentos, as participantes afirmaram que Tereza mostrou-se “forte”, “guerreira”, “persistente” e “inteligente”, apesar de ter vivido na roça. Ressalto aqui que os adjetivos “forte” e “guerreira” surgiram em todos os relatos de leitura. Como se as palavras da primeira aluna que as pronunciou tivessem feito muito sentido para as seguintes. As alunas enfatizaram o senso de justiça da personagem principal, sua honestidade e a disposição para as causas “justas”.

Em várias falas pude perceber as inferências que fizeram a partir do texto a fim de atribuir sentido às lacunas. Segundo Eco (1994, p. 12), ao atribuir sentido ao texto, o leitor precisa fazer escolhas o tempo todo, mesmo que de forma inconsciente, para deduzir as escolhas do autor. Essa estratégia faz com que o leitor passe muito tempo refletindo sobre o que aconteceu. Ainda sob essa mesma perspectiva, pude notar outras informações implícitas, de comparação do texto fictício com a realidade vivida pelos alunos. Uma aluna, por exemplo, ao comentar sobre as violências que Tereza sofreu quando criança, constatou que “alguma coisa já conseguimos avançar, pelo menos hoje em dia é crime”. Além da criminalização da violência contra as mulheres, o implícito da frase referia-se à criminalização da exploração infantil. Outra aluna acrescentou que “aconteceu muito e ainda acontece, mas que naquele tempo não tinha justiça, não era considerado crime e é muito cruel”. Essas falas dão a entender que a criminalização das violências físicas e sexuais contra crianças e mulheres representam um avanço para essas jovens nos dias de hoje. O entendimento das alunas também permite inferir

que, de certa forma, elas já se sentem um pouco mais protegidas, diferentemente da protagonista de JA.

Surpreendeu-me, por outro lado, que as adolescentes, vistas normalmente como pessoas extremamente preocupadas com a aparência física, não ressaltaram a beleza de Tereza. Esta foi abordada apenas por uma aluna, que chegou a explicar que pelo fato de Tereza ser muito bonita, os homens queriam ter relacionamentos íntimos com ela. Esta aluna trouxe à tona a vinculação da beleza exterior com os relacionamentos sexuais, uma vez que no romance é apresentado os personagens masculinos fascinados pela beleza de Tereza e, em diversos momentos da narrativa, ressalta a beleza da protagonista e o desejo de fazer sexo com ela. O próprio narrador questiona o leitor: acaso haveria algum homem que “se conforma com a doce amizade de uma mulher bonita”? (Amado, 2008, p. 27). O assunto beleza e sexo não foi abordado nesse encontro com mais ênfase e nem mencionado pelas outras participantes, talvez em função da timidez.

Continuei a indagá-las a respeito dos personagens masculinos em geral. O que poderiam dizer sobre eles? Ao me responderem, algumas leitoras afirmaram que os homens do romance eram machistas e agressivos, de “coração mau” (A. V., 17 anos). Eles demonstravam uma relação de “poder soberano”, haja vista que todas as formas de domínio eram exercidas por eles, sobretudo a autoridade sobre as mulheres pobres, restando para elas a prostituição e, na melhor das hipóteses, um casamento. Também foi abordada a questão do domínio sexual, uma vez que “o prazer sexual era somente para eles. As mulheres não podiam ter prazer na intimidade” (D.A. S., 18 anos). Ao declarar que Emiliano comprou Tereza, a aluna faz alusão à cena em que Emiliano chega no bordel em que Tereza estava vivendo, delega que ela iria embora com ele, em seguida, tirou da carteira algumas notas, e as entregou a Gabi, cafetina da casa de prostituição em que Tereza estava “parando” (Amado, 2008, p. 255).

Em seguida, Justiniano foi descrito por uma aluna como “um monstro”. Durante a discussão sobre o comportamento do personagem Justiniano, tanto servidoras quanto alunas se sentiram representadas pela afirmação de A.S.B.: “o capitão Justo que de justo não tem nada, pois é um pedófilo, asqueroso e brutal, só tratava as mulheres com violência e deveria ser real para ser linchado” (A. S. B., 16 anos). Nesta opinião, percebo a prática de violência que, em algumas mulheres do grupo, é culturalmente internalizada como forma de estabelecer o mando e, por conseguinte, a obediência, pois, por meio de subentendidos, algumas participantes disseram que a mulher também se sente autorizada para ser violenta e assumir o mando em relação a outrem, sem se importar sequer com os direitos do princípio da dignidade do ser humano.

Em relação às personagens femininas, uma aluna declarou que todas as mulheres do romance são “guerreiras demais, fortes, elas suportaram muitas coisas” (M. J. F., 17 anos). Uma frase que até certo ponto pode ser vista como uma desleitura, pois na maior parte das cenas do livro as personagens femininas são mostradas como vítimas da violência, sendo sexualmente exploradas pelos homens. Levando em consideração que o leitor é quem sempre lê ou deslê o texto. Nesse sentido, em vez de olhar para a maior parte das personagens femininas, algumas alunas enfatizaram a presença da personagem Joana, que aprendeu a ler em uma semana. Ela, afinal, justificaria a força e a garra das mulheres. Uma vez que, ao expressarem preferência por Joana, as alunas fazem alusão ao reconhecimento hoje atribuído às mulheres. Elas ainda acrescentaram que a personagem feminina Felipa, apesar de ser muito má, também era forte, pois provia o necessário para o lar e mandava em sua casa.

No dia seguinte ao primeiro encontro, e para aguçar a curiosidade dos alunos que não tinham terminado a leitura, fiz um *post* com o cronograma das ações que as turmas dos 2º e 3º anos desenvolveriam dentro do projeto “Dia de ler. Todo dia!” (o leitor pode conferi-lo no ANEXO B). Publiquei a postagem nos grupos de *WhatsApp* e no *Instagram* da Escola Nilo Coelho. Creio que o gesto serviu para aumentar o envolvimento dos alunos e dos servidores nos encontros seguintes, tendo em vista que o número de participantes foi maior, passando de 27 a 42, chegando a ter, durante a quarta discussão, mais de 80 participantes. Muitos deles, além disso, indicaram que tinham terminado de ler o romance. Aproximadamente dez alunos iniciaram a leitura do romance depois do primeiro encontro. Percebi que se viram motivados a ler pelo fato de quererem participar das discussões, pois desejavam dar suas opiniões e serem ouvidos.

1.2 “ELE QUEIMOU OS PÉS DELA PARA ELA NÃO ESCAPAR”

No segundo encontro, realizado no dia 11 de agosto de 2021, via *Google Meet*. Os alunos fizeram uma discussão sobre algumas passagens do romance *TB*. Nesse encontro, abordamos sete cenas previamente escolhidas por mim. Tratou-se de um trabalho específico e seguindo o texto mais de perto. Mais uma vez, procurei seguir a sugestão de Cosson (2009, p. 63) de que a leitura de trechos escolhidos pelo professor de literatura pode servir como base para as discussões. Assim, para esse momento de socialização, as passagens do romance foram apresentadas na tela e lidas em voz alta por mim, uma por vez, com tempo para discussão entre cada uma delas. Focalizaram-se cenas nas quais apareciam os personagens Justiniano Duarte da Rosa, Tereza, Felipa, Rosalvo, Dóris, Emiliano Guedes, Magda, Amália, Teodora, Berta,

Peixe Cação e Juiz Eustáquio. As discussões de cada passagem tiveram como base as seguintes perguntas: como interpretavam as atitudes daqueles personagens? O que foi possível extrair das cenas? O que sentiram ao lê-las e, em especial, como soaram as falas dos personagens masculinos?

No início desse encontro, quatro alunas contaram que, após ler o romance, assistiram a alguns capítulos da minissérie *Tereza Batista* pelo *YouTube*, motivadas pela curiosidade de ver como os personagens foram representados. Ainda sobre a curiosidade de ver a adaptação televisiva, uma participante complementou que foi movida pela vontade de ver como era a fisionomia dos personagens e se realmente era verdade que o autor Jorge Amado, em suas obras, costuma abordar realidades tristes. Ao sentirem a necessidade de assistir à representação televisiva das personagens, as leitoras demonstraram certa dificuldade de leitura, pois segundo elas próprias, “não entenderam” o romance e nem “formaram imagens sobre ele devido às palavras serem de difícil compreensão”. Assim, é possível inferir que essas quatro alunas/leitoras ainda não são capazes de construir, por meio da decodificação das palavras, as marcas de cada um dos personagens e, até o momento, possivelmente, não tinham estabelecido uma relação de maior intimidade com os livros, daí a necessidade da visualização, ou seja, de outra linguagem, que pudesse ajudar no processo da representação.

Os depoimentos das quatro alunas me provocaram algumas reflexões sobre a escolha do romance e sobre os critérios que eu não considerei na hora de planejar o projeto de leitura, pois pude perceber que a dificuldade de compreensão também se deu pela quantidade de páginas do livro. As alunas não tinham, ainda, o hábito da leitura estabelecido e um romance extenso dificultava a tarefa. Ainda acredito que, nesse mesmo sentido, houve dificuldades de compreensão relacionadas a aspectos geracionais, uma vez que hoje os jovens recorrem mais aos recursos visuais, mais acostumados com as telas, o que torna o hábito de leitura menos comum.

Uma adaptação ou uma ilustração do romance são leituras possíveis, próprias daqueles que fizeram a adequação para a televisão ou a representação das cenas por meio de desenhos, contudo, não são possibilidades estáveis e únicas. As palavras são abertas, ou seja, passíveis de várias interpretações. Ao contrário, as representações fílmicas e pictográficas limitam o texto, tirando a oportunidade de leituras próprias. Robert Stam (2006), no ensaio “Teoria e Prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade”, argumenta que qualquer adaptação é um tipo de leitura do romance baseado nos interesses do adaptador. O estudioso ainda diz que o romance pode gerar um número infinito de leituras. Sobre essa mesma temática, Cosson (2009, p. 95)

argumenta que “os filmes e as minisséries televisivas que foram baseados na obra são um material interessante”, no entanto, não “devem ser lidos como reelaboraões do texto”, tampouco como uma “mera transcrição” em outra forma de registro.

Outra aluna pontuou que também assistiu à trama televisiva para criar, em sua mente, uma noção da aparência dos personagens e quis averiguar como as personagens femininas são retratadas na dramatização do livro. Ao ler o livro, a participante disse que se perguntava, “meu Deus, será que realmente tá mostrando tudo isso na minissérie, será que realmente aconteceu?” (L.S. R., 18 anos). Ela revela que, ao assistir, notou que as primeiras cenas são de Tereza, ainda com a inocência de criança, usando um vestido curto, em cima da goiabeira. Ainda pontuou que a minissérie causou espanto, pois esperava uma representação mais branda, sem tanta violência física e sexual. Por ser um romance de Jorge Amado, ela acreditava que os assuntos polêmicos seriam amenizados na televisão. Contudo, segundo ela, a versão filmada “traz também essa coisa da mulher com roupa curta, mostrando as pernas, aquele olhar maldoso do homem sobre ela” (L. S. R., 18 anos).

É curioso o fato de as alunas assimilarem o romance como se fosse a realidade, e a minissérie, mais claramente, como uma representação dessa realidade. É evidente que isto ocorre devido à habilidade do escritor baiano de colocar tão bem, em sua escrita, fatos cotidianos, e da habilidade, imperceptível para os próprios alunos, de completarem o texto com os conhecimentos que têm do mundo que os cerca.

Em relação aos excertos do romance selecionados para este encontro, o leitor pode consultá-los no Anexo C desta dissertação (p.101). Neste tópico, me eximo de apresentar todas as falas das participantes e reservo-me, como em outros momentos, às passagens selecionadas que suscitaram mais discussão ou que evidenciaram, nos comentários das alunas, momentos de análise significativos para os objetivos desta pesquisa, vinculados com o processo da leitura literária e do feminino.

A primeira cena lida narra a chegada de Justiniano à casa de Felipa e seus olhares interessados/maliciosos, dirigidos à menina que ainda não completara 13 anos. Nesse dia, sua tia Felipa a vendeu para o capitão “por um conto e quinhentos, uma carga de mantimentos e um anel de pedra falsa” (Amado, 2008, p. 73). Por ter cuidado de Tereza desde quando seus pais morreram e tido dispêndios financeiros com a sua criação, a tia se achou no direito de ser ressarcida financeiramente. O narrador onisciente deste momento do romance declara ao leitor que “é justo, seja ela, Felipa, a cobrar e a receber” (Amado, 2008, p. 76).

Outro motivo, e o mais forte para vender a sobrinha, foi o fato de perceber os olhares de Rosalvo, seu marido. A mulher chega à conclusão de que, “se não fosse o capitão”, seria outro qualquer, um menino ou o próprio tio (Amado, 2008, p. 76). Por outro lado, ela também estava certa do poder de Justiniano. Se o capitão a quisesse mesmo, levaria a menina sem pagar. Por isso, Felipa se adianta para fechar o negócio e obter algum lucro. Tereza era sua única moeda.

Os olhos do capitão acompanham a menina na escalada, de galho em galho. Os movimentos largos levantam o saiote, mostram a calçola suja de barro. Apertam-se ainda mais os olhos pequeninos de Justiniano Duarte da Rosa — para ver melhor e imaginar. Também os olhos de Rosalvo, baços e cansados, olhos de cachaça em geral postos no chão, se animam à visão de Tereza, movem-se, sobem pelas pernas e ancas. Da beira do fogo, Felipa atenta aos olhares de Justiniano Duarte da Rosa e aos do marido: se demorar, por pouco que seja, Rosalvo passa ela nos peitos. As intenções do marido em relação à sobrinha, Felipa as percebera há muito. Razão a mais, poderosa, a favor das evidentes pretensões do capitão. Três visitas em duas semanas, muita conversa fiada, desperdício de tempo. Quando finalmente se decidirá a botar as cartas na mesa e a falar de negócios? Na opinião de Felipa é hora de terminar com tantas preliminares, o capitão já exibiu riqueza, poder, capangas, já demonstrou desejo e poderio, por que não fala de uma vez? Ou pensa que vai levar o bom-bocado de graça? Se assim imagina, então não conhece Felipa. O capitão Justo pode ser proprietário de terras, de roças plantadas e de cabeças de gado, do maior armazém da cidade, chefe de jagunços, mandante de mortes, violento e perverso, mas nem por isso é dono ou parente de Tereza, não foi ele quem a alimentou e vestiu durante quatro anos e meio. Se a quiser, terá de pagar (Amado, 2008, p. 75).

Na cena em questão, reforça-se a inocência de uma menina que foi tirada, lamentavelmente, do seu mundo de criança de maneira drástica. Algumas alunas afirmaram que a tia não tinha coração e não amava Tereza, embora tivesse a obrigação de protegê-la e amá-la, pois a menina não tinha outros familiares. Para as participantes que se manifestaram, o que a motivou a vender a sobrinha foi o “ciúme possessivo” que tinha do marido. Ao tecer este tipo de comentário, além de as alunas confirmarem que realmente tinham lido o romance, indicaram que eram capazes de ler nas entrelinhas, ou seja, de interpretar, pois o ciúme, bem como o despeito da tia, não é narrado de forma explícita. Além disso, é necessário pontuar aqui alguns pensamentos de Felipa, indicados pelo discurso indireto livre do romance, que possivelmente tenham contribuído para que as leitoras identificassem tal sentimento na personagem: “Da beira do fogo, Felipa atenta aos olhares de Justiniano Duarte da Rosa e aos do marido: se demorar, por pouco que seja, Rosalvo passa ela nos peitos” (Amado, 2008, p. 75) e “Eu sei o que tu [Rosalvo] está querendo, cabrão descarado. Vem, antes que eu perca a paciência” (Amado, 2008, p. 83).

Durante as discussões deste momento do romance, as expressões mais empregadas pelas interlocutoras foram “falta de amor” e “sem coração” para se referir a Felipa, segundo

certa concepção de família, cujos laços sanguíneos são muito valorizados. Percebe-se que o lugar de fala dessas leitoras tende a corroborar um ideal de família, comumente tida pela sociedade como “perfeita”, e que deve manifestar amor, compaixão e, acima de tudo, respeito mútuo. Tudo isto deveria ser natural, com especial ênfase nas relações mais íntimas, como no caso do vínculo entre Tereza e Felipa, pois a tia ocupava o espaço maternal na vida da protagonista. Tereza “considerava a tia como uma mãe, ela não esperava que a tia fizesse isso” (C. B., 17 anos). Assim, observei que o maior peso da condenação por parte das alunas recaiu sobre Felipa, enquanto Rosalvo recebeu uma pena mais branda. Isso deve, em parte, à tendência da sociedade de julgar mais severamente as mulheres em comparação com os homens, especialmente em papéis parentais ou de cuidado. As expectativas em torno da conduta feminina são frequentemente mais rígidas, o que pode resultar em uma condenação mais severa de Felipa, que ocupava a posição de mãe substituta.

Em todas as falas, pude constatar que, para as participantes que comentaram a cena em questão, Justiniano, de fato, representa uma forma de poder por via financeira. Se o homem tem dinheiro, pode tudo, inclusive estuprar meninas. Uma servidora fez o seguinte comentário: “o homem está acima do sexo feminino em todos os âmbitos”. Ela deixava em evidência que, segundo a sua perspectiva, a relação de poder exercida pelo homem sobre a mulher ultrapassa a ficção e se verifica no mundo em que vive. Para esta servidora, o homem exerce poder sobre a mulher em todo o contexto social, familiar e, sobretudo, financeiro. A partir dessa fala, é possível depreender que o texto de Jorge Amado serviu de base para essa leitora expor suas concepções sobre os homens em geral.

Incorporando outras leituras e vivências em relação ao domínio masculino exercido sobre a mulher, a questão religiosa foi levantada por algumas interlocutoras da pesquisa. Para uma servidora, certa interpretação da Bíblia pode justificar o domínio do homem sobre a mulher. De acordo com esta interpretação, a mulher seria culpabilizada porque quem pecou foi Eva. Devido a isto, “a mulher tem que aceitar tudo. Levam até para o campo religioso” (S. C. M., 43 anos). Esse tipo de fala demonstra o quanto a religião é parte importante do seu cotidiano, ainda que a enxergue de maneira crítica. Além disso, ao relacionar a sua análise bíblica com a leitura do romance, a servidora mostrou-se capaz de somar a leitura de Amado ao seu conhecimento prévio e letrado, baseado em leituras bíblicas. Como diria Cosson (2009, p. 65), “a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura”. Eco (1994, p.12), por sua vez, também afirmaria que o texto necessita que o seu leitor agregue novos elementos aos conhecimentos prévios para haver, de fato, uma construção de sentidos significativa.

De acordo com Cosson (2009, p. 86), ao ler um livro o leitor também lê o seu contexto, pois ambos se mesclam a ponto de não conseguirmos estabelecer limites entre eles. Nesse sentido, a servidora M. D., 28 anos, afirmou que a ação de Felipe remete ao contexto da época, ou seja, era a realidade daquele momento. As mulheres pobres eram vendidas e, por conseguinte, venderiam as filhas e/ou as sobrinhas da mesma forma como ocorreu com elas próprias. A atitude de Rosalvo foi comparada a muitas ações de pais, primos, irmãos e tios. Para ela, é inegável que delitos como esse ainda existam. Dado que, segundo a servidora, atualmente, os números de casos de pedofilia dentro das famílias são até maiores, pois “a população está mais consciente” e, por conseguinte, “as denúncias aumentaram”. M. D. (28 anos) não deixou claro se ela vivenciou alguma realidade similar a essa ou se estava apenas ratificando que naquela época era comum as mulheres serem vendidas.

Outra cena lida durante o encontro foi a passagem em que Justiniano trouxe para o quarto onde Tereza estava um ferro de passar roupas, cheio de brasas. Ao ver o objeto que o capitão trazia nas mãos, a menina implora perdão, diz com desespero que não fugiria mais, suplicando, pelo amor que ele sentia por sua mãe, que não a queimasse. Tereza estava amarrada e deitada de barriga para cima no momento em que ele “aplicou o ferro de engomar primeiro num pé, depois no outro” (Amado, 2008, p. 124)⁴. Finalmente, depois desta violação, Tereza Batista obedeceu aos comandos do capitão.

De forma unânime, as estudantes e servidoras que se pronunciaram nesse momento da conversa, disseram que a referida cena foi a que mais lhes chamou a atenção, devido ao grau de crueldade de Justiniano. E. S. S., 45 anos, servidora, afirmou que a passagem realmente fez com que ela sentisse a dor que a protagonista sentiu, pois parecia que era ela a sentir aquele ferro em seus pés, queimando-os. A fala dessa servidora me chamou atenção para um dos conceitos mais conhecidos da *Poética* de Aristóteles⁵, o da *catarse* (*katharsis*). Aristóteles argumenta que a tragédia tem a capacidade de purificar e purgar as emoções do público, permitindo que experimente a compaixão e o medo através da identificação com os personagens trágicos. Nesse sentido, no romance *TB* a tragédia da protagonista serviu de ferramenta literária para explorar os sentimentos de E. S. S., pois ao colocar-se no lugar da protagonista, e ao sentir empatia por suas lutas e emoções, a servidora parece ter experimentado algo similar à *catarse*.

⁴ Esta cena do romance voltará a ser analisada no capítulo 3, “O meu olhar: a violência em *Tereza Batista, cansada de guerra*”.

⁵ A definição de *catarse* e outros conceitos são vastamente apresentados na obra ARISTÓTELES. *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004. não é necessário

Questionadas por mim se poderiam dizer por quais motivos Justiniano escolheu os pés de Tereza para serem queimados, duas alunas foram enfáticas ao asseverar que a escolha foi proposital, pois ela não teria como fugir do estupro: “Tereza estava ali, debaixo dos olhos dele, não podia sair mais para lugar nenhum”, disse A. S. S. (20 anos). Relacionando a leitura com seus conhecimentos prévios, outra estudante disse que o capitão a marcou assim como marca o gado. Tereza seria sua propriedade: “só dele, mais ninguém podia mexer, marcou ela, (sic) é minha, só minha e pronto!” (A. S. S., 20 anos). Complementando a fala das colegas, outra discente disse que “ele queimou os pés dela para ela não escapar” (L. L. A., 17 anos). Diante das respostas dessas participantes, pude constatar que conseguiram, mais uma vez, atribuir sentido ao texto, já que perceberam que os pés de Tereza não foram escolhidos de forma aleatória.

Para tratar da personagem Dóris, foram lidas duas cenas. A primeira relata o momento do início das relações sexuais com Justiniano, quando ainda estavam presentes os convidados da festa de casamento na sala da casa de Dóris. Enquanto o capitão impõe silêncio à noiva, o desejo dela é gritar para expressar o orgulho que sente de ser “possuída” (Amado, 2008, p. 104) por “um homem” (Amado, 2008, p. 104) e para que todas as colegas vissem que agora ela o tinha, e era seu esposo, de “aliança na igreja, não um menino de colégio” (Amado, 2008, p. 104).

No outro trecho lido, o narrador expõe certa preocupação de dona Brígida, a mãe de Dóris, com a vida futura da filha. Para ela, sua filha não tinha o que desejar, a não ser tornar-se professora primária ou irmã de caridade, pois era impossível que arrumasse um casamento, devido à sua má condição financeira, à falta de beleza e à doença.

Fazendo-se moça e mulher na leseira da cidade, a que poderia Dóris aspirar? Concluído o curso normal no colégio das irmãs, ou bem arranjaria, com muito pedido e pistolão, por ser órfã do dr. Ubaldo, mísero lugar de professora primária numa das poucas escolas do município ou do estado, ou bem professaria, ingressando no convento. Regente de escola primária ou irmã de caridade, dona Brígida não conseguia enxergar terceira opção. Marido, casamento? Impossível (Amado, 2008, p. 93).

Logo os trechos lidos geraram muita discussão, em especial em função da representação que se faz da personagem Dóris. As participantes fizeram comentários sobre a aparência física e acerca do fato de a menina sentir-se desprezada pelos rapazes da cidade e achar-se menos bonita do que as outras moças do vilarejo. Uma das alunas disse que Dóris foi a única que realmente se apaixonou pelo capitão; as outras sentiam medo dele. A estudante comenta: “nossa, ela se sentia a *bam-bam-bam* por estar se casando com o capitão, mal sabe ela, coitada!”

(T. A. Z., 17 anos). Para esta aluna, era impossível que cedo ou tarde Dóris não soubesse das maldades que Justiniano fazia com as outras meninas, dado que todos em volta tinham conhecimento das atrocidades. A mesma participante chegou a fazer uma hipótese que reforçava seu argumento anterior, a respeito do amor genuíno de Dóris pelo capitão: “do jeito que o livro traz que ela estava apaixonada, eu acho que ela não se importaria em saber” (T. A. Z., 17 anos). Como se depreende desta fala, parece que a interlocutora da pesquisa percebe Dóris como alguém capaz de, motivada por seu amor pelo capitão, ignorar as transgressões deste, conferindo-lhe uma profundidade e autenticidade emocional. Outros comentários, de outras alunas, transmitiram aversão à atitude de Dóris em se casar com o capitão e fazer “vistas grossas” (A. E. P., 16 anos) ao estupro de outras meninas.

Para todas as alunas que se manifestaram, o fato de Dóris amar Justiniano causou indignação e curiosidade. Como, afinal, entender aquele sentimento, dedicado a um homem tão facilmente condenável? Uma discente, intrigada, questionou: “Como é que ela [Dóris] ia gostar de um homem daquele?! Não tem condições!”. E continuou: “aquela mulher, sei lá, eu acho ela um pouco sonsa” (B. S. B., 16 anos). Observa-se, nestas falas, o poder da escrita literária em levar o leitor a pensar além da ficção, evidenciando a capacidade da literatura de despertar discussões sobre complexidades humanas, dilemas morais e relações interpessoais.

Ainda em relação à minissérie, não posso deixar de registrar o fato de uma das participantes ter me relatado que não participaria das discussões porque não havia conseguido ler o livro. Contou-me que, ao iniciar a leitura, sentiu desejo de assistir à minissérie, no entanto, logo no primeiro capítulo, começou a passar mal em função da violência. Afirmou, ainda, que também não levou adiante a leitura, pois até a sua pressão arterial começou a subir, sentindo muita pena de Tereza. Ao finalizar os encontros, passei a me questionar por quais motivos ela não havia conseguido ler o romance, nem assistir às cenas filmadas. Por que passou mal?

No decorrer das análises e da escrita, solicitei a ela um breve depoimento que explicasse os seus motivos e enfatizei que seu texto se manteria anônimo. De início, ela pediu para que eu “deixasse pra lá”. Não estava pronta para falar sobre o assunto, porém, depois de uma semana, mandou-me um depoimento que o leitor pode conferir, na íntegra, no ANEXO A desta dissertação, p.103. Fazendo uso de muitas reticências, a interlocutora indicava que, ao escrevê-lo, estava carregada de emoções, de pensamentos interrompidos e, quem sabe, angustiados, quem sabe comedidos. Ela confessava já no início do texto ter se identificado com a história de JA, “... Tereza representa muitas partes da minha memória vivida, numa época ao qual eu ando fugindo”. Relatou, por fim, que também tinha sofrido abusos sexuais do cunhado “monstro”

que a perseguiu durante toda a “infância, adolescência.... [o cunhado] Dizia que ia esperar eu crescer mais...”.

As duas narrativas, a real, da partícipe de minha pesquisa, e a fictícia, de Tereza, em vários momentos se cruzam de início, pelo fato de ambas serem vítimas de assédios sexuais quando crianças. No caso de Tereza, assediada pelo tio, no caso da interlocutora, pelo cunhado, que também era seu primo. A realidade e a ficção se entrelaçam no depoimento desta participante, que empresta ao cunhado-primo o discurso de Rosalvo, esperando a protagonista crescer. As duas meninas utilizaram facas para se proteger. E como no caso de Justiniano, que fez mais de uma vítima, o depoimento da participante relata que o cunhado-primo abusava também de suas irmãs.

É sabido que, no Brasil, a cada quatro horas, uma criança sofre violência sexual, e, na maioria dos casos, o agressor está dentro da própria casa da vítima. Devido a isto, muitos casos não são denunciados por vergonha dos julgamentos, por medo, ou por não acreditarem na criança quando esta resolve contar a outro adulto de sua confiança o que está se passando. No caso da participante, ninguém de sua família sabe do ocorrido, mesmo depois de muito tempo, pois ela ainda não se sente preparada psicologicamente para conversar abertamente sobre o assunto, ou até mesmo para buscar ajuda com um profissional da saúde mental. Ela contou que a raiz de todos os problemas psicológicos e psiquiátricos que enfrenta diariamente está no abuso sofrido ainda quando criança.

1.3 “A MULHER É OBJETO E NASCEU PARA SACIAR SUAS VONTADES”

No dia 18 de agosto de 2021, aconteceu outra discussão, novamente em uma quarta-feira, às 19h, pelo *Google Meet*. Na segunda-feira anterior, tinha deixado um “Bom dia!” com um recadinho de incentivo à leitura e à participação nas discussões no grupo da turma, no aplicativo *WhatsApp*. Enviei também um arquivo contendo 16 trechos retirados do romance, cujo conteúdo pode ser conferido pelo leitor no quadro disposto no Apêndice B desta dissertação (p.101).

As 16 passagens do romance, novamente escolhidas por mim, são cenas relacionadas às formas com que as mulheres foram representadas e as desigualdades de gênero sofridas. São violências físicas, psicológicas e sexuais, e referem-se à venda de meninas, à prostituição como meio de sobrevivência, à sujeição, ao machismo e sua reprodução, à objetificação do corpo, ao analfabetismo feminino, à diferença entre a educação dos filhos e das filhas, à ditadura da beleza

feminina, ao casamento como o melhor mecanismo para a mulher ascender socialmente, entre outros.

Considerando que a leitura é um “ato de construção do sentido”, capaz de tocar o leitor e levá-lo a produzir um entendimento individual sobre a obra (Cosson, 2009, p. 65), sugeri aos alunos que se organizassem em cinco grupos. Cada grupo – daqui em diante, nomeado Grupo A, B, C, D e E – escolheria as passagens que mais chamassem a atenção. Com a finalidade de comunicação e organização das passagens a serem escolhidas, os alunos utilizaram a rede social WhatsApp. É importante salientar ao leitor desta dissertação que, embora houvesse rapazes em todas as equipes, optei por coletar exclusivamente as opiniões femininas. Essa escolha foi feita com a intenção de focar em perspectivas específicas, relacionadas às experiências ou visões femininas, destacando as experiências únicas das mulheres e explorando questões ligadas ao gênero ou vivências femininas em particular.

Para a discussão, ofereci as seguintes orientações norteadoras para as equipes: contextualizar o que está acontecendo no texto, analisar a ação do personagem masculino e o papel da personagem feminina nos trechos escolhidos, avaliando se a ação se relaciona ou não às desigualdades entre o sexo feminino e masculino e qual é/seria o tema ou assunto principal da passagem analisada.

Diferentemente da proposta anterior, abordada na seção intitulada “Ele queimou os pés dela para ela não escapar”⁶, dessa vez, os alunos puderam escolher os temas a serem trabalhados a partir dos 16 fragmentos. A discussão foi realizada de maneira coletiva, ancorada na premissa de Cosson (2009) de que o compartilhamento de interpretações entre um grupo amplia os sentidos e impressões construídos de maneira individual.

Ciente da necessidade de organização do trabalho, foi escolhido um representante de cada grupo para apresentar aos demais alunos os trechos que foram selecionados por sua equipe. Após cada apresentação, a discussão foi estendida a todos os integrantes.

No que concerne ao trabalho solicitado, era esperado que os grupos escolhessem passagens do romance e que voltassem ao livro para contextualizar as cenas escolhidas. Também era esperado que escolhessem temas distintos uns dos outros e que houvesse, no interior dos grupos, discordância entre os alunos para decidirem quais seriam os fragmentos escolhidos. Contudo, os Grupos A, B, D e E relataram que foi fácil a escolha de duas passagens dentre as que havia na lista: “a fêmea é para ser possuída e acabou-se” (Amado, 2008, p. 132) e “Macho deveras não adula mulher” (Amado, 2008, p. 132). A escolha das passagens foi

⁶ Cf. p. 35-42.

considerada “fácil” por ter sido unânime entre os membros dos grupos. Outras duas passagens, escolhidas pelos Grupos B, C e E, foram: “A viúva assinou a rogo — assinando por ela Joel Reis, serviçal de Libório — por não saber ler nem escrever, incapaz de rabiscar o próprio nome” (Amado, 2008, p. 37). A outra passagem selecionada para a discussão foi o episódio em que são explicitados os pensamentos do personagem Daniel sobre sua chegada à cidade de Tereza e a recepção das mulheres locais.

A representante do Grupo A, ao comentar a citação “a fêmea é para ser possuída e acabou-se” (Amado, 2008, p. 132), afirmou com criticidade: “escolhemos esta [passagem] porque isso traz tanto da vida real da gente e pelo fato dele mostrar para a gente o que existe na vida, na sociedade. Por que homem querendo mandar em mulher?” (M. J. F. S., 18 anos). Para a equipe, o fato de os homens mandarem na mulher é uma questão “muito recorrente”. Muitos tratam-na como “objeto [que] nasceu para saciar suas vontades” (S. M., 17 anos). Ainda relacionando o romance à realidade vivida, o Grupo B apontou que o machismo se manifesta por meio de “diversos problemas, como a desigualdade de direito entre homens e mulheres”. Logo, depreende-se que estes diversos problemas abordados podem ser entendidos como os altos índices de violência, assédios, estupros, diferença salarial e muitas outras situações em que a mulher é subjugada ao domínio masculino, tornando-se vítimas.

O Grupo D, uma vez que também escolheram a frase “a fêmea é para ser possuída e acabou-se”, afirmou que, atualmente, há homens que pensam como o personagem Justiniano, que defendem que a mulher é posse masculina. A representante do Grupo D, ao apresentar, enfatizou que “tem muuuuuitos homens assim” (T. A., 18 anos). Devem ser ressaltadas a entonação e a intensidade que a referida aluna usou para expressar a palavra “muitos” em relação à quantidade de homens, pois, para ela, “têm muitos por aí que falam: é minha mulher, se não for minha, não é de mais ninguém”, assim como “tem mulher meio doida também, que fala que, se não for meu, não é de mais ninguém” (T. A., 18 anos). Ao usar a afirmação, “tem mulher meio doida”, a discente trouxe à reflexão quais os pesos do julgamento e qual é o mais pesado: o imposto ao homem ou o julgamento imposto à mulher? É constatado que, em sua primeira fala, diz apenas que há muitos homens; já para referir-se à mulher, adjetiva-a como “meio doida”, logo, fica evidente a estereotipação da mulher, mostrando que o machismo também é reproduzido por mulheres, mesmo que de forma inconsciente.

Questionados sobre como tinham encarado a fala de Justiniano de que a mulher serve apenas para ser possuída, todos os três grupos descreveram-no como “machista” e “autoritário”. Destaca-se que o adjetivo “autoritário” apareceu cinco vezes durante as falas das alunas ao

responderem à minha pergunta. A outra característica bastante usada pelas alunas para descrever o capitão foi “machista”, ocorrendo oito vezes, sugerindo que essas alunas reconhecem e rejeitam atitudes discriminatórias e opressivas em relação às mulheres.

Em relação à alcunha de capitão, uma discente indagou sobre Justiniano não ter nenhum cargo militar e nem ter participado de guerra, no entanto, levava consigo o título de capitão. Ao questionar isso, a educanda não relacionou o evento ao regime coronelista, abordado por JA no romance. Como se sabe, o homem que tinha dinheiro e posse de grandes terras comprava o título de coronel. Dado que, as patentes de coronel, capitão e major eram compradas de acordo com as possibilidades do comprador, pois cada uma tinha um valor diferenciado, de acordo com o grau. Nesse sentido, Justiniano era conhecido como “capitão”, possivelmente porque comprara essa patente. Logo, exercia poder em todos os ramos da sociedade, como visto na cena em que Emiliano diz ao juiz Eustáquio “o senhor deve saber quem manda nesta terra, já tirou a prova antes” (Amado, 2008, p. 254), dando ordens ao magistrado para arquivar o processo em que Tereza é ré pelo assassinato de Justiniano. demonstra a submissão do magistrado ao poder de Justiniano. O capitão podia ditar ordens ao juiz, inclusive arquivando o processo contra Tereza pelo assassinato de Justiniano.

O Grupo E assegurou que o personagem empregou a expressão “possuída” na frase “a fêmea é para ser possuída e acabou-se”, no sentido de que a mulher deve satisfazer os desejos sexuais dos homens. Dessa forma, fica evidente a postura de Justiniano diante das mulheres em tratá-las como objetos sexuais. Opondo a ficção à realidade, construindo significados com base na instigação do texto ficcional, a aluna concluiu afirmando que “no caso, ele quer só pra ele, né? É minha e pronto! Tô (sic) tomando posse do que é meu, ele tá (sic) querendo tomar posse da mulher, a mulher nem é dele. Na verdade, a mulher não é de ninguém” (T. A., 17 anos).

A segunda passagem analisada pelos Grupos A, C, D e E foi: “Macho deveras não adula mulher” (Amado, 2008, p. 132). Com objetivo de responder ao meu questionamento e explicar quais foram os motivos que os levaram a escolhê-la, a representante do Grupo A foi incisiva em dizer que a escolheu “porque é bem forte, vai direto ao ponto, tá bem explícito ali” (N. A. S., 17 anos). Para a aluna, o trecho retrata muito bem a situação à qual as mulheres eram submetidas no período do romance, devido a certos homens, fora da ficção, pensarem da mesma forma que o capitão. Nesse sentido, o leitor pode compreender perfeitamente a real importância da criação das leis que garantam a proteção das mulheres. Ela explicou também sobre o termo “macho”, que o personagem Justiniano emprega para descrever o homem e atribui-lhe características rústicas, sendo considerado um destemido, sem medo, o “dito valentão”, que,

para provar a sua virilidade, não expressa sentimentos de fraqueza, tristeza, ou choro. Acima de tudo, o homem “macho” trata a mulher de forma grosseira, ríspida, sem ter respeito, dignidade e carinho para com a mulher. Mais uma vez, é notado na fala de minhas alunas o preenchimento das lacunas deixadas no texto, uma vez que o texto não diz tudo para o leitor compreendê-lo, pois se “disse tudo não acabaria nunca” (Eco, 1994, p. 9).

Outras alunas correlacionaram a história da personagem como modelo para experiências vividas por mulheres nos dias de hoje. Uma das participantes afirmou que “seria muito bom se todas as mulheres, olhassem com o ponto de vista dela e agissem como ela [Tereza], porque ela lutou”. Foi pontuado, por uma servidora, que a passagem do livro que aborda a dedicação de Tereza em ajudar ao próximo a fez entender que um ser humano pode escolher o caminho a ser trilhado, mesmo que tenha sofrido muito com a maldade das pessoas. Segundo ela, Tereza optou por transformar sua vida, “muito sacrificada” e “muito sofrida”, e se tornou uma pessoa doce e solícita, convertendo “o ódio, o rancor e as suas dores em algo bom”. A servidora também afirmou que Tereza tinha ajuda espiritual, por isso “tinha uma força sobrenatural”, pois “não estava sozinha em suas lutas” (M. M. C., 43 anos). A afirmação da servidora pode ser confirmada por meio do enredo. Um pai de santo, ao jogar os búzios, viu em torno dela Oxóssi, Iemanjá, Oxalá, Xangô e Oxumarê (Amado, 2008, p. 340). Todos a protegendo. Em outro momento, Iansã diz ao babalaô que Tereza “é valente e boa de peleja, a mim pertence, sou a dona da cabeça e ai de quem lhe faça mal” (Amado, 2008, p. 340).

O narrador também diz que “montado em Tereza Batista, Omolu expulsara a bexiga de Buquim, vencera a peste negra” (Amado, 2008, p. 235). Em outro momento, afirma-se que vieram “os dois Omolus e abraçaram Tereza, gente sua, limpam-lhe o corpo e o fecharam a toda e qualquer peste para a vida inteira” (Amado, 2008, p. 236). Nesse sentido, é possível depreender que a servidora relacionou o fato de Tereza buscar ajuda espiritual com a realidade de muitas mulheres que também recorrem à espiritualidade em busca de força e apoio, refletindo uma prática comum e significativa na vida de muitas pessoas, especialmente em contextos de sofrimento e superação, pois muitas mulheres encontram na fé e nas práticas espirituais um refúgio e uma base para enfrentar desafios pessoais e sociais.

A partir do excerto abaixo, escolhido apenas pelo Grupo E, as participantes aprofundaram a discussão, principalmente no que tange ao relacionamento homem e mulher, tendo em vista que a obra em questão serviu de base para que algumas alunas analisassem o relacionamento em pauta no momento do encontro.

Quando pela última vez estivera na comarca, rapazola de dezessete anos, Dan andou se esfregando com moçoilas em frenesi; no aperto do corredor tocara os seios de casada saliente, de ousado decote, fora tudo. Agora, ao passar pela praça da Matriz, ao descer a rua principal, enchiam-se as janelas, sorrisos, olhares, donzelas às dúzias. Condenadas ao celibato, ao barricão — palavra maligna: aquela mais moça está com o pé no barricão, a outra já se enterrou no barricão, ou seja, sentenciadas à beatice, à histeria, à loucura. Daniel nunca vira tanta devota e tanta maluca, tanta fêmea a mendigar macho. O governo, disse ele a Marcos Lemos e a Airton Amorim ao tomar assento na assembleia dos letrados, se realmente cuidasse da saúde e do bem-estar da população, devia contratar meia dúzia de robustos esportistas e colocá-los à disposição das massas femininas em desespero (Amado, 2008, p. 146).

Em sua fala, a representante do Grupo E alegou não conhecer a expressão: “com o pé no barricão”, usada para referir-se à moça que não tinha arrumado marido, mas indicava o conhecimento da expressão: “vai ficar pra tia”. Uma das alunas contrastou o vocabulário regional utilizado na época da escrita do livro com a linguagem de hoje. A discente argumentou, entre risos, que a frase do texto “não tem nada a ver, hoje em dia, [só] se a mulher quiser ficar pra tia, hoje está liberado, pode ficar pra tia” (M. M. B. C., 18 anos), ressaltando a diferença entre o vocabulário regional do passado e a linguagem atual parece estar criticando essa pressão social sobre as mulheres para se casarem, o que é positivo. No entanto, o comentário feito “hoje em dia, [só] se a mulher quiser ficar pra tia, hoje está liberado, pode ficar pra tia” ainda perpetua a ideia de que é a escolha da mulher ficar solteira, como se fosse uma decisão que precisa ser “liberada” pela sociedade. Isso sugere que ainda há uma expectativa social em torno do casamento e da vida das mulheres, o que pode ser considerado como uma forma sutil de machismo.

Uma servidora, para concluir o encontro, confessou que as discussões foram importantes para ela, pois achava “muito lindo essas reflexões dos direitos hoje” (R. R., 50 anos) e, também, que, ao ler todo o sofrimento da protagonista, pensava consigo mesma, “meu Deus, como essa mulher foi forte, corajosa! Desde pequena, já lutando pela vida!” (R. R., 50 anos). Segundo ela, a maior raiva de Justiniano era porque Tereza não aceitava tudo aquilo, toda aquela maldade que os homens faziam com as mulheres. A servidora ainda comentou que a sociedade machista, normal à época, foi fielmente descrita pelo autor baiano, mas Tereza não se sujeitou facilmente às imposições. Pontuou também que a protagonista obedecia a “algumas coisas para se proteger um pouco”, mas lutava pelo direito de não ser violentada. Ainda que a fala dessa servidora dê a entender que não só a protagonista, mas as demais mulheres fora da ficção também devem obedecer um pouco para não se exporem à violência demasiada. Além disso, a servidora ratificou que existem muitas mulheres machistas, até mesmo aquelas que dizem que não são, mas têm atitudes machistas. A partícipe asseverou que o machismo está

impregnado nas próprias mulheres. Ao afirmar: “a gente tem que ir se corrigindo para isso” (R. R., 50 anos), ela deixa subentendido que se considera uma mulher educada com alguns pensamentos e ações machistas, mas está em processo de desconstrução de valores, reconhecendo que superar o machismo requer um esforço consciente e contínuo.

1.4 “DESDE BEBEZINHAS, FOMOS ENSINADAS A PEGAR A BONECA NO COLO”

O título desta seção sobre o quarto encontro síncrono é parte da fala de uma das participantes da pesquisa e reflete a reprodução do machismo na educação das mulheres, ensinadas desde muito cedo a exercer o papel de cuidado da família. Participaram deste encontro a psicóloga Simone Felis e a advogada Talânia Lopes de Oliveira. A escolha de convidar estas mulheres teve como intuito trazer uma perspectiva tanto de suas experiências profissionais na área da psicologia e do direito, quanto de suas vivências como mulheres, servindo como exemplos para as alunas de mulheres com independência financeira. Nesse sentido, a presença de Simone e Talânia foi uma espécie de contraponto à realidade das mulheres personagens de *TB* e um convite à reflexão sobre os avanços da pauta pelos direitos das mulheres. A advogada, além disso, foi convidada para que abordasse, sob o ponto de vista jurídico, as questões das mulheres dentro do romance. A psicóloga, por sua vez, levou seu olhar sobre as questões emocionais e os abusos psicológicos sofridos pelas personagens femininas no decorrer da narrativa, sobretudo pela protagonista Tereza Batista. Nesse sentido, as falas das especialistas foram pautadas nas cenas, nos comportamentos das personagens e nos fragmentos selecionados anteriormente para a discussão, que tratavam sobre a violência física e verbal, com vocabulário pejorativo em relação à mulher, a objetificação, o casamento, a educação, o prazer e o assédio sexual.

Talânia iniciou sua exposição com alguns questionamentos, como por exemplo, “A violência contra a mulher existe ou é coisa da nossa cabeça? Se ela existe, por que acontece? Existe violência contra a mulher igual à que existe contra os homens? Por que existe diferença no nível e nas formas de violências que acontecem entre as mulheres e os homens? Se a violência é parte do nosso comportamento, o que a gente precisa perguntar é por que existe uma violência elaborada, específica com as mulheres? Qual tipo de violência a personagem Tereza sofreu? Qual é o melhor e o pior momento do livro? Se vocês, mulheres, pudessem reescrever a história de Tereza, o que mudariam em primeiro lugar?”.

Os relacionamentos amorosos de Tereza, ou, os piores e os melhores momentos de sua vida, segundo Tailana, se distinguem pela presença ou não de violência contra a protagonista.

Para encerrar a sua fala, a advogada afirmou que, ao olhar a história de Tereza e o contexto cultural e social da época, podemos constatar que a protagonista do romance não tinha tanta voz como as mulheres têm hoje. É sabido que, antes da Lei Maria da Penha,⁷ as mulheres até buscavam ajuda, no entanto, não eram atendidas, pois ficavam sem o retorno do estado, uma vez que não havia penalização para o seu agressor, tampouco estrutura física e especializada para atendê-las.

A psicóloga Simone, por sua vez, abordou os aspectos sociais, culturais e comportamentais que influenciam os valores e princípios das personagens, suas relações consigo e com o outro. Um dos aspectos marcantes desta discussão em particular foi a afirmação da psicóloga, “desde bebezinhas, fomos ensinadas a pegar a boneca no colo, a cuidar, a trocar fraldas, saber se está com fome, enfim... cuidar da casinha. Tudo isso!”, quanto aos meninos, ensina-se a brincar de carrinho e a “serem totalmente masculinos, no sentido de perder a delicadeza”. Outro fator que influencia bastante é o poder econômico, e isso é bem nítido no romance, visto que a condição financeira possibilitou ao capitão comprar Tereza. Além disso, foi graças ao poder econômico que o dono do bordel, Vavá, conseguiu libertar Tereza após a greve do “balaio fechado”, por meio do poder econômico, Emiliano garantiu-lhe respeito e influência junto a juízes e delegados. Por fim, foi também o poder econômico de Januário Gereba, cujo dinheiro da venda do barco “Flor das Águas” foi colocado no banco para render, que possibilitou a aquisição de outro barco, permitindo-lhe alcançar a felicidade ao lado de Tereza.

As cenas que discorrem sobre Felipa, Rosalvo e Tereza foram comentadas conforme o ponto de vista da análise comportamental. A psicóloga assinalou, então, que “Felipa olha para o esposo quando ele olha a menina, ela vê tudo que está acontecendo e não fala nada, mas por que não fala nada?” Na perspectiva da profissional, Felipa tem medo do incerto, receio do que poderia acontecer se abrisse a boca. A profissional ainda apontou que Felipa pensava que não poderia “fazer nada por Tereza”, assim como ela fora estuprada na adolescência, Tereza também o seria, confirmando, dessa maneira, a existência de um círculo vicioso, pois quem sofre a violência quando pequeno pode vir a praticá-la na vida adulta.

⁷ A Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, é também conhecida como Lei Maria da Penha, em referência à farmacêutica cearense brutalmente violentada pelo marido na década 1980. De acordo com o seu primeiro artigo (Art.1º), a lei foi criada como um “mecanismo para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar” (Brasil, 2006, p. 5).

A psicóloga também asseverou que o pensamento da tia era machista, pois, “se fosse diferente, de repente a gente poderia ver com um olhar mais de empatia, então, não houve esse amor fraternal de mulher pra mulher”. Com esse pensamento machista, Felipa agiu com Tereza da mesma forma que fizeram com ela, repetindo o padrão machista da época, perpetuando uma visão estereotipada e limitante das mulheres, em que há uma expectativa de que as mulheres devem se casar e que a ausência de um marido é vista como negativa.

1.5 “O LIVRO MAIS DENSO, MAIS PESADO DE JORGE AMADO”

O título desta seção corresponde a uma frase dita por A. T., (28 anos), proferida também por Jorge Amado Neto, neto de Jorge Amado no último encontro síncrono para debater o romance, no início de setembro de 2021, quando tivemos a oportunidade de ouvi-lo falar sobre a obra e a vida do autor. Este encontro foi o mais esperado entre as alunas, e elas foram orientadas a participar massivamente e a fazer perguntas, a fim de prestigiar e valorizar a presença do convidado. Para iniciar, pedi a ele que falasse também sobre a importância da Casa do Rio Vermelho para a preservação da memória do autor, tendo em vista que, ao responderem ao questionário de sondagem, como já mencionado anteriormente, 55,9% (que correspondem a 65 participantes) tinham dito que nunca ouviram falar do local.

Segundo Jorge Amado Neto, o romance *TB* é, “sem sombras de dúvidas, o livro mais denso, mais pesado de JA. O “pesado” relacionava-se não somente a questões sexuais, mas também “por retratar a crueza das relações humanas”. Ao mesmo tempo, trata-se de um livro que enfatiza “a coragem, enfrentamento, luta” e “insubordinação contra a tirania e a opressão”. A protagonista seria “um exemplo de insubordinação contra tudo aquilo que lhe oprimia, contra a falta de liberdade e ao contrário a tudo aquilo que lhe colocava em condição de submissão àquelas pessoas”.

Quando respondeu às perguntas, Jorge Amado Neto explicou aos ouvintes que a maioria dos personagens de Jorge Amado, como é o caso de Tereza, era formada por um somatório de pessoas. Entende-se, portanto, que Tereza seria quase uma personagem-tipo, constituída a partir da experiência de várias mulheres. Seria uma caricatura ou ainda uma alegoria acerca das dificuldades pelas quais passam as mulheres dentro da sociedade. Assim, não se pode dizer que a história de Tereza tivesse por base um fato, mas, sim, que seria fruto de uma mistura de experiências femininas, vistas pela perspectiva do autor, uma vez que se trata de uma criação literária, logo, não é preciso que se busque a correspondência da história de Tereza Batista com

alguma personagem da vida real. Porém, se tratando de um somatório de vivências femininas, o romance, ao mesmo tempo, não constituiria pura fantasia⁸.

1.6 REVERBERAÇÕES: “TEREZA CORAJOSA, GUERREIRA E FORTE”

Em conformidade com Cosson, (2009, p. 94-95), o aluno deve ultrapassar “os limites de um texto” após a interpretação, uma vez que a “expansão busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra tem com outros textos, quer sejam eles contemporâneos ou posteriores”. Houve, nesse sentido, e em relação ao romance TB, uma adição de materiais de trabalho, levando em consideração que a “atividade de expansão é essencialmente comparativa” (Cosson, 2009, p. 94-95), pois os sentidos do texto de base são efetivados quando o aluno consegue fazer a ligação com outro ou outros textos.

No dia seguinte às palestras da advogada Talânia Lopes de Oliveira e da psicóloga Simone Felis⁹, postei no *Classroom* um vídeo da historiadora Mary Del Priore com o tema *Mulheres no Brasil: história e desafios*, disponível no *YouTube*¹⁰. Na palestra, Mary Del Priore faz um panorama sobre as lutas das mulheres no Brasil e aborda o que chama de patriarcado nas sociedades europeia e brasileira. Junto da palestra de Del Priore, postei, como sugestão de Talânia, a cartilha intitulada *#Namoro Legal*, do Ministério Público do Estado de São Paulo, elaborada por Valéria Diez Scarance Fernandes (s.d.)¹¹. O objetivo foi conscientizar as alunas e servidoras sobre a importância do respeito, bem como alertar sobre os tipos de abuso que a mulher sofre no cotidiano, muitas vezes, no início do relacionamento.

Também foram realizadas, como atividades de expansão dos conhecimentos, três atividades escritas. No entanto, nessas atividades, reverberaram, sem acréscimos importantes, as opiniões que antes foram manifestadas oralmente. As exceções foram E.S.S., 18 anos, que, em seu texto, afirmou ter gostado “mais da parte em que Tereza foi violentada, mas não chorou”. Depreende-se que o fato de Tereza não ter chorado seria indicativo de sua força. Por ser muito “forte”, como afirmou a aluna, passou por várias situações problemáticas, no entanto,

⁸ Roberto Amado, sobrinho do autor, durante o curso de extensão “As personagens femininas de Jorge Amado” ministrado em 2021, na Universidade de São Paulo, afirmou que Tereza Batista teria sido inspirada na história de uma menina vendida pela mãe. O escritor teria trazido a história da tia no lugar da mãe para amenizar a situação. Nesse sentido, o que diz Roberto Amado, então, complementa o que disse Jorge Amado Neto. Tereza Batista teria sido baseada em uma personagem real e o romancista esforçou-se para tornar as aventuras de Tereza um pouco mais amenas.

⁹ Cf. p. 55-59.

¹⁰ O vídeo da historiadora Mary del Priore com o tema “Mulheres no Brasil: história e desafios” se encontra no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=yR0KZCfUQSQ>.

¹¹ Promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo (MPSP) e pesquisadora da temática de Gênero, Violência contra Mulheres e Femicídio.

sempre se mantivera “de pé” (E. S. S., 18 anos). A aluna também traçou um paralelo com os dias atuais, afirmando que, diferentemente do período em que se passa o romance, hoje as mulheres têm maiores possibilidades de denunciar casos de violência.

L. L. A., 17 anos, também escreveu sobre o fato de a protagonista não chorar ao sofrer violências. A aluna argumentou que, diferente de Dóris, mulher extremamente submissa ao capitão, que não resistia a nenhum dos mandos do marido, Tereza é “uma guerreira” (L. L. A., 17 anos), pois, mesmo diante de todas as agressões de Justiniano, “um escroto, machista e psicopata”, não se entregou e nem “cedeu às lágrimas” (L. L. A., 17 anos).

Dado que o narrador nos conta que “Tereza aprendera que guerreiro não chora e ela não há de chorar (Amado, 2008, p. 116), a mesma aluna escreveu que “ao ler, dá para entender que homem não chora, pois são guerreiros” e que atualmente há muitas mulheres, infelizmente, com as mesmas crenças de Tereza: sofrem sozinhas e caladas por acreditarem que serão capazes de suportar suas dores sem chorar, ou por terem medo de sofrer maiores consequências, como o feminicídio, se denunciarem seus agressores.

2 OLHARES FEMININOS ESPECIALIZADOS

Este capítulo surgiu da necessidade de entrar em contato com algo que já tinha sido escrito por mulheres sobre a personagem Tereza Batista e o feminino. Além disso, reconheci a importância de estar amparada pela crítica literária feminina a respeito do romance de Jorge Amado. Logo, aqui, o objetivo principal é apresentar algumas reflexões anteriores a este trabalho. Na primeira das cinco seções deste capítulo, 2.1 - “Os olhares acadêmicos nos estudos literários”, discuto o estudo de sete autoras da área de literatura. Nesse sentido, faço alguns apontamentos relacionando-os com a minha pesquisa. A tese de doutoramento de Ferreira (2004) faz uma análise de como a mulher, em especial, a personagem Tereza Batista, é construída e representada nos romances amadiano; a tese de doutorado de Antunes (2009) faz análise das representações dos personagens homossexuais nos romances amadiano; a dissertação de Fernandes (2013) realiza um estudo comparativo entre as representações e os discursos das protagonistas Tereza Batista e Rami, personagem principal de *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane; a dissertação de Silva (2021) tece análises das leituras do romance *TB* feitas pelos integrantes do Levante Popular da Juventude, um movimento social e nacional e, por fim, o trabalho de Rego (2009) analisa o perfil das personagens femininas de JA. Ainda nesta seção, discuto o artigo de Oliveira (2008), que analisa o perfil feminino de três personagens amadianas: Gabriela, Tieta e Tereza Batista.

Na seção 2.2 - “Mais alguns olhares da crítica literária feminina”, discorro sobre textos de três autoras, reconhecidas como referência na área de literatura. Do ponto de vista temporal, estão compreendidos entre a época do lançamento do livro *TB*, em 1972, e os anos 2000. As autoras são a professora de Literatura da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Márcia Rios da Silva; a indiana Sudha Swarnakar, professora emérita da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e, por fim, Walnice Nogueira Galvão, professora emérita de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. Considero que esta dissertação dialoga com as perspectivas trazidas por todas elas, uma vez que também analisaram *TB* a partir de questões femininas, mesmo que *TB* não agrade Galvão (1976), pois, segundo a pesquisadora, a personagem é construída com uma visão machista. Silva (2006), por outro lado, argumenta que a personagem, uma prostituta, é espelhada na condição da mulher, construindo-se na ambiguidade, pois é aplaudida pela coragem e garra e, ao mesmo tempo, rejeitada socialmente devido à profissão que exerce. Mais radical, Swarnakar (2014) considera que *TB* é um romance

feminista, pois, para ela, JA aborda temas ligados às perspectivas das mulheres como o aborto, o estupro, a exploração e a discriminação.

Levando em consideração que as pesquisas sobre *TB* extravasam as discussões literárias, pois o romance também é objeto de pesquisa de outras áreas do conhecimento, também selecionei um estudo que versa sobre os temas que foram abordados por minhas interlocutoras de pesquisa. Trata-se de um artigo, no âmbito do Direito, intitulado: “*Tereza Batista Cansada de Guerra* e a atual legislação brasileira protetiva da mulher”, de Lucira Freire Monteiro, publicado em 2015. Ele aparece resumido na parte 2.3.

2.1 OS OLHARES ACADÊMICOS NOS ESTUDOS LITERÁRIOS

Na dissertação *Tereza Batista e Rami: uma análise da representação literária do discurso feminino em Jorge Amado e Paulina Chiziane*, Doralice de Freitas Fernandes discute as representações e os discursos das protagonistas Tereza Batista e Rami, esclarecendo que a escolha das personagens se deve ao interesse de contrastar narrativas criadas por autores de países distintos, que mostram “a desenvoltura das mulheres brasileiras e africanas que vivem em um contexto social machista e precisam ser corajosas para romper os costumes e a moral social para alcançar seus objetivos” (Fernandes, 2013, p. 10). Para a autora, a falta de educação e de emprego contribui para que as mulheres pobres exerçam funções que são discriminadas na sociedade, como no caso de Tereza Batista, quando, por necessidade, começa a se prostituir. Apesar disso, a autora considera que o romance de JA apresenta uma personagem capaz de transgredir as opressões impostas pela sociedade. Em suas palavras:

Mesmo estando em situação difícil, sendo oprimida e obrigada a fazer algo que não é de sua vontade, há uma insubordinação, o que a diferencia das outras meninas mulheres que passaram pelas mãos do coronel, distanciando-a assim do perfil esperado e propagado pela sociedade de que a mulher deve ser subserviente ao homem e aceitar tudo que lhe for imposto sem reclamar ou se rebelar (Fernandes, 2013, p. 17).

No que se refere à insubordinação de Tereza, a autora afirma que a protagonista só “acatou as ordens [de Justiniano] depois de muita resistência, e sua submissão se deu, exclusivamente, por medo e não por qualquer outro sentimento de acomodação”. Dessa maneira, as atitudes de Tereza se distinguem das demais mulheres que se rendiam “facilmente às ordens dos coronéis” (Fernandes, 2013, p. 19).

Lígia dos Santos Ferreira, em *Análise da particularidade estética em Tereza Batista Cansada de Guerra, de Jorge Amado: uma personagem feminina*, discute a forma como as

personagens são construídas e explica que Amado transita da “imanência do papel social da mulher nas sociedades patriarcal e burguesa” para a “transcendência dos valores instituídos socialmente” (2004, p. 13) e, por isso, é descrita como “um vir a ser humana” em uma tentativa de superar a submissão (2004, p. 29).

Para a autora, os papéis sociais são descritos como bem definidos, ao passo que, no caso de Tereza, desde cedo, já demonstra características consideradas como masculinas, como quando ela, liderando as brincadeiras, brinca com os meninos. Apesar disso, a personagem também performa papéis definidos para as mulheres, pois, segundo Ferreira, “o desejo de Tereza pouco importa, o que importa mesmo é a determinação social: amásia é amásia e esposa é esposa” (Ferreira, 2004, p. 31), o que justificaria o fato de ela acatar o aborto proposto pelo amante Emiliano Guedes. Ainda assim, ao concluir o seu trabalho, a pesquisadora afirma que sua análise mostrou que o romance *TB* “subverte o estereótipo de gênero”, alterando a identidade da protagonista, pois “propõe um comportamento autônomo da mulher” (Ferreira, 2004). Efetivamente, e de acordo com uma participante de minha pesquisa, Tereza conquistou autonomia porque, diante das agressões, “ela reagiu”, lutando contra “tudo que ela podia lutar, com todas as armas que ela teve” (S. S. A., 35 anos).

Ainda relacionando a ficção com a realidade, uma aluna argumentou que “a mulher tem que ser independente igual Tereza, levar a vida assim forte, guerreira” (A. S. S., 17 anos). Esses comentários destacam a importância da autonomia e da resistência das mulheres diante das adversidades, tanto na ficção quanto na realidade. Além disso, enfatizam a necessidade de empoderar as mulheres para que possam conquistar sua autonomia e resistir às pressões e discriminações que enfrentam na sociedade. Eles destacam a importância de reconhecer e valorizar a força e a determinação das mulheres, tanto na ficção quanto na vida real.

Em *Vozes de resistência: Leituras da personagem feminina em Tereza Batista*, cansada de guerra, Silva (2021) trabalhou com as leituras propostas pelos integrantes do Levante Popular da Juventude, um movimento social e nacional que procura dar protagonismo à classe trabalhadora, formado por pessoas que lutam pelo rompimento da lógica imposta pelo sistema capitalista.

Silva (2021) defende a ideia de que a representação da mulher moderna na década de 1970, protagonista de sua própria história, não aparece. Em vez de ser heroína, o escritor continuava a escrever sobre a mulher do passado, reprimida, sem direito às escolhas, cabendo a ela a submissão ao sexo masculino. No entanto, Silva assevera que tal crítica não se refere ao autor Jorge Amado, por considerar que, na “literatura amadiana”, é possível perceber “a

construção das personagens femininas” com características subversivas. A autora diz ainda que JA foi um dos responsáveis por abrir os caminhos da representação de personagens femininas que transgrediram os códigos impostos pelo sistema patriarcal:

Entendendo a literatura como representação da sociedade, Jorge Amado delineia suas personagens femininas a partir de uma concepção transgressora do sistema patriarcal, de modo que as mulheres lutam para decidir sobre seu destino e seu corpo. Mesmo quando submetidas à grande violência da sociedade, personagens como Tereza Batista ainda exercem suas escolhas e resistência, dando respostas ao mundo e aos sujeitos que as oprimem (Silva, 2021, p. 25).

Nas palavras de Silva (2021, p. 25), Amado, às vezes considerado machista, trouxe para seus romances mulheres que estavam “à margem da sociedade e buscavam por uma representação ligada aos seus ideais de liberdade política e social”. Por esta razão, afirma que *TB* é um livro que merece ser estudado em um trabalho pautado pelo feminismo, pois trata-se de um “livro que permanece atual, mostrando o quanto Jorge Amado estava, em relação à representação das mulheres, à frente do seu tempo” (Silva, 2021, p. 25). Para ela, o autor baiano apresenta, por meio de sua ficção, a realidade brasileira e a luta por uma sociedade menos desigual, em que as personagens femininas se sobressaem demonstrando potência frente ao sofrimento e às dores, e mantendo o sonho de uma revolução dos costumes (Silva, 2021, p. 33).

Outra dissertação que também dialoga com esta pesquisa, uma vez que a autora escreveu sob a perspectiva dos estudos de gêneros, é *Tereza Batista, cansada de guerra: A resistência à violência e à opressão feminina*, de 2009. Nela, Francisca Magnólia de Oliveira Rego apresenta um estudo sobre a representação das mulheres no livro de Amado, tendo em vista o momento de ebulição das lutas feministas, a saber, as décadas de 1960 e 1970, quando os movimentos feministas propiciaram a emancipação feminina.

O texto de Rego propõe uma análise “histórico e político-social da trajetória da mulher na concepção patriarcal” (Rego, 2009, p. 10) e traça o perfil das personagens criadas por escritores brasileiros, tais como Guimarães Rosa, Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e José Américo de Almeida. Segundo a autora, o panorama propiciou “suporte teórico à análise crítica de *Tereza Batista Cansada de Guerra*, com vistas ao levantamento do perfil da protagonista”, para avaliar o quanto a formação ideológica de Jorge Amado “contribuiu para seu discurso de denunciar a violência contra a mulher” (Rego, 2009, p. 10).

Em relação ao trabalho de Silva, também pude observar certas semelhanças entre a minha pesquisa e a de Silva (2021), uma vez que, em ambos os trabalhos, são colocadas em

evidência as vozes femininas que leem sobre o feminino na obra de Amado. Enquanto Silva trabalha com mulheres do movimento social, minha pesquisa trabalha com estudantes e servidoras, focada no contexto escolar. Outra semelhança em relação a este trabalho é o fato de que ambas foram realizadas por meio de plataformas virtuais: *Google Meet*, *WhatsApp* e *Classroom*, pois ocorreram durante o período pandêmico. Embora, de início, Silva (2021, p. 90) também tenha pensado em incluir, em sua pesquisa, somente as perspectivas das mulheres, decidiu abrir espaço para “toda a militância interessada em participar, independente do gênero”. Assim, participaram de sua pesquisa 17 mulheres e um homem, totalizando 19 leitores, incluindo a própria autora. Estiveram presentes pessoas das cinco regiões brasileiras, na faixa etária entre 20 e 32 anos. Um de seus objetivos era “levar” *TB* a outras pessoas com a finalidade de refletir sobre as “relações com o feminismo popular” (Silva, 2021, p. 7).

O contato com o texto de Silva durante a pesquisa foi surpreendente, revelando o diálogo intrínseco de nossas pesquisas, embora divergindo nos tipos de interlocução, visto que, no que se refere à metodologia adotada, Silva propôs ao grupo uma leitura programada, individual e antecipada de determinados capítulos e, na sequência, ao longo dos encontros on-line, realizaram-se debates sobre aspectos da personagem Tereza Batista e de outros pontos relevantes às(aos) leitoras(es) por meio das experiências individuais e coletivas trazidas pelos participantes. Para isso, iniciou os encontros questionando acerca dos sentimentos que a leitura trouxe para eles/as naquela semana, o que levou os participantes da pesquisa a falarem sobre as experiências pessoais suscitadas pela leitura.

Ao analisar as “contribuições dos movimentos feministas, surgidos a partir da década de 60”, Rego afirma que “um balanço dessa trajetória revela que pouco ou quase nada mudou em relação ao espaço, de discriminação e injustiças, relegado às mulheres, fruto do legado da sociedade patriarcal” (Rego, 2009, p. 11). B. S. A. (16 anos) ratifica que até hoje as diferenças, entre homem e mulher, ainda existem. Segundo ela, para “o homem ser considerado homem, ele tem que mandar na casa, na mulher e na família”, exercendo de forma soberana o poder, pois são os chefes. Em consequência disso, a reprodução do sujeitamento feminino tem sido recorrente na literatura brasileira, através da qual a mulher sempre é representada em condição de inferioridade e subserviência ao masculino.

A autora avalia a personagem Tereza Batista como a “caracterização da protagonista que se adequou, em parte, aos moldes da sociedade patriarcal”. Para ela, Jorge Amado assume um discurso de ironia com a intenção de fazer denúncias a todas as “formas de opressão contra o gênero feminino” (Rego, 2009, p. 11).

Segundo Rego (2009), restava a Tereza apenas se entregar, resignada, à própria sorte, transformando-se numa pessoa triste, porém forte e resistente” (Rego, 2009, p. 63), pois “à custa de muito sofrimento e dor”, ela tornou-se “uma pessoa cada vez mais forte e mais corajosa, que jamais recua diante de momentos difíceis” (Rego, 2009, p. 66). Tereza recebeu essa caracterização de mulher forte também de várias interlocutoras da minha pesquisa. Tendo como exemplos, A. S. S. B. (17 anos) e L. A. S. (18 anos) afirmaram que Tereza “é guerreira, forte, nunca aceitou aquela situação, resistiu o que pode”, sendo “definitivamente o sinônimo de uma mulher forte”. É importante pontuar que a definição de “mulher forte” pode variar de acordo com o contexto cultural e social. Enquanto para algumas pessoas isso pode representar uma imagem positiva de empoderamento feminino, para outras pode ser vista como uma expectativa irrealista de que as mulheres devem suportar sofrimento sem reclamar.

Ao concluir seu estudo, a autora escreve sobre as possíveis razões pelas quais Jorge Amado criou a personagem Tereza. Para Rego, as questões feministas revelam que o autor representa a realidade por meio da ficção “com o objetivo de denunciar a violência e o poder para enquadrar a personagem Tereza Batista no estereótipo da mulher que subverte os padrões do patriarcalismo” (Rego, 2009, p. 66). Embora a protagonista do romance nos mostre a mulher em outros espaços, sem ser o da submissão, Rego (2009, p.107) afirma que “a sociedade é organizada de um modo no qual a mulher ocupa um espaço exclusivo de submissão” nos diversos contextos. Além disso, Rego (2009, p.107) afirma que a sociedade tem se baseado “numa perspectiva que marginaliza o feminino”, que ainda define os direitos e os deveres femininos, baseados em uma perspectiva de inferioridade em relação sexo masculino.

A estereotipação da mulher brasileira por meio da figura de Tereza Batista também foi abordada por Fernandes; ela argumenta que a personagem “passa essa visão de erotismo e sensualidade” (Fernandes, 2013, p. 28), despertando a cobiça nos homens e a inveja nas mulheres. Sendo possível observar que o narrador estereotipa a protagonista desde a sua infância, uma aluna declarou que Rosalvo sentia atração sexual por Tereza, porque ela era uma criança “saudável” e “bonita, ia crescendo, ia se formando, o corpo evoluindo. Tereza era linda, por isso os homens ficavam tudo doido por ela.” (E. S. S., 17 anos).

Outra pesquisadora, Márcia Oliveira publicou, no livro *Mulher criação social? Leituras de perfis femininos da Literatura Brasileira*, organizado por Edson Tavares da Costa, o artigo intitulado: “As mulheres de Jorge Amado aos olhos de seus homens”, em que analisa o perfil feminino de três personagens amadianas: Gabriela, Tieta e Tereza Batista (Costa, 2008). Apesar de as mulheres serem vistas como deusas desde a Antiguidade, a autora inicia o artigo revisando

a condição feminina ao longo do tempo, pontuando que a mulher é vista como um ser inferior, totalmente dependente do sexo masculino, incapaz de sobreviver sozinha, e que sempre foi subordinada ao homem. Na literatura, além disso, é representada como símbolo sexual, servindo apenas para provocar os desejos dos poetas. Diante dessas considerações, declara que Jorge Amado “traz outra roupagem ao perfil feminino” (Oliveira, 2008, p. 142).

De acordo com Oliveira (2008), Tereza foi a personagem amadiana que mais sofreu. A protagonista, para a estudiosa, é uma menina-mulher, inteligente, corajosa, bela, brincalhona, ingênua e doce que, no entanto, apesar de tantas qualificações, foi vendida por sua tia como uma mercadoria barata, tendo o seu valor como ser humano desprezado.

Oliveira (2008) segue sua análise afirmando que, ocasionalmente, a protagonista tentou a fuga, porém, sem ajuda de ninguém, foi capturada pelos capangas de seu “dono”. Assim, com os maus-tratos aumentando, a menina deu-se por vencida, aceitando, não sem ódio, a condição de escrava, virando um animal cativo. Para a autora, parece ser o medo a principal forma para prender a mulher, que só pode ser rompido quando surge algo maior que ele. No caso de Tereza, surge a atração por Daniel, tornando o sexo prazeroso, em vez de nojento, tal como ela o sentia com Justiniano. Assim, a partir do novo relacionamento, há uma nova tentativa de fuga, agora uma fuga através de um sentimento. Para Oliveira (2008), é em busca dessa liberdade que ela mata o capitão Justo, salvando não só sua vida, mas, sobretudo, a de Daniel.

É importante discutir aqui a representatividade do tipo de homem ao qual o personagem Daniel faz alusão. Assim, com a finalidade de fazer sexo com Tereza, o personagem a trata de forma carinhosa, prometendo que a levaria para morar com ele. Sobre esse assunto, uma servidora pontuou que certos homens, para conseguir o que querem com a mulher, às vezes não usam ferro, como Justiniano usou, utilizam-se seu “charme” e “o bom trato”, queimando, dessa maneira, a alma de muitas mulheres. (M. M., 43 anos).

Quanto ao relacionamento da protagonista com o Dr. Emiliano Guedes, Fernandes (2013, p. 32) sublinha que o “doutor era casado, pai de família, porém mantinha um relacionamento extraconjugal com Tereza”, mostrando a hipocrisia existente na sociedade em que os bons costumes eram pregados pelo patriarcalismo, já que Emiliano era casado e, mesmo assim, cultivava outro relacionamento. Por isso, no início de seu relacionamento com Tereza, Emiliano a manteve no anonimato, com o intuito de preservar sua integridade social, tendo em vista que era um homem respeitado na sociedade.

Ainda sobre o relacionamento de Tereza e Emiliano Guedes, Oliveira também esclarece que não há dúvida de que a menina aprendeu muita coisa com ele, sentindo-se amada e

valorizada, mesmo vivenciando, no início, alguns conflitos, “inclusive em relação à fidelidade de Tereza, que foi posta à prova por mais de uma vez, passando por todas elas com dignidade, ganhando pontos na relação com Emiliano” (Oliveira, 2008, p. 165). Todavia, para a autora, Tereza também vivia aprisionada: “enquanto do capitão era serva, cativa do medo; do doutor é amante, escravidão do amor” (Oliveira, 2008, p. 167). Segundo a aluna T. A, de 17 anos, Emiliano e Justiniano “foram iguais”, a única diferença entre eles foi o fato de Emiliano não ter agredido Tereza fisicamente. Dessa maneira, nos dois relacionamentos, Tereza teria sido submissa, tendo em vista que, no primeiro, ela era agredida fisicamente para obedecer e, no segundo, foi submetida à obediência, a ponto de aceitar abortar o próprio filho, atendendo à exigência de Emiliano, permeada pelo sentimento de gratidão.

No tocante ao relacionamento de Tereza e Januário, a autora aponta que, para a protagonista, o amor lhe causa dor e sofrimento, uma vez que Januário é sincero, pois logo no início conta para Tereza que ele é casado com uma mulher doente e que somente após a morte de sua esposa poderiam viver juntos. Posto isso, a autora ainda fala sobre Tereza, no ofício de prostituta, se manter fria e distante: “os clientes não a tinham na totalidade” (Oliveira, 2008, p. 169), pois era “incapaz da luxúria pura e simples, para entregar-se com ânsia, para abrir-se em gozo, necessitava de afeto” (Amado, 2008, p. 210-211). Logo, para a autora, não se pode, de forma alguma, comparar o que houve entre Tereza e os clientes com o que houve entre ela e Januário, ou até mesmo entre ela e Emiliano, uma vez que o sexo, para ela, precisava de ter sentimento. Além disso, com eles, o amor era consentido e correspondido.

Em se tratando dos homens que se aproximaram da protagonista, uns motivados por sua aparência física, outros por sua beleza interior, Oliveira escreve que, em todo o enredo, Tereza é descrita como linda, ainda mais que isso, “como uma mulher batalhadora, perseverante e incansável” (Oliveira, 2008, p. 170). A beleza de Tereza era encantadora, “ao ponto de vários homens deslumbrarem-se com ela” (Oliveira, 2008, p. 169), no entanto, não é somente pela aparência física que a protagonista despertou a atenção masculina. A autora segue sua escrita asseverando que “toda dor e sofrimento não a fizeram isolar-se, mas tornar-se ainda mais forte, solidária, meiga e amiga. [...] Tereza tenta tirar da vida o máximo que consegue” (Oliveira, 2008, p. 169).

Chamada, algumas vezes, de deusa do amor, muitos homens não acreditavam que Tereza realmente fosse inteligente, fato comprovado no momento em que João Saraiva pergunta a ela se sabia que o anúncio do personagem Flori Pachola era um poema. Em seguida, ele responde que “naturalmente não sabe, nem precisa saber, sua obrigação é ser bela, somente”

(Amado, 2008, p. 19). Todavia, utilizando sua inteligência, Tereza ajudou Joana a salvar seu patrimônio, ensinando-a a escrever o seu próprio nome, mesmo com tantas dificuldades. Para a autora, “não há dúvidas de que Tereza é uma mulher ímpar, valente, sem igual, mesmo que alguns ainda acrescentem: mesmo sendo mulher” (Oliveira, 2008, p. 171).

Para finalizar, Oliveira apresenta o fragmento de um texto escrito pela filha de Jorge Amado – Paloma Amado – sobre Tereza e Januário e a relação do autor com sua obra. Para a filha do autor, “Tereza cansou-se de guerra, mas não da paixão por Janu do bem querer, o doce gigante baiano” (Amado *apud* Oliveira, 2008, p. 172). Paloma Amado escreve que Tereza Batista e Januário Gereba são o único casal criado por Jorge Amado que termina o romance com um final feliz. E que, mesmo diante de tantas lutas e desencontros, a protagonista teve que passar por tudo isso para, finalmente, ficar com o seu amor, ressaltando a ideia de que o amor verdadeiro pode superar obstáculos e desafios, mesmo os mais difíceis.

Assim, ela conclui que “qualquer uma se desencantaria para sempre, criaria traumas tremendos, desses que nem o divã de psicanalistas cura, viveria naquela amargura perene e profunda. Tereza não. Por quê?” (Amado *apud* Oliveira, 2008, p. 172). Ao conhecer a história de Tereza, é natural que o leitor também se questione de onde ela tirou tanta força e resiliência para lidar com as adversidades. Nessa busca para compreender a protagonista amadiana, é necessário levar em consideração que Tereza desafia as interpretações sobre ela, já que é uma personagem complexa, pois, em alguns momentos, ela aceita a submissão, em outros, ela é oprimida, porém, a transgride. E, ao mesmo tempo em que é sexualizada, também apresenta comportamentos tidos como mais “masculinos”.

2.2 MAIS ALGUNS OLHARES DA CRÍTICA LITERÁRIA FEMININA

É importante ressaltar que Márcia Rios da Silva, autora do estudo *O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado* (2006), não é especialista em crítica literária feminina. No entanto, a autora investigou e analisou as cartas que o autor recebeu de seus fãs e leitores. Estes, em torno de 40 mil, documentos estão arquivados na Fundação Casa de Jorge Amado, formando o arquivo nomeado Correspondências, que está organizado da seguinte maneira: as cartas recebidas por JA de intelectuais, políticos, artistas e escritores estão na “Correspondência principal”, o arquivo nomeado Cartas de fãs guarda as cartas de admiradores, datadas a partir dos anos 1970.

Devido ao recorte temático deste trabalho, interessa especialmente o capítulo de Silva (2006), intitulado “Minha vida daria um romance”, no qual a autora apresenta as cartas de

leitoras, expondo as “representações do feminino e valores socialmente construídos e aceitos como constituintes dos papéis de gêneros” (Silva, 2006, p. 16). São cartas em que as mulheres leitoras relatam sua identificação com as personagens femininas das narrativas de Jorge Amado. Da mesma forma que a relação de identificação dessas leitoras com as personagens serviu para “encorajá-las a expressarem seus pontos de vistas, avaliações e sentimentos acerca da obra lida, a exporem suas impressões e avaliações sobre o feminino e o masculino” (Silva, 2006, p. 98), percebi que *TB* também serviu de inspiração para minhas alunas exteriorizarem seus sentimentos. Este é, por exemplo, o caso de C. L. S. (19 anos), que declarou estar “indignada” com o fato de que “nós, mulheres, nos identificamos com tudo o que se passa na vida dela [da personagem Tereza Batista]”. A aluna também afirmou que se viu na história, por isso tomou “as dores dela”, “porque eu já passei por muita coisa”, sugerindo uma conexão profunda com os desafios e dificuldades que Tereza enfrentou, refletindo uma resposta emocional intensa à narrativa.

De maneira especial, destaco que, na pesquisa de Silva (2006), também se encontram algumas cartas de leitoras do romance *TB*, relatando suas perspectivas de leitura em relação ao enredo e aos personagens masculinos e femininos. Portanto, é pertinente transcrevê-las, inclusive conservando eventuais erros gramaticais, pois trata-se de leitoras das décadas passadas, em especial das décadas de 70 e 80. Desde então, as leitoras manifestam seu entusiasmo pela obra amadiana, mas, para além disso, as leitoras do passado se referem à protagonista Tereza Batista:

Tereza Batista, cansada de guerra (pôxa, que mulher maravilhosa e que Realidade você nos mostra! É de arrepiar. Te juro como chorei, me emocionei e sei lá mais o que, na leitura desse livro; principalmente quando você relata a luta travada entre as mulheres da vida e a polícia; aquela parte em que some a estátua de Castro Alves - puxa é “bárbaro” (deu para perceber que eu não gosto do Secú, né.) (Carta de 1976 *apud* Silva, 2006, p. 99).

Gosto de Tieta mas acho que perto de Teresa Batista (sic) ela se apaga. Teresa tem mais garra, mais paixão. Isso pode ser devido ao fato de não sabermos o que Tieta enfrentou e como reagiu desde sua saída de Agreste (...) (Carta de abril de 1981 *apud* Silva, 2006, p. 99).

Terminei de ler *Tereza Batista* e fiquei amando ainda mais a sua literatura. Gostaria de saber escrever romances pois assim eu contaria a minha vida que tem também seus trechos tristes e seus trechos alegres. Adorei “Tereza Batista”, por sua coragem, personalidade e também por sua beleza que não é só exterbexga negraior mas interior também. Eu me identifiquei com ela em uma coisa: Uma mulher quando é bonita paga um preço caro por esta beleza. Este preço é o de ser desejada por todos os homens que a conhecem - com isto podem haver sérias consequências como no meu caso que fui raptada por um homem que era apaixonadíssimo por mim. Mas este é um assunto que eu não gosto muito de comentar porque eu sofri muito naquela noite. Mas um dia eu te conto tudo pessoalmente. (Carta de 1978 *apud* Silva, 2006, p. 99).

[...] alguém como Tereza Batista que na minha opinião erão um moças boas e de boms prinsípios que a propria sociedae atirou as na rua as comdenam estas coitadas que forão crianças como qualquer outra e agora a policia vivi cassando E maltratando as infelizes emquanto isto os ladroes tem tempo de sobra para emtrar em nossas casas, roubar e matar porque a nossa polícia está ocupada em correr atraz de prostituta [...] Dizem que uma moça para ser bastante feminina devera ter lido o pequeno príncipe. Na minha opinião toda mulher Brasileira deveria ler Tereza Batista cansada de guerra. Eu detesto livros água com açúcar [...] (Carta de 1974 *apud* Silva, 2006, p. 101).

Para Silva, as cartas relatam as experiências vividas pelas leitoras que são consideradas semelhantes às vivenciadas por Tereza, como se os seus constrangimentos fossem dignos de serem romanceados pelo autor Jorge Amado. Sobre isso, Silva (2006, p. 99) afirma que “ocorre uma inversão extraordinária: não é o romance que vale porque se parece com a vida, mas a vida adquire novo valor porque se parece com os romances”. Conforme a autora, é interessante a constatação, por meio das cartas, de que a literatura contribui para a formação de valores subjetivos. Isto seria comprovado pela última carta citada, na qual a leitora elege o romance *Tereza Batista* “como romance de educação sentimental para a mulher brasileira, pois a vida real para a mulher, ou para algumas delas, não segue o roteiro dos livros ‘água com açúcar’” (Silva, 2006, p. 105)¹². Isto ressoa a solicitação que uma de minhas interlocutoras fez durante a pesquisa, a de que eu oferecesse a leitura de *TB* a todas as alunas da escola, pois, naquele momento, ela acreditava que conhecer o romance amadiano fosse necessário para precavê-las em relação às complexidades da vida real, especialmente em relação aos problemas enfrentados pelas mulheres.

Existe a literatura que promove o questionamento, que ajuda na construção de uma crítica social contra um sistema injusto e estabelecido, mas nem sempre claramente percebido. Conforme visto, sobre a leitora de 1974, recordada por Silva (2006), “toda mulher brasileira deveria ler Tereza Batista cansada de guerra”, porque o livro a levou a pensar nas estruturas injustas da sociedade “que a atirou na rua” e continua fazendo o mesmo com tantas outras mulheres. De forma semelhante à fala dessa leitora, uma interlocutora de minha pesquisa afirmou: “que bom que você indicou [a leitura de *TB*], pois é preciso que mais Terezas surjam, isso precisa acabar, o machismo não pode continuar” (S. S., 43 anos). As declarações tanto da leitora de 1974, quanto da interlocutora da minha pesquisa compartilham uma preocupação

¹² Cristiane Costa (2000, p. 14) aborda a questão do romance “água com açúcar” no artigo *Compro, logo existo: Romantismo e Consumismo em Madame Bovary*, afirmando que sustentaram o modelo de amor romântico no período vitoriano, quando a paixão era o único sentimento válido para o casamento. A popularização desses romances no século XIX teria incentivado a busca do amor, da realização e da felicidade, sobretudo, no universo feminino, fazendo com que a literatura servisse mais para o entretenimento e para a construção imaginária de amores idealizados.

central com a conscientização sobre as estruturas injustas da sociedade, especialmente em relação ao papel do machismo na marginalização e opressão das mulheres.

As leitoras de *TB*, autoras das cartas abordadas no trabalho de Silva (2006, p. 98), fazem interpretações que aplaudem “o amor romântico, a fidelidade, o casamento, a justiça, a liberdade, o bem vencendo o mal”. De forma semelhante, uma das participantes de minha pesquisa afirmou que havia uma paixão proibida entre Tereza e Januário, e que o fato de Januário estar casado e demonstrar respeito e afeto pela esposa doente despertou em Tereza a admiração pelo pescador. A aluna atribui valor ao personagem, indicando que Januário “era um bom homem”, já que não traiu a sua esposa, nem a abandonou (N. A. S., 17 anos). Logo, talvez por uma leitura desatenta ou pelo fato de acreditar que não seja traição, já que Janu não deixou a sua mulher para ficar com Tereza, a aluna não leva em consideração, os encontros amorosos em que Tereza e ele tiveram, como por exemplo, o momento que o narrador nos conta que os dois corpos se embolaram “na ânsia do amor; eram dois ao chegar, são um só, nas areias da praia encobertos por uma onda mais alta” (AMADO, 20008, p. 51). Assim, a traição pode ser vista com o envolvimento sexual e emocional de Januário com Tereza, mesmo sendo casado com outra mulher. Além disso, infere-se, neste ponto, que, apesar das mudanças sociais e culturais ao longo do tempo, a leitora atual ainda atribui valor à fidelidade nos relacionamentos, demonstrando uma continuidade de certos preceitos morais ao longo das gerações.

No ensaio *Jorge, Internacionalmente Amado*, Sudha Swarnakar oferece um resumo conciso da vida e obra de Jorge Amado. O título do ensaio é justificado pela ampla aceitação internacional das obras do autor. Swarnakar (2014, p. 17-18) afirma que sua leitura procurou olhar o autor como feminista, pois ele levanta questões ligadas aos direitos das mulheres, como aborto, estupro, exploração, discriminação contra a mulher e casamento, como qualquer escritora o faria, construindo seus personagens, marginalizados e excluídos da sociedade, como heróis e heroínas.

Em outro ensaio, *Her tongue is tied not her eyes: Amado's experiment with non verbal language in Tereza Batista Cansada de Guerra*, Swarnakar faz uma análise do romance apresentando o silenciamento em relação à personagem Tereza Batista, destacando a habilidade de Jorge Amado em usar a linguagem não verbal, especialmente através da descrição dos olhos de Tereza, para transmitir emoção, pensamento e desejo, uma vez que esta falta de voz ativa pode ser uma representação simbólica das lutas e desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade patriarcal em que vivem.

Além disso, a autora pontua o uso de outros meios linguísticos dessa mulher, caracterizada por ela como “subalterna”¹³ (Swarnakar, 2014, p. 13), analisando como esses meios podem servir como formas de resistência e expressão, mesmo dentro de um contexto de opressão e marginalização. Mesmo que Tereza só não fale nas cenas em que é violentada, o intuito da autora não era discutir a linguagem amadiana, mas a ausência de fala da protagonista. No entanto, o narrador, em outros momentos, fazendo uso do discurso direto, dá voz a Tereza. Vejam-se, por exemplo, as cenas em que ela e Libório brigam (Amado, 2008, p. 20), a organização da Greve do Balaio Fechado (Amado, 2008, p. 389) e o momento em que Almério a pede em casamento (Amado, 2008, p. 347).

A estudiosa argumenta que Jorge Amado oferece um significado verbal para meios não verbais, uma vez que Tereza se comunicava com seu olhar, o que transformava essa mulher impotente e vítima de abuso sexual e social em uma mulher inteligente, que aprende a falar com os seus olhos. Sua língua estava amarrada, seus olhos, não, o que os tornavam “a mais poderosa ferramenta que seu criador poderia lhe oferecer para falar” (Swarnakar, 2014, p. 72), demonstrando, ao mesmo tempo, sua complexidade psicológica e emocional e sua capacidade de resistência e empoderamento.

Swarnakar também focaliza alguns momentos em que o narrador evidencia a beleza do corpo feminino de Tereza enquanto a protagonista se mantém calada. Durante o desenvolvimento do enredo, outras características físicas lhe são atribuídas. Seu rosto, seus dentes, a cor da pele, tudo é apresentado como a marca da beleza física, mas o mais importante é que sua língua está ausente (Swarnakar, 2014, p. 75), representando sua falta de poder e autonomia em relação aos homens e às estruturas sociais dominantes.

Ao passo em que a trama vai se desenrolando, os olhos de Tereza servem como um meio de subversão. Swarnakar (2014, p. 77) afirma que o leitor experimenta a aguda sensação de ausência da fala da protagonista. Todavia, a autora aponta que Jorge Amado não calou Tereza, pois ela não é muda, a personagem fala através de seus olhos. Em várias situações, o narrador chama a atenção do leitor para os olhos de Tereza, já que expressam seus sentimentos e reações. Além disso, Swarnakar indica que os olhos da protagonista transmitem mensagens com mais força do que as palavras e que seu silêncio é um sinal de resistência contra o poder patriarcal. Tal como nas cenas em que Justiniano queima os seus pés, o narrador afirma que havia “nos olhos de Tereza apenas o ódio” (Amado, 2008, p. 116). Os olhos de Tereza também falam no

¹³ O conceito de subalternidade é discutido mais amplamente na obra *Pode o subalterno falar?*, da crítica e teórica indiana Gayatri Spivak (1985).

momento em que Daniel ensina-lhe as primeiras lições de amor, demonstrando, através de seus olhos úmidos, um prazer sem expressão verbal (Swarnakar, 2014, p. 80).

No que se refere ao período em que a personagem viveu com Emiliano Guedes, mesmo sendo bem tratada por ele, Swarnakar (2014, p. 81) diz que Tereza é retratada como uma ouvinte silenciosa, raramente dando sua opinião. Ao saber-se grávida, fica extremamente feliz, mas não se expressa com palavras, mas com “os olhos negros”, “cismarentos, absortos: ah, um filho nascido dela e do doutor, crescendo belo e arrogante, de olhos azul-celeste e maneiras finas, a quem nada faltasse nesse mundo, um fidalgo como o pai” (Amado, 2008, p. 283). Ao concluir, a autora diz que os olhos da protagonista são a ferramenta mais poderosa que seu criador poderia lhe oferecer para falar, tornando-a, dessa forma, uma mulher silenciosa e, ao mesmo tempo, forte (Swarnakar, 2014, p. 83). Ao destacar a importância dos olhos de Tereza, a autora ressalta a capacidade das mulheres de encontrar formas alternativas de se fazer ouvir e se afirmar, mesmo em situações desafiadoras.

De maneira oposta, Walnice Nogueira Galvão, no ensaio de 1976, *Amado: respeitoso, respeitável*, faz duras críticas aos romances amadiano, considerando que são cada vez mais volumosos, causando um aumento no preço final, apesar da menor elaboração artística. Segundo a autora, Amado reforça, em cada novo romance, os costumes baianos: comida de dendê, candomblé, cachaça, mulatas, pretos, prostitutas, coronéis, sexo e violência (Galvão, 1976, p. 15-16). Para ela, esta repetição é uma forma de glorificar o povo e a cultura baiana, mas ao mesmo tempo ela critica esta representação como caricatural e simplista da realidade.

Tendo em vista a relação de Tereza e Emiliano, Galvão (1976, p.16) alega que é uma hierarquia implícita entre os personagens, pois o coronel é retratado como “rico e fino”, enquanto a prostituta é uma “representante do povo”. Embora o convívio entre classes seja mostrado como possível, ainda há uma divisão entre o rico e a pobre, o poderoso e a marginalizada, refletindo as estruturas sociais da época. Dessa maneira, a narrativa em certos momentos evidencia as diferenças sociais entre os dois personagens, ressaltando alguns estigmas que a sociedade defende: o relacionamento entre uma mulher pobre e um homem rico, muitas vezes, é visto como uma aproximação por interesse.

No que concerne à trama de TB, Galvão é incisiva, argumentando que o romance é uma amostra grátis de tudo o que pode haver de pior na literatura, pois é lido com muito sofrimento. A fim de ressaltar a má qualidade, a autora utiliza a expressão “amostra grátis”, indicando que o livro oferece uma pequenez, por sua falta de profundidade e qualidade. Além disso, um terço da narrativa seria narrado com sadismo, “descrevendo as relações de Tereza com o sádico

capitão” (Galvão, 1976, p. 19). Enquanto Galvão viu o romance como uma representação negativa da literatura, outros leitores, em especial minhas alunas, podem encontrar valor no enredo, uma vez que as cenas consideradas sádicas podem servir como reflexão sobre as violências que já ocorreram e ainda ocorrem com as mulheres.

Galvão alega ainda que o romance de Jorge Amado reúne e reforça achados de seus livros anteriores, pois se, em narrativas prévias, as prostitutas eram personagens secundárias, em *Tereza Batista, cansada de guerra*, por sua vez, ela se torna não só a personagem principal, mas também dá título ao livro (Galvão, 1976, p. 21). Por outro lado, como observou a servidora E. R., 43 anos, Tereza foi “prostituta, mas uma prostituta que não teve intenção de ser, obrigada a ser, não restou para ela outra alternativa”, ainda, demonstrando empatia ao dizer que “isso machuca a gente”. É interessante ressaltar que nenhuma das participantes desta pesquisa utilizou o termo “prostituta” para se referir a Tereza, mesmo reconhecendo que ela se viu obrigada a prostituir-se em determinados momentos. Uma vez que desenvolveram empatia pela protagonista, isso pode indicar uma sensibilidade das alunas em relação ao estigma associado ao termo “prostituta”.

Além disso, em relação às duras críticas recebidas pelo livro *TB*, Antunes (2009), fazendo uma análise das representações dos personagens homossexuais dentro dos romances amadiano, traz falas do próprio autor em resposta ao livro de 1992 de Alice Raillard, *Conversando com Jorge Amado* (1992), no qual a autora aborda perspectivas feministas que considerariam o romance também machista. JA refuta esta possibilidade dizendo que o fato de o romance narrar histórias sobre o machismo não o torna necessariamente machista. Segundo o autor, “elas [as feministas] se recusam a ver que é uma crítica, uma denúncia; é uma forma de luta contra esse estado de coisas.” (Raillard, 1992, p. 307 *apud* Antunes, 2009, p. 253). Confirmando que o objetivo do romance é conscientizar e lutar contra as desigualdades de gênero, isso ressalta o papel da literatura como um meio para a reflexão crítica sobre questões sociais e como uma maneira de promover a mudança.

2.3 TEREZA BATISTA À LUZ DA LEI MARIA DA PENHA E DO ECA

Monteiro (2015) escreveu, na área do direito, o artigo: *Tereza Batista Cansada de Guerra e a atual legislação brasileira protetiva da mulher*, explorando como a obra literária reflete os aspectos da realidade social e como estes elementos podem ser relacionados aos princípios jurídicos presentes no ECA e na Lei Maria da Penha. Ainda, em seu estudo, defende que a ficção pode ser usada para referenciar a realidade e a juridicidade dos casos, em uma

análise das relações entre o feminino e o masculino, estabelecidas no romance de 1972, à luz das normas jurídicas válidas no território brasileiro, com base em uma análise das problemáticas ainda presentes na realidade, tais como o abandono de incapaz e os diversos tipos de violências contra a mulher.

A autora afirma que JA é um contador de histórias que “ênfatiza” aspectos como “feminilidade, machismo, conservadorismo, coronelismo” (Monteiro, 2015, p. 94). Segundo ela, JA buscou, em *TB*, “envolver o leitor pela relação que faz entre a personagem e situações atemporais”, situando-o geograficamente na narrativa, recurso que pode suscitar “a ideia de veracidade de seu relato” (Monteiro, 2015, p. 93), levando-o a “torcer em apoio a alguma causa e repúdio a outras” (Monteiro, 2015, p. 94), tal como fizeram várias das alunas que participaram desta pesquisa de mestrado ao mencionarem apoio à protagonista e à causa da vacinação contra a varíola, além da reivindicação das prostitutas, repudiando o comportamento de certos personagens masculinos, sobretudo o de Justiniano e o de Daniel.

Por se passar em um período histórico anterior à instituição da Lei Maria da Penha, a autora mostra como o romance sublinha “a ausência de proteção tanto da família quanto a do Estado”, sobretudo na vida da protagonista, submetida a condições que a obrigaram a lutar pela sobrevivência, passando a ser vista como “uma mulher boa de briga” (Amado, 2008, p. 21). JA retrata a protagonista como uma mulher que teve que lutar pela sua sobrevivência em meio a condições adversas, fazendo com que esta luta a transformasse em uma figura resiliente e combativa, que é percebida como uma mulher briguenta, sugerindo o ambiente hostil e sem proteção em que Tereza vivia, destacando a ausência de proteção e apoio disponíveis para Tereza, tanto por parte de sua família quanto do Estado. Isso ressalta a vulnerabilidade das mulheres em situações de violência e exploração, especialmente em um contexto social onde os direitos e as proteções legais eram limitados.

Segundo Monteiro (2015, p. 98), submissa às condições impostas à hegemonia do poder masculino, Tereza foi ensinada a ser valente, pois viveu em um mundo de brutalidades, “assimilando um juízo de que um bom guerreiro não chora, com uma persistente recusa em aprender a ter medo”. Tereza não deixou de ser violenta mesmo diante das adversidades “da vida social”, (Monteiro, 2015, p. 99-100), continuando a ser agressiva, o que sugere a internalização de padrões de comportamento de ataque como uma forma de autodefesa e sobrevivência, sugerindo que a coragem e a resistência se tornaram elementos centrais de sua identidade, permitindo-lhe enfrentar as dificuldades com determinação e bravura.

Logo, nas palavras da autora, JA, de maneira indireta, mostra “uma realidade corriqueira”, permitindo que seus leitores reflitam sobre a relevância do Estado como “regulador dos interesses da menina Tereza frente aos interesses de seus familiares e da sociedade que a “acolhia”. Em relação à ausência do Estado, uma aluna argumenta que, mesmo que o romance tenha sido escrito na década de 70, “o tema é tão atual, a exploração infantil”, pois, segundo a aluna, as mulheres já conseguiram “alguma coisa, já avançamos, pelo menos hoje em dia é crime [referindo aos crimes de pedofilia e violência contra a mulher]” (A. A. P., 17 anos).

Nessa perspectiva, Monteiro afirma que o Código Penal brasileiro, desde o decreto-lei, de 7 de dezembro de 1940, estabelece, nos Artigos 136, 244, 246 e 247, como crimes de maus-tratos à criança e ao adolescente, bem como o abandono material, intelectual e moral, determinando pena de detenção e multa a quem infringir a lei. E que a omissão da família de Tereza e a falta de alternativas acarretou “a perda da infância, da inocência e de caminhos civilizados, já que se não fosse o coronel a violentá-la, qualquer outro a isto se prestaria” (Monteiro, 2015, p. 100), ressaltando a omissão dos tios em protegê-la e cuidar dela adequadamente, o que resultou na perda de sua infância e inocência. Isso indica a falha do sistema familiar em fornecer um ambiente seguro e protetor para Tereza, deixando-a vulnerável a abusos e exploração.

Mais tarde, em 1990 (Brasil, 1990), o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, no Artigo 249, também responsabiliza os pais e, na ausência dos pais, a responsabilidade “de cuidar, educar e proteger passa a ser da família”. Assim, ao analisar *TB* à luz do ECA, documento posterior ao período em que o livro foi escrito, a autora assinala que a narrativa “remete à atenção à responsabilidade dos tios de Tereza Batista” (Monteiro, 2015, p. 101-102). Ao encontro do argumento de Monteiro, algumas alunas assinalaram a falta de responsabilidade de Felipa em relação à Tereza, indicando uma reflexão crítica sobre os deveres familiares e a importância, sobretudo da família, de oferecer proteção e cuidado às crianças e adolescentes, mesmo em contextos desafiadores.

Em relação aos diversos tipos de violências contra a mulher e a Lei Maria da Penha, muito mencionada pelas participantes desta pesquisa, S. P. M. (15 anos) expõe que “ainda bem que hoje existe a Lei Maria da Penha”, outra aluna declara que esse tipo de violência “aconteceu muito e ainda acontece, mas que naquele tempo não tinha justiça, não era considerado crime e é muito cruel”. (N. A. P., 17 anos). Indicando uma conscientização sobre a evolução das percepções sociais e legais em relação a esse tipo de violência, dado que, ao mencionar que, no

passado, não havia justiça para as vítimas de violência doméstica e que tais atos não eram considerados crime, as participantes ressaltam a crueldade e a injustiça que historicamente têm sido associadas à violência contra a mulher.

Nessa perspectiva, a Lei Maria da Penha, sancionada em 07 de agosto de 2006, procura garantir “à mulher o exercício dos direitos fundamentais, a saber: vida, liberdade, igualdade, segurança, propriedade, enfim, a dignidade humana”, assegurando “a mulher como sujeito de direito, além de combater a “violência familiar e o abuso afetivo” (Monteiro, 2015, p. 102). Sob esse viés, de acordo com a autora, faltou dignidade humana à protagonista, acarretando nela uma certa dependência emocional, já que a narrativa atesta que Tereza sempre buscou “afeto verdadeiro”, pois necessitava “de calor humano” (Amado, 2008, p. 25). Dessa maneira, para a autora, a carência afetiva de Tereza fazia com que ela visse em Janú não apenas “o ar de família, quem sabe a segurança, a alegria, a bondade do doutor, mas a inteireza de homem” (Amado, 2008, p.31).

No que se refere à violência psicológica que o sexo feminino sofre, a autora afirma que o romance *TB* revela “sem disfarces”, pois, ao observar os relacionamentos, é possível notar “o jogo de poder”, elemento essencial “para configurar a violência psicológica” (Monteiro, 2015, p. 104), pois as relações de poder desiguais entre homens e mulheres são exploradas como um fator contribuinte para a violência emocional. Ela ainda pontua que o Artigo 7º, inciso II, da Lei Maria da Penha, conceitua a violência psicológica “como qualquer conduta que seja capaz de causar dano emocional e diminuição da autoestima, prejudicando, perturbando ou impedindo o pleno desenvolvimento” (Monteiro, 2015, p. 104).

A autora versa também sobre a violência sexual ocorrida em *TB* e na sociedade como um todo. Para ela, “a violência doméstica também é trazida à tona segundo o clássico dever de favor sexual” (Monteiro, 2015, p. 104), visto que os favores sexuais são trocados por bens materiais, ou até mesmo por itens imprescindíveis à sobrevivência, bem como moradia, alimentação, remédios e vestuários. Já N. S. (17 anos) argumenta que Tereza gostou de Emiliano somente porque ele não a agrediu fisicamente. Segundo a estudante, Emiliano foi igual ao capitão, já que, na casa de Justiniano, ela também tinha o que comer e tinha o que vestir.

Baseando-me em Monteiro (2015), faço um paralelo, como já mencionado no início dessa seção, com as falas de minhas alunas em relação às violências sofridas pelas mulheres atualmente, pois, para as partícipes de minha pesquisa, a falta de normas legislativas que protegessem as mulheres fazia com que as mulheres vivessem em ambientes extremamente

violentos, como no caso de Tereza. Contudo, é preciso considerar que as mulheres já adquiriram alguns direitos que antes não lhes eram concedidos, dado que a exploração infantil e as violências físicas e sexuais contra crianças e mulheres, hoje, são consideradas crimes.

Nesse sentido, uma servidora pontuou a necessidade de meios que promovam reflexões acerca deste assunto. Segundo ela, as mulheres necessitam “de informações sobre os direitos da mulher, sobre as leis”, pois servem como ferramentas do “empoderamento feminino” (T. A., 32 anos), indicando que o acesso à informação pode ser uma forma eficaz de capacitar as mulheres a se protegerem contra a violência e a buscar justiça quando necessário.

Logo, a representação de Tereza como uma mulher sofrida, pobre, porém de personalidade forte e lutadora, provocou diversos efeitos significativos nos leitores que acompanharam sua história. Ela desperta empatia, pois muitos se identificam com suas batalhas e aspirações. Além disso, sua história promove a conscientização social ao destacar sua luta contra a pobreza, a falta de liberdade e as injustiças sociais. A narrativa também desafia as normas sociais, levando os leitores a reavaliarem suas próprias visões sobre os papéis de gênero na sociedade. Por fim, ao retratar Tereza como uma mulher forte e solidária apesar das adversidades, a história pode inspirar as leitoras a enfrentarem seus próprios desafios, servindo como um exemplo de fortalecimento da mulher.

3 MEU OLHAR: A VIOLÊNCIA EM *TEREZA BATISTA, CANSADA DE GUERRA*

Acreditando na necessidade de dar um retorno aos meus alunos, especialmente às alunas e às servidoras, pois, durante as discussões, eu não emiti nenhum tipo de comentário sobre o romance, por isso esbocei, neste capítulo, algumas análises das cenas de violências que mais causaram sentimento de aversão nas participantes de minha pesquisa. Pareceu-me que a escrita deste capítulo também era uma forma de tratar algumas questões em aberto durante as discussões síncronas e as contribuições assíncronas, como o machismo, a violência internalizada na mulher e a animalização do ser humano. Minha perspectiva, portanto, se caracteriza por um compromisso com a análise crítica, buscando trazer à tona questões importantes e estimular o debate sobre temas relevantes para a sociedade contemporânea, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Para isso, organizei este capítulo em cinco seções, em 3.1 “Tereza Batista, argola no colar do capitão”, analiso algumas violências sofridas por Tereza, em especial, a cena em que Justiniano queima os pés da protagonista com o ferro de passar roupas; na seção 3.2, “A menina e o ‘seu dono legítimo’”, faço algumas considerações sobre o momento das negociações entre o personagem Justiniano e a tia Felipa, da venda de Tereza. Além disso, pondero as violências, dentro da cena quando a menina é chamada para ir embora com seu “dono legítimo”; na seção, 3.3 “Tereza, Favo de mel, Tetá Muçurumim”, teço algumas considerações a respeito da violência psíquica sofrida pela personagem, considerada como a mais sutil. Ainda discorro sobre a reprodução do machismo pelas mulheres, já que a própria protagonista, em alguns momentos da narrativa, apresenta comportamentos machistas; do mesmo modo, em 3.4, “Respeite a mulher do cara!”, apresento e analiso algumas falas sobre Tereza Batista dos personagens masculinos, consideradas, por mim, como assédios sexuais, tendo em vista que são comentários e insinuações de cunho sexual referindo-se à protagonista, e já em 3.5, “Dóris: devoção e violências”, faço algumas reflexões sobre o comportamento da personagens Dóris e as violências sofridas por ela na narrativa, em especial, em sua “noite de núpcias”.

3.1 “TEREZA BATISTA, ARGOLA NO COLAR DO CAPITÃO”

Aplicou o ferro de engomar primeiro num pé, depois no outro. O cheiro de carne queimada, o chiado da pele, os uivos e o silêncio da morte. Depois de fazê-lo, o capitão a desamarrou; já não eram necessárias cordas e vigilância, cabra no corredor, fechadura na porta. Curso completo de medo e respeito, Tereza por fim obediente. Chupa, ela chupou. Depressa, de quatro e de costas. Depressa se pôs. Sozinha no mundo e com medo, Tereza Batista, argola no colar do capitão (Amado, 2008, p. 124).

O leitor acaba de ler o trecho do romance *TB* que mais causou impacto nas leitoras da Escola Nilo Coelho. A maioria das participantes desta pesquisa de mestrado afirmou que, ao chegar nesse ponto – que se encontra na segunda parte do romance –, sentiu-se horrorizada com a crueldade de Justiniano. As alunas disseram ainda que quase abandonaram a leitura do livro nesse momento, o que é aceitável, pois, neste trecho, contam-se fatos horríveis.

Quando as alunas citam que quase abandonaram a leitura, esta impressão chocante é como o previsto por Candido (2011, p. 180) ao mencionar que “quando recebemos o impacto de uma produção oral ou escrita”, e que isso se dá devido à fusão da mensagem e a sua organização, uma vez que ela foi determinada por quem a produziu para impressionar, uma vez que “há na literatura níveis de conhecimentos intencionais”, que são planejados pelo autor, inserindo no texto suas ideologias (Candido, 2011, p. 182). Nesse sentido, nesta passagem em especial, o narrador relata os instantes desesperadores do estupro de Tereza, contando, com efeitos realistas, a tortura à qual a menina de apenas 13 anos foi submetida antes de ser violada, cena esta que causa horror a quem lê, exatamente nos termos relatados pelas alunas.

De maneira semelhante ao modo de ferrar o gado para identificar o seu proprietário, fazendo com que o animal carregue o nome do seu dono no couro, os pés de Tereza são, para sempre, marcados a ferro e fogo por Justiniano. Além do ferro quente, há outros elementos que também indicam o padecimento e o estupro da protagonista. Entre eles, o narrador detalha os ruídos daquele momento infernal de modo a provocar no leitor a sensação de também ouvir o grito de Tereza. Em razão de caracterizar o chiado, conferindo uma emoção para ele, a narrativa é vagarosa e o leitor “ouve” o chiado da pele da protagonista sendo queimada, “os uivos e o silêncio da morte” (Amado, 2008, p. 124).

Para trazer ainda mais o efeito sonoro da tortura, o autor emprega o uso de paralelismo nos trechos: “o chiado da pele” e “o chiado do cuspo” do capitão ao passar o dedo no fundo do ferro quente. Além disso, o silêncio pode ser notado também na narrativa, pois o narrador só retoma o fôlego, voltando a detalhar a cena, após o estupro de Tereza, quando a personagem está sendo desamarrada e “não eram necessárias cordas e vigilância, cabra no corredor, fechadura na porta” (Amado, 2008, p. 124). Antes de ser queimada e estuprada, o capitão tinha mandado seus capangas amarrarem Tereza com cordas no intuito de imobilizá-la, impossibilitando-a de qualquer tentativa de fuga ou de luta para afastá-lo. Além de imobilizá-la, as cordas serviam também como instrumento para satisfazer o sadismo do capitão, pois colocava Tereza na posição de dominada, ficando Justiniano em postura de dominação, o que provocava nele “o mais profundo e denso prazer” (Amado, 2008, p. 86).

Tereza também usa a violência para tentar combater o capitão. Na narrativa, já de início, ao ser vendida pela tia Felipa, sendo chamada para ir embora para a casa do capitão, ela “morde-lhe a mão com força, com a força da raiva” (Amado, 2008, p. 83), deixando-o com marcas de sangue, e em seguida foge para o mato. Já na casa do capitão, Tereza continuou a defender-se do iminente estupro, esquivando-se do capitão. Ao ser agredida por ele com um tapa no nariz, dá um pontapé na perna do capitão e, por causa da unha grande, arranca-lhe sangue. O narrador enfatiza que foi ela a primeira a arrancar sangue (Amado, 2008, p. 117).

Tereza é descrita, durante toda a narrativa, como corajosa e destemida. Conta-se que, mesmo apanhando do capitão, não sente medo, pois, na tentativa de se defender e movida pelo ódio, “mete as unhas na cara, por pouco não deixa o capitão cego” (Amado, 2008, p. 116). Ao pegar a lamparina acesa, durante o embate, diferente das demais meninas, Tereza, em vez de sentir medo, foi capaz de amedrontar Justiniano, daí o fato de ele sentir “o calor do fogo nas virilhas, na altura dos ovos” (Amado, 2008, p. 116).

A luz acesa nas mãos da menina sugere ao leitor a ideia de uma possível solução para acabar com todo aquele martírio, pois, com o fogo da lamparina, Tereza tinha o poder em suas mãos e poderia incendiar a casa. No entanto, a lamparina foi apagada pelo capitão, deixando “o quarto na escuridão e Tereza perdida nas trevas” (Amado, 2008, p. 116).

Logo, mesmo apanhando muito, Tereza não cede. Ao narrar a luta corporal dos dois, o texto parece dar a Justiniano a vitória, mas, de repente, a menina se apoia com a mão no piso, se levanta num salto de moleque e dá outro pontapé, agora nas partes íntimas de Justiniano, “dor mais sem jeito, dor mais pior, solta um grito medonho, se torce e contorce” (Amado, 2008, p. 117). Ali mesmo, Tereza começa a apanhar “com a taca de couro cru”, surra de matar, deixando-a “semimorta” e toda ensanguentada, porém, não se entrega.

O narrador diz que “a demônia cruza as pernas, tranca as coxas”. Num diálogo com o leitor, o narrador pergunta onde será que Tereza encontra essa força, pois não existe força humana capaz de descruzar as pernas da menina (Amado, 2008, p. 118). Ele ainda nos conta que, ao amanhecer, houve mais tentativas de estupro, mas a protagonista não “só trancou coxas e lábios, fez pior: meteu a mão no colar, um puxão no fio de ouro, rolaram as argolas pelo quarto” (Amado, 2008, 119). O rompimento do colar representa a ruptura, que Tereza foi responsável em pôr fim, das práticas criminosas de Justiniano ao estuprar as meninas. As argolas rolando no chão simbolizam a vulnerabilidade de cada menina estuprada por Justiniano, demonstrando, assim, os estados físico, emocional e social dessas vítimas, pois, por serem estupradas, eram desprezadas pela sociedade, uma vez que já não eram mais virgens, restando-

lhes apenas o sofrimento e a prostituição como meio de sobrevivência. Portanto, a narrativa ratifica que as meninas eram “violadas, batidas, abandonadas no meretrício” (Amado, 2008, p. 94).

A significação efetiva do colar só é concretizada mais adiante no romance, quando Tereza mata Justiniano. Ela agora é uma das argolas soltas ao chão, uma vez que, ao ser presa, sofre muito. Em todo o enredo, Tereza vive lutando por seus ideais e, em alguns momentos, entra, literalmente, em pelejas. E, ao narrar as lutas corporais travadas por Tereza, a narrativa faz com que o leitor comece a torcer pela vitória da protagonista. Tal recurso tem o poder de criar em quem lê certa admiração por Tereza e, paralelamente, pena, pois, mesmo diante de uma pessoa considerada por todos como uma pessoa invencível, a protagonista não se deixou vencer facilmente.

Em *Vozes de resistência: leituras da personagem feminina em Tereza Batista*, cansada de guerra, no ano 2021, Thamynny Santos da Silva tinha o objetivo de ouvir as vozes femininas que representam uma parcela da juventude brasileira marginalizada que leram o romance em questão.

A autora afirmou que alguns dos leitores acompanhados por ela pensaram em desistir da leitura por acharem a história “pesada demais”, ou por ser “impossível de ler”, se referindo, sobretudo, ao capítulo dois, com a cena de estupro que reconstituí no início deste texto aparece. Silva (2021) atribui a dificuldade de seguir na leitura à minúcia dos detalhes violentos apresentados. Nesse sentido, é pertinente afirmar que os participantes da pesquisa de Silva e as leitoras de minha pesquisa tiveram sensações semelhantes.

O abuso físico é acompanhado de um abuso psicológico desde o momento em que Justiniano levanta o ferro e sopra as faíscas que voam, brilhando: “lá dentro os carvões acendidos. Passou o dedo na língua, depois no fundo do ferro, o cuspo chiou” (Amado, 2008, p. 123). A menina experimenta a ameaça antes de ela ser executada. Os leitores do romance também.

Humilhada, Tereza roga por perdão, pedindo, pelo amor que Justiniano sentia pela própria mãe, para não ser queimada, prometendo que nunca mais fugiria. Contudo, nada adianta. O encadeamento de preces não atendidas provoca, nas leitoras, um grande sentimento de pena, fazendo com que sofram como se presenciassem o suplício da protagonista.

Segundo a crítica literária Walnice Galvão, a trama do romance é lida com muito sofrimento, uma vez que cerca de um terço do romance é narrado por um narrador sadista, que, por sua vez, descreve “as relações de Tereza com o sádico capitão” (Galvão, 1976, p. 19).

A crueldade de Justiniano é ainda amplificada pelo fato de ser narrada seguindo um ritmo lento e com muito suspense, como se desse vazão a um sadismo que vai sendo, pouco a pouco, degustado pelo próprio narrador, que confirma o seu sadismo ao narrar passo a passo o personagem aplicando o ferro de engomar primeiro num pé, depois no outro. À lentidão, se soma a riqueza do detalhamento do “cheiro de carne queimada, o chiado da pele” (Amado, 2008, p. 124). De acordo com Eco (1994, p. 56-58), os sinais de suspense também são características da narrativa, uma vez que faz parte deste processo o aspecto emocional do leitor, colocando-o nele, esperanças, medo e tensão, já que, a essa altura da leitura, o leitor já se identificou com o destino das personagens.

Nesse sentido, a descrição sensorial tem a função de provocar os sentidos de quem lê. No fragmento citado no início deste capítulo, apela-se, ao mesmo tempo, aos sentidos do olfato e da audição que, juntos levam o leitor a sentir na própria pele o ferro a queimar. Dessa maneira, sentindo o que sente Tereza, o leitor cria, com ela, empatia.

Sudha Swarnakar, em *Her tongue is tied not her eyes...*, afirma que, ao ler essas cenas, o leitor não apenas lê a representação da brutalidade, mas sente o cheiro de uma parte do corpo sendo queimada (Swarnakar, 2014, p. 79). O leitor lê a representação e sente que ela se faz real em seu próprio corpo.

Faz-se necessário voltar aos tempos da infância da protagonista, apresentados também pela narrativa, antes da cena com que iniciamos este capítulo, pois, desde a infância, Tereza é vítima de violência, já que ainda criança foi vendida – prática recorrente na região, na época em que se desenrola a história da protagonista – pela tia.

A necessidade de voltar à infância de Tereza Batista se dá pelo fato de que é o início da construção da personagem e é nesse ponto que o leitor começa a criar empatia pela protagonista, da mesma forma que ocorreu com as minhas alunas, pois a cena também despertou muitos comentários, com indignação, a respeito da venda da menina pela tia materna.

Tereza, órfã de pai e mãe desde que estes morreram, foi criada pela tia Felipa, sendo vendida, por ela, para o capitão, aos 13 anos. O tio Rosalvo, marido de Felipa, foi contrário à venda da sobrinha não por querer protegê-la, mas porque tinha planos de desvirginar a menina, dado que ele a vigiava dormir e contava os dias à espera de “quando Tereza atingisse a puberdade” (Amado, 2008, p. 80).

Nesse ponto da narrativa, são apresentadas as primeiras violências sexuais, mesmo que em estado de inconsciência, sofridas por Tereza. Rosalvo, por exemplo, aproveitava o sono profundo de sua esposa para contemplar Tereza dormindo, desejando-a sexualmente. A prática

de pedofilia, segundo o narrador, restringia-se a admirá-la, “estremecia” e “nem precisava tocá-la, nem tocar-se; só de vê-la o prazer subia-lhe pelo peito, penetrava-lhe a carne, inundava-o” (Amado, 2008, p. 80).

Para Silva (2021, p. 109), o destino de Tereza Batista tinha duas certezas: “ser violentada por um desconhecido ou dentro de casa por seu tio”. Comparada, portanto, com Rosalvo, Felipa parece, na vida da menina e diante da sociedade, um mal menor. Em função disso, o narrador atribui a ela uma culpabilização, de certa forma, mais branda por vender a sobrinha.

Com a intenção de aumentar ainda mais o sentimento de pena no leitor, o narrador atribui à protagonista elementos que detalham o seu físico e as suas histórias recentes de brincadeiras infantis. Este é o caso do excerto: “a menina engole o pedaço de goiaba, despenca da árvore, correndo invade a casa, o suor brilha no rosto de cobre, a alegria nos olhos” (Amado, 2008, p. 77).

Sob essa mesma perspectiva, Francisca Magnólia de Oliveira Rego (2009), em sua dissertação, *Tereza Batista, cansada de guerra: a resistência à violência e à opressão feminina*, reitera que a primeira fase da história de Tereza é iniciada ainda quando ela estava inserida no mundo das brincadeiras, remetendo à alegria e à liberdade. Contudo, esses momentos são interrompidos por sua venda ao capitão Justiniano, sendo tratada como mera mercadoria. Nesse sentido, o narrador usa, inúmeras vezes, a palavra “menina” ora como adjetivo, ora como substantivo para referir-se à protagonista e criar a imagem da personagem. A fim de confirmar a inocência de Tereza, segue contando que ela ainda não havia chegado na fase da menarca, nem mesmo dos pelos: “não verteu sangue, é uma criança”, uma “criança impúbere” (Amado, 2008, p. 78). Tereza esguia e sem malícia. Os olhos do capitão e do narrador a focalizam. Para justificar o interesse sexual de Justiniano por Tereza, a narrativa afirma que ela era muito bela, uma “beleza rara”, além das características herdadas das mulheres da família, “todas bonitas demais, disputadas, fatais” (Amado, 2008, p. 77).

Em oposição, no decorrer das cenas que antecedem o estupro da protagonista, o narrador constrói o personagem Justiniano e todo o seu domínio, que é descrito com a aparência de um bicho “troncudo e gordo, meão de estatura, rosto redondo, sem pescoço, (...) ágil e forte, leve e ligeiro, bom de dança, capaz de romper um tijolo com um soco” (Amado, 2008, p. 83). À identidade física do capitão, soma-se, antes da cena do ferro de engomar, a descrição de sua posição social e financeira. O narrador, por exemplo, afirma que Justiniano era conhecido por todo o sertão como um homem rico, andava com galos de brigas, burros, cavalos, maço de dinheiro, peixeira e capangas (Amado, 2008, p. 74). O romance repete alguns e adiciona outros

adjetivos para descrever o personagem, como um “homem rico e maduro, considerado solteirão definitivo [...]”. O capitão Justo, homem de má fama, de péssima fama, pior não podia ser”, sendo “respeitado, sem dúvida, pelo dinheiro e pelos capangas, [...] prepotente, violento, sanguinário” (Amado, 2008, p. 91). O narrador insiste, sublinhando para o leitor a situação financeira do personagem, narrando que Justiniano Duarte da Rosa “comprava e vendia de um tudo, comprava barato, vendia com lucro” (Amado, 2008, p. 136). A insistência do narrador em caracterizar o personagem como detentor de poder e dinheiro causa aversão no leitor. O texto chega a se repetir: ele “gostava de fazer inveja aos demais, ostentando galos de briga, cavalos de sela, pistola alemã, colar de cabaços” (Amado, 2008, p. 299), diz o narrador em outro momento, além de o personagem comprar, pagando à vista, mercadorias baratas e, “em liquidação”, adquiria também “colheitas de feijão, café e milho, para revender, ganhando na compra e ganhando na venda” (Amado, 2008, p. 166).

Os elementos sociais e financeiros repetidos chamam a atenção do leitor, tornando o romance longo e reiterativo. Tal recurso não foi comentado pelas alunas, no entanto, uma delas afirmou que, se fosse para resumir o livro, resumiria com a palavra corrupção (T. A., 17 anos), pois, para ela, todos os conflitos do enredo giram em torno de dinheiro e, por conseguinte, do poder. Posses que são fruto da corrupção, ligadas à truculência, pois onde Justiniano chegava a sua fama vinha primeiro, abrindo caminhos para os bons negócios (Amado, 2008, p. 74). A valentia e o poderio são demonstrados através de símbolos ou atributos, entre eles, os galos bons de briga que o personagem criava, apresentando, dessa maneira, a agressividade inerente a ele. Além disso, é construída uma estreita relação entre Tereza e os galos, pois ambos serviam para a ostentação também.

O narrador, em certo momento, afirma que Justiniano, “vaidoso de seus galos e da quenga bonita” (Amado, 2008, p. 135), levou Tereza a uma rinha de galos para exibi-la, vendo “nos olhos dos parceiros o brilho turvo da cobiça” (Amado, 2008, p. 299). Ademais, quando recebia, em sua casa, a visita de fazendeiro ou, no armazém de um caixeiro-viajante, ordenava que Tereza servisse o café ou a cachaça para ser ostentada, de forma que ele pudesse ir “gozando o prazer de proprietário invejado, a cobiça dos hóspedes — menos vaidoso dela, no entanto, do que do galo Claudionor, campeão invicto, matador feroz” (Amado, 2008, p. 299).

Justiniano ainda possui, segundo o narrador, outros atributos de valentia e poder, como a tropa de burros, os cavalos de sela, o maço de dinheiro e os capangas, que aparecem no segundo capítulo, quando o narrador nos conta que onde o capitão Justo chegasse “com seus

galos de briga, a tropa de burros, os cavalos de sela, o caminhão e a peixeira, o maço de dinheiro e os capangas, a sua fama chegava primeiro” (Amado, 2008, 74).

O burro, conhecido por sua teimosia, era usado para carregar cargas pesadas. A tropa de burros, nesse sentido, nos reporta à força e à estupidez que o capitão empregava nas expedições de capturas de meninas virgens (Amado, 2008, p. 121). Já os cavalos de sela, montados por Justiniano, nos remetem, da mesma maneira, a seu domínio, equivalente ao que exercia sobre as meninas que lhe interessavam sexualmente.

Dos vários capangas, três são nomeados pelo narrador. O primeiro era Terto Cachorro, “chofer e pistoleiro” (Amado, 2008, p. 74), uma espécie de general, pois o capitão confiava a ele a liderança em relação aos demais capangas (Amado, 2008, p. 121). A fim de intimidar ainda mais o leitor em relação ao personagem Justiniano, o narrador conta também que era “foragido da justiça de Pernambuco. Terto puxava a faca, do rolo de fumo, o medo crescia em redor” (Amado, 2008, p. 74). O outro capanga era “Marquinhos, o rastreador de animais”, (Amado, 2008, p. 121), responsável em capturar, pela segunda vez, Tereza, escondida no meio do mato. Por fim, Chico Meia-Sola, criminoso à espera das ordens do capitão, “cobrador de dívidas atrasadas” (Amado, 2008, p. 101).

Além desses três capangas, Justiniano tinha outros, no entanto, o narrador reporta-se a eles generalizando-os com a expressão “os cabras” (Amado, 2008, p. 121). Os capangas colocavam-no em posição de mando, trazendo-lhe a segurança de que, a qualquer momento que precisasse, estariam ali para obedecer às suas ordens violentas, representando a superioridade financeira e o poder exercido sobre as outras pessoas.

O maço de dinheiro, carregado pelo capitão para pagar a compra das garotas virgens, também reforça o poder e o autoritarismo conquistado por sua riqueza. A faca peixeira, instrumento muito utilizado entre as décadas de 1960 a 80 na cultura nordestina durante os conflitos, reforça a masculinidade daquele que, como o capitão, a carrega na cintura, impondo, a qualquer momento, medo.

Ao longo da narração que antecede o trecho do estupro com o qual iniciamos este texto, observa-se ainda a ênfase dada à virilidade do capitão. Em dado momento, o narrador nos conta sobre os estupros de meninas praticados por Justiniano, que antecederam o estupro de Tereza Batista, descrevendo o cenário onde as violências aconteciam. O narrador diz que era um quarto “pequeno e escuro, no fundo da casa, o quarto possuía apenas uma janela ao alto, condenada, por cujas frestas filtravam-se ar e claridade. No chão, largo colchão de casal com lençol e travesseiros, e um urinol” (Amado, 2008, p. 84). Não é possível precisar quantas meninas foram

estupradas, no entanto, sabe-se que foram muitas, pois, na descrição, aparecem trechos que indicam reincidências, tais como: “Muitas já derrubara, naquele colchão”, “Algumas, sabidas, em geral as mais velhas, [...], composta de meninas medrosas, [...] e “as fáceis, com maior ou menor conhecimento” (Amado, 2008, p. 85). Além desses, há outros trechos que comprovam a impossibilidade de enumerar a quantidade de meninas violentadas por Justiniano: “naquele colchão muitas deitaram, ali violadas ou apenas possuídas, garotas novas na maior parte; tantas ali apanharam, gemeram, espernearam, comidas no grito, na bofetada, no soco, na taca (taca larga, de um couro só, diferente da outra, a da roça) (Amado, 2008, p. 172).

Para nos contar sobre o fato, o narrador diz que muitas meninas foram “violadas ou apenas possuídas” (Amado, 2008, p. 172). Ainda em outro momento, com intuito de reforçar para que o leitor perceba o grande número de meninas estupradas por Justiniano, a narrativa usa novamente a expressão afirmando que havia um “desfile de meninas, cabrochas violadas” (Amado, 2008, p. 94).

Embora minhas alunas não tenham feito comentários sobre a distinção dos vocábulos “violadas” e “possuídas”, dado que violar é o ato de exercer a violência, com intuito de ter relação sexual, sobre o corpo feminino, já a expressão possuir é o ato de tratar o corpo da mulher como objeto. Tampouco comentaram sobre a objetificação do corpo da mulher em posição de assujeitamento em relação às forças masculinas. Porém, como era esperado pelo narrador, percebi, pelas falas das alunas, que estes vocábulos também provocaram ojeriza nas participantes.

Diante da aversão, pude concluir que as leitoras, certamente, leram o romance, já que este sentimento de repulsa vai surgindo no leitor à medida que o narrador vai construindo o personagem. E que, apesar da dificuldade com o vocabulário de JA, com os regionalismo e da extensão do texto, difícil de ser superada nos dias de hoje, quando os alunos leem apenas textos curtos, as leitoras estavam acompanhando o enredo a tal ponto que se identificaram com a dor de Tereza, pois, em vários momentos, referiram-se a ela com sentimento de pena, sendo a expressão mais utilizada pelas alunas: “tadinha da Tereza, sofreu muito”, observando com a opinião que o uso da palavra no diminutivo “tadinha” indica tanto o sentimento de pena pelo sofrimento de Tereza, quanto o fato de ela ainda ser uma criança.

A ojeriza de algumas alunas também se deve à masculinidade do capitão, uma vez que o personagem é construído por meio de uma masculinização tóxica, com características que reforçam o poder exclusivo do homem em relação ao gênero, conhecido hoje como machismo.

Ao longo da narrativa, Justiniano preferia as meninas que resistiam o estupro, que são submetidas a agressões, pois, resistindo as investidas do capitão, criavam nele a “sensação de poder, de vitória, de difícil conquista” (Amado, 2008, p. 85).

Em *O corpo feminino em debate*, de 2003, coletânea organizada por Maria Izilda S. de Matos e Rachel Soihet, reunindo 11 artigos de autoria feminina, as autoras trazem reflexões acerca de corpos femininos, brasileiros e franceses que foram silenciados, manipulados e reprimidos pela sociedade ao longo da história, de modo especial nos séculos XIX e XX. As autoras trazem para o debate os temas como: *Os silêncios do corpo da mulher* (Michelle Perrot); *Delineando os corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico* (Maria Izilda Santos de Matos); *As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio – século XX* (Joana Maria Pedro); *A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX* (Rachel Soihet), dentre outros.

As autoras nos oferecem reflexões que ajudam a ler e interpretar o texto de Jorge Amado pela ótica sociocultural e o seu objetivo é colocar no centro de nossa atenção a saga dessa mulher nordestina, para demonstrar o sofrimento silencioso do corpo feminino dentro de uma sociedade marcadamente machista que procura manipular a mulher de acordo com os seus interesses. Matos e Soihet (2003, p. 14) demonstram claramente isso quando afirmam que o corpo da mulher é classificado, pela sociedade, como privado, aquele que deve ser ocultado dos homens e como corpo público: possuído e dominado pelos homens para ser exibido como troféu. Assim, JA reverbera, na ficção, esse lugar do feminino como troféu. Vale destacar que, fora da ficção, algumas mulheres também não têm o domínio dos seus próprios corpos, pois vivem cercadas pelo medo de terem os seus corpos violados.

Nesse sentido, para o personagem Justiniano, cada menina virgem estuprada era uma conquista, daí o uso do colar de argolas pendurado no pescoço, estampando em seu peito orgulhoso o *outdoor* para a sociedade de suas façanhas cruéis, sendo um lugar de exibição da quantidade de “himens rompidos”. Todos na cidade conheciam os seus atos, que ele não escondia de ninguém, sendo o próprio responsável pela sua autopropaganda ou auto exibição. O “colar de cabaços” (Amado, 2008, p. 79), expressão tantas vezes repetida ao longo do texto, era a prova do quanto ele era “macho”. E que talvez, por ser um tema tabu para as alunas, ou pelo fato de o rompimento do hímen não ter muito significado para as meninas de hoje, como tinha na época de Tereza Batista, o “colar de cabaços” não foi motivo para uma maior discussão entre as participantes da pesquisa.

3.2 A MENINA E “SEU DONO LEGÍTIMO”

No momento das negociações da venda de Tereza entre o personagem Justiniano e a tia Felipa, a menina é chamada para ir embora com o primeiro, seu “dono legítimo”, Justiniano Duarte da Rosa. A narrativa afirma que o personagem, ao tirar o dinheiro do bolso, contou “cédula por cédula, devagar, a contragosto”, uma vez que não gostava de pagar pelas meninas. O narrador chega a afirmar que o personagem sentia “uma dor quase física quando não lhe restava outra saída senão pagar, dar ou devolver” (Amado, 2008, p. 79). Ao contar e recontar a quantia de um conto e quinhentos mil-réis, dizendo ser “muito dinheiro”, a atitude do personagem nos remete ao valor que Justiniano atribui ao dinheiro e o pouco valor que confere à mulher, pois teme dar dinheiro a mais para Felipa. Além disso, demonstra o pouco valor que atribui a Tereza e às meninas compradas por ele. A transação financeira acontece como se tivesse sido negociado, entre eles, um objeto. Na venda, a desumanização feminina se faz explícita.

Ao discorrer sobre o pagamento, a fim de conferir ao capitão todo o poder econômico que o personagem trazia consigo, a narrativa detalha as formas pelas quais Tereza foi comprada. Felipa recebeu o dinheiro da venda e um vale no valor de “cem mil-réis para as compras no armazém” (Amado, 2008, p. 82). Dessa maneira, o narrador leva o leitor a ponderar que, ao negociar Tereza, Felipa pensou nas necessidades passageiras da casa e que “ali estava uma mulher em situação de pobreza que vê na venda da sobrinha uma forma de sobreviver” (Silva, 2021, p. 110), nem que seja por um pouco mais de tempo.

A narrativa também nos conta que Felipa foi estuprada sendo um pouco mais velha que Tereza por Porciano e seus quatro irmãos. Ainda se acrescenta um incesto cometido pelo avô de Felipa (Amado, 2008, p. 76). Nesse sentido, uma das participantes da pesquisa de Silva (2021) disse que teve a impressão de que o narrador levava o leitor a entender que a “situação não é pessoal, mas sim estrutural. Enquanto houver fome, machismo, racismo e estrutura de classes acredito que isso perdure” (Silva, 2021, p. 110).

Em relação ao momento em que o personagem faz o vale para as compras no armazém, o narrador nos conta que Justiniano tinha um baixo grau de escolaridade, pois sua assinatura era “complicada” de entender. Ainda assim, o fato de saber assinar colocava-o em posição de superioridade em relação a Felipa e Rosalvo, daí o seu orgulho.

No momento das negociações, todos os verbos relacionados ao comando dado pelo capitão à tia da menina expressam ordens, a fim de causar alguma intimidação: “Pegue o cobre”, “conte de novo” e “pode comprar de uma vez ou ir tirando aos poucos”. Felipa assim o faz

imediatamente, sob as ordens de Justiniano (Amado, 2008, p. 79). A cena da venda de Tereza como se fosse uma escrava constituiu um momento provocativo, pois vai contra os valores morais e éticos aceitáveis durante as discussões com as alunas e servidoras da Escola Nilo Coelho.

Estende a mão, Justiniano Duarte da Rosa pergunta: — O quê? — O anel. Vosmicê disse que ia dar o anel. — Disse que ia dar à moça, é o dote dela. — Riu: — Justiniano Duarte da Rosa não deixa ninguém ao desamparo. — Guardo comigo, capitão. Moça dessa idade não sabe o valor das coisas, perde, larga em qualquer lugar. Guardo para ela. É minha sobrinha. Não tem pai nem mãe. O capitão fitou a mulher em sua frente, cigana terrível. — Entrou no acordo, capitão, não foi mesmo? Trouxera o anel para dar à menina, para ganhar-lhe a simpatia, não tem valor nenhum, vidro de cor, dourado latão. Retira-o do dedo, ouro falso, falsa esmeralda, vistosa pedra verde. Afinal já não tem motivos para agradar a menina, pagou o preço combinado, é o dono. Felipa limpa a pedra na barra do vestido, coloca o anel no dedo, admira-o contra o sol, satisfeita. De nada no mundo gosta tanto como de colares, pulseiras, anéis. Todas as míseras sobras de dinheiro, gasta-as com quinquilharias nos mascates. O capitão Justo estira as pernas, levanta-se, tilinta em seu pescoço o colar de argolas de ouro, chocalho de virgens. Amanhã uma nova argola, de ouro dezoito. — Agora chame a moça, vou embora (Amado, 2008, p. 82).

Nesta cena, o narrador também mostra Felipa preocupada em arrancar de Justiniano todo lucro possível, mas logo é revelado o baixo apreço da personagem pela sobrinha, uma vez que se sente satisfeita com o anel de pedra falsa. Felipa não era diferente do coronel Justo. Miserável também do ponto de vista humano, usa “todas as míseras sobras de dinheiro, gasta-as com quinquilharias nos mascates” (Amado, 2008, p. 82). Assim, o anel, inicialmente trazido pelo capitão para agradar a menina – anel de doce infantil –, mostra como a mulher, imaginando ser boa negociadora, está, na realidade, sendo passada para trás, pois o capitão sabia diferenciar muito bem a joia da quinquilharia.

O autor, nesse momento do texto, explora vocábulos do imaginário infantil recontextualizados no âmbito da exploração sexual. É o caso de “chocalho”, em referência ao brinquedo de bebê, que se torna, no romance, um “chocalho de virgens”. Também o anel trazido para agradar a menina, que relembra o contexto de oferecer doces às crianças para ganhar a sua simpatia e, no caso de pessoas de má-fé, fazer-lhes algum mal.

No momento em que Felipa chama a sobrinha e diz que ela vai embora para a casa do capitão, a menina questiona o porquê e, em seguida, se nega a ir. Então Justiniano, segundo o narrador, responde com “voz de dono” (Amado, 2008, p. 83), dado que, “com ele”, seria “ouvir e obedecer”. Justiniano também é infantilizado, apesar da brutalidade com a qual age, pois não deixa de ser o dono de um brinquedo, ou seja, o dono da boneca. Ao utilizar a expressão “voz de dono”, o narrador procura justificar as atitudes do personagem, pois Justiniano tratava Tereza como um objeto e até mesmo como um animal.

A animalização se tornará clara em breve, nos momentos em que Tereza foge para o mato na tentativa de não ceder às violências sexuais do capitão, sendo capturada como se fosse um bicho selvagem, depois de ter sido perseguida por cachorros e pelo capataz Terto Cachorro, assim conhecido por correr atrás das meninas fujonas do capitão. A narrativa dá voz ao capitão aguçando a ferocidade canina de seu capataz: “Terto! Terto! — gritou pelo capanga a ressonar na boléia do caminhão. — Aqui, Terto!” (Amado, 2008, p. 83). Nesse sentido, era necessário um animal feroz, o capanga, para capturar outro animal: Tereza. O narrador chega a afirmar que a menina era “ligeira como um bicho do mato” (Amado, 2008, p. 123). Ao ser espancada, a história também acrescenta que “matilhas de cães respondiam nas distâncias aos uivos de Tereza” (Amado, 2008, p. 119).

3.3 TEREZA, “FAVO DE MEL” E “TETÁ MUÇURUMIM”

Além da concepção social, que faz com que as mulheres estejam em posição de subordinação e sujeitas às violências físicas, o machismo também constitui a autoconcepção de mulheres. Em *TB*, o comportamento machista, nas mulheres, é abordado de maneira sutil e, por isso, talvez não tenha despertado a atenção de minhas alunas. Segundo o personagem Emiliano, Tereza é “Favo de mel” (Amado, 2008, p. 270), o que remete a pessoa doce e agradável, mas, ao mesmo tempo, recorda o quanto os encontros sexuais que mantinha com ela lhe eram energizantes, como o mel, revigorando a sua vida.

Tereza também foi tratada, por Januário, como “Teté Muçurumim” (Amado, 2008, p. 43), Teté, apelido carinhoso para o nome Tereza, já muçurumim está relacionado ao negro de origem mulçumano. A utilização dos apelidos “Favo de Mel” e “Teté Muçurumim” para se referir a Tereza, embora aparentemente carinhosos à primeira vista, revela nuances de poder e desigualdade. No caso de “Favo de Mel”, a associação de doçura e energia pode mascarar a objetificação e exploração sexual que Emiliano atribui a Tereza, destacando a tendência de reduzir uma mulher a um mero objeto de prazer. Quanto a “Teté Muçurumim”, a utilização do termo étnico por Januário sugere não apenas uma referência à origem, mas também um ato de reforço de estereótipos e hierarquias, estabelecendo-o como superior e controlador em relação a Tereza.

Esses apelidos, aparentemente inofensivos à primeira vista, ganham uma conotação mais profunda quando consideradas as dinâmicas de poder subjacentes. Nesse sentido, a questão não se limita apenas à subserviência social e econômica ou afetiva de Tereza, mas também reflete a maneira como expressões aparentemente afetuosas podem, na realidade,

perpetuar relações desiguais e opressivas, reforçando estereótipos de gênero e reforçando dinâmicas de poder prejudiciais.

Embora a protagonista seja vista pelas participantes de minha pesquisa como uma mulher que luta contra a marginalização feminina, a narrativa também indica atitudes e falas machistas, bem como a sujeição ao homem em seus relacionamentos com Emiliano e Januário. Emiliano tem personalidade forte, “acostumado ao mando, seguro de si, direto e firme, insolente e arrogante”, no entanto, parece cordial com Tereza, submetendo-a. Além disso, “ela sempre o tratara de senhor”, colocando-se em posição de inferioridade (Amado, 2008, p. 244). Nesse sentido, ao tratá-lo dessa maneira, Tereza aceita o poder financeiro que Emiliano exercia, uma vez que era “senhor feudal de terras, canaviais e usina de açúcar, mas também capitalista citadino, banqueiro, presidente de conselhos de administração de empresas, bacharel em direito” e dono da “Usina Cajazeiras, do banco Interestadual de Bahia e Sergipe, da Eximportex S.A” (Amado, 2008, p. 243).

O narrador nos conta que, no início da relação com Emiliano, Tereza “assumira a posição de fêmea do doutor” e de empregada da casa. Sempre acordava cedo para colocar a casa “asseada e em ordem, tomando a si os serviços mais grosseiros e pesados” e “continuava agindo como se estivesse em companhia do capitão, como se vivesse situação idêntica à anterior” (Amado, 2008, p. 261). Em dado momento da narrativa, Emiliano manda a amásia deixar de limpar a casa e ir tomar um banho, pois tinha dado a ela o posto de “patroa e não criada, esta casa é sua, você é dona” (Amado, 2008, p. 266). Ele conclui a repreensão dando-lhe a ordem para que contratasse mais criadas para os serviços da casa, pois nunca mais queria vê-la “imunda a esfregar móveis, a carregar penicos” (Amado, 2008, p. 266). Tereza, acatando a ordem, diz que banharia depois de limpar. Em seguida, a fim de confirmar a total obediência da protagonista, lê-se que Tereza tinha o “costume de obedecer” (Amado, 2008, p. 264), ratificando o dito popular “mulher nasceu para obedecer ao homem”.

Tereza também demonstra o domínio de Emiliano ao afirmar que, enquanto ele a quisesse, “nunca ela seria de outro homem”, pois ele era “o amante mais perfeito”, não dando a ela motivos para “pensar em outro homem rico ou pobre, jovem ou maduro, bonito ou feio” (Amado, 2008, p. 272). Desse modo, a protagonista, colocando-se em posição passiva, parece aceitar sem nenhum problema o fato de que é somente o homem que manda na relação.

O autoritarismo “com voz educada” de Emiliano é demonstrado quando Tereza engravida, sendo obrigada, por Emiliano, a abortar (Amado, 2008, p. 282). Em uma das poucas vezes que aparece a voz à protagonista, Tereza afirma que já decidiu pelo aborto também,

mesmo que, pouco tempo antes, se tenha contado da esperança que ela nutria de que Emiliano aceitasse a criança. Refletindo sobre sua gravidez de Emiliano, Tereza imagina que, se a criança for um menino, será como o pai e, se for uma menina, será como ela, revelando, mais uma vez, a passividade da protagonista e a ideia de que o destino das mulheres já está predeterminado, seja como propriedade de um homem, seja como prostitutas. Tereza parece conformada com a prostituição, destino dado às mulheres pobres como ela.

Nessa passagem do texto, o narrador compara Emiliano a Justiniano, dando vazão aos pensamentos submissos de Tereza, pedindo pelo amor de Deus para o doutor não a levar “em exibição”, como fazia o capitão, fazendo inveja, a levando à rinha de galos. Pois, para ela, só o fato de ouvir Emiliano dizendo que a “queria para si, exclusivamente” já era o suficiente e “pagava qualquer limitação” (Amado, 2008, p. 299), revelando certa dependência emocional e sentimento de passividade da protagonista.

Perto de sua morte, o próprio Emiliano reconhece que agiu de forma semelhante a Justiniano, afirmando que foi “tão ruim para ti [Tereza] quanto o capitão. Um outro capitão, Tereza, envernizado, passado a limpo, mas, no fundo, a mesma coisa”, “te mantive presa aqui, na dependência de minha comodidade, uma coisa, um objeto, uma cativa. Eu o dono, tu a serva” (Amado, 2008, p. 333). Com intuito de dizer ao leitor a relação estabelecida entre Tereza e Emiliano, o narrador continua dando voz a Emiliano, dado que ele afirma que “até hoje me tratas de senhor” (Amado, 2008, p. 333). Dando voz também à passividade e à sujeição financeira da protagonista, Tereza responde: “não fale assim, não é verdade. O senhor me deu de um tudo, quem era eu para merecer mais”? (Amado, 2008, p. 333). Antes, o narrador já tinha iniciado esse quadro. Emiliano “sabia escolher e cuidar, com razão mantinha-a escondida ali, em Estância” (Amado, 2008, p.320). E Tereza, vivendo sozinha uma “vida estreita, limitada, triste”, apesar de estar trancada em uma casa à espera do amante, só ficava triste quando o “doutor” demorava a chegar (Amado, 2008, p. 303).

Ao se relacionar com Daniel, a protagonista tinha a mesma passividade, pelo menos segundo a visão do narrador: os lábios dele eram os “donos de sua boca”, pois “Tereza não reage, deixa-o fazer mas ainda não participa, ainda fechada no medo e no asco” (Amado, 2008, p.170), destacando a passividade da protagonista e a predominância da vontade do parceiro, conforme observado pelo narrador. Tendo em vista, a expressão “os lábios dele eram os donos de sua boca” demonstra a submissão de Tereza à vontade de Daniel, onde ele tem controle sobre ela, especialmente em termos físicos e íntimos.

Já tendo sido previamente enganada por Daniel, Tereza mantém uma desconfiança em relação aos homens que exibem características de “cara de anjo”, voz suave e uma aura de sensibilidade. Embora esses homens possam ser considerados inocentes e gentis, Tereza os associa à falsidade e à fraqueza de caráter. O adjetivo “frouxo”, usado por ela para descrevê-los, não apenas se refere à covardia de suas ações, mas também é uma crítica à sua virilidade. Em outros momentos da narrativa, percebe-se que Tereza relaciona diretamente a virilidade masculina ao caráter dos homens. Ao dizer a Libório que “um homem que agride uma mulher não merece ser chamado de homem, é um covarde” (Amado, 2008, p.21), ela enfatiza a ligação entre agressão física e a coragem moral. Nessa interação, ela expressa sua prontidão em enfrentar indivíduos que exibem comportamentos covardes, desafiando diretamente Libório com a provocação “se ele fosse ‘homem’, deveria bater em mim” (Amado, 2008, p.21). Tais atitudes revelam uma postura crítica da protagonista em relação aos padrões estabelecidos de masculinidade, sugerindo que a virilidade não se limita à manifestação de força física, mas também engloba aspectos de integridade moral e respeito pelas mulheres.

Indicando que ela pode ter internalizado crenças sociais sobre o valor das mulheres e seu papel na sociedade, o que pode levar à auto inferiorização, no episódio em que Janu prometeu que voltaria para eles comerem juntos uma moqueca de peixe, Tereza novamente expressa pensamentos machistas, inferiorizando outras mulheres, dizendo que Janu não tinha o direito de tratá-la “como uma mulherzinha qualquer” (Amado, 2008, p.45). Logo, ao criticar Janu por tratá-la de forma desrespeitosa, ela também está perpetuando uma visão de mundo que subestima o valor das mulheres em geral, inclusive o seu próprio.

O narrador nos conta ainda que Tereza, usando termos pejorativos e sexistas, pensou em descer a ladeira, procurar o mestre Januário, pensando na possibilidade de ele estar dançando no Paris Alegre, “com qualquer vagabunda do porto” ou “embolado com uma quenga qualquer”. Contudo, em posição, novamente, de passividade, “Tereza mantém-se à espera como compete à uma mulher de brio”, qualquer palavra e iniciativa tem que partir dele (Amado, 2008, p. 41-43). Logo, é possível depreender que a passividade é uma manifestação das normas de gênero que restringem as mulheres e as colocam em uma posição de submissão em relação aos homens.

Confirmando essa passividade feminina, ao reencontrar Januário na cena final do romance, Tereza diz: “Venha e me faça um filho, Janu” (Amado, 2008, p. 448). Em vez de afirmar “venha, vamos fazer um filho, Janu”, o que a colocaria em posição de igualdade e como agente ativo na decisão de ter um filho, expressando seu próprio desejo e vontade, Tereza adota

uma postura passiva. Essa escolha de palavras revela a posição submissa da personagem em relação a Januário e à vida, tornando-se uma receptora sem autonomia para decidir sobre seu próprio corpo e futuro. Ela acredita que os homens determinam seu destino e o de outros seres ainda por nascer, refletindo uma visão de que a agência feminina é limitada e subordinada à vontade masculina.

Nesse sentido, a protagonista pode ser considerada um personagem-tipo, como já discutido na seção, na pág. 50 desta dissertação, *O livro mais denso, mais pesado de Jorge Amado*, representando as atitudes de muitas mulheres que entregam seu corpo para satisfazer as necessidades sexuais dos seus parceiros, sem julgar necessário que sejam elas também satisfeitas.

3.4 “RESPEITE A MULHER DO CARA!”

(...) “não se meta com ela”, pois Tereza “é casada com aquele zarro” (Amado, 2008, p. 60). Este enunciado parece carregado de violência. A expressão, atualizada e fora dos livros, seria “respeite a mulher do cara”, refletindo o machismo presente na sociedade, pois reforça a crença da superioridade masculina e o fato de o homem ser o “dono” da mulher.

Na narrativa, este tipo de violência é abordado na cena em que o narrador nos conta que, em uma manhã de domingo, Tereza e Januário vão juntos, como casal, a uma animadíssima feijoada, “digna de superlativos e exclamações”, com muitos convidados, “motoristas de praça, músicos Amadores com violão e flauta, um tocador de cavaquinho de primeira, moças da vizinhança, amigas da mulher de Tião, assanhadas” (Amado, 2008, p. 59). Os homens comentam entre si a beleza de Tereza – “que pedaço de mulher” (Amado, 2008, p. 60), a frase se constitui violenta, dado que a palavra pedaço se refere ao fragmento de um todo, como se a mulher fosse um pedaço da inteireza masculina.

Outros homens também dizem que ela “é uma uva” (Amado, 2008, p. 60), expressão muito usada entre as décadas de 50 a 70 para referir-se às mulheres jovens e bonitas, uma vez que este fruto simboliza a sensualidade e a fertilidade, recordando igualmente a suculência da uva, seu sabor adocicado e a textura macia. Os comentários, confundidos com elogios e tão corriqueiros no dia a dia feminino, são assédios sexuais, uma vez que podem constranger a mulher.

A fim de criar no leitor um clima de disputa por Tereza e, conseqüentemente, possível briga entre os homens, o narrador enfatiza os comentários relacionados à beleza da protagonista. Contudo, em seguida, alivia a tensão dos leitores ao dar voz a um dos convidados da feijoada,

já advertindo um convidado, Cavalcanti, que “não se meta com ela”, pois Tereza “é casada com aquele zarro” (Amado, 2008, p. 60). A partir de então, os homens mantêm um aparente respeito pela protagonista pelo fato de ela estar acompanhada de um homem, que a narrativa enfatiza: tem porte físico avantajado, “é mulher do grandão” (Amado, 2008, p. 60), o que pode representar certo perigo.

Ao advertir Cavalcanti dizendo que Tereza é casada com o “zarro”, o narrador estabelece uma hierarquia de poder na qual o status de mulher casada é usado como uma forma de proteção e respeito por parte dos outros homens, conferindo um certo grau de segurança e respeito para as mulheres, especialmente quando o marido é visto como alguém que pode representar um perigo físico para os outros.

O narrador, retratando as realidades sociais e culturais da época e do ambiente em que a história se passa, retoma o discurso afirmando que, em pouco tempo, Tereza estaria sozinha, pois os homens que trabalham no mar abandonam suas mulheres, já que não têm moradia fixa. Além disso, por ser uma profissão considerada de alto risco de morte, as mulheres de marinheiros ficam viúvas muito cedo, ou “amor de marujo tem a duração da maré” (Amado, 2008, p.60), ou seja, são relações efêmeras. Assim, Tereza logo estaria suscetível aos assédios sexuais, pois não teria mais um homem ao seu lado para protegê-la dos demais, sendo vítima dos comportamentos machistas.

É importante ponderar que Tereza, desde sua infância, sofreu com os assédios e de início foi vítima dos olhares e intenções do seu tio Rosalvo. O narrador afirma que, enquanto ela dormia, o tio ia até o seu leito só para vê-la, “nem precisava tocá-la, nem tocar-se; só de vê-la, o prazer subia-lhe pelo peito, penetrava-lhe a carne, inundava-o” (Amado, 2008, p. 79-80). Já em companhia do capitão, também sofreu comedidos assédios sexuais, pois os homens que a assediaram tinham medo do capitão. Exemplo disso era Marcos Lemos, personagem com “o olho guloso, os sorrisos, [...] Marcos Lemos piscava-lhe o olho, fazia-lhe sinais” (Amado, 2008, p. 152), esperando que Justiniano abandonasse Tereza. Mas, na narrativa, pondera que a “mulher de Justiniano Duarte da Rosa não anda sozinha de noite com outro homem”. O narrador cuida da imagem masculina e nos diz que “mesmo que não aconteça nada, o povo espalha que aconteceu o pior” (Amado, 2008, p. 165). Esse enclausuramento, nomeado de cuidado, está estritamente relacionado ao fato de o personagem aceitar que as pessoas façam muitos tipos de comentários sobre ele, tais como “bandido cruel, de sedutor de menores, deflorador e tarado, de ladrão de terras, de gatuno no peso e nas contas, de trapaceiro nas rinhas de galo, de

criminoso de morte”, mas não o chamem de “de chifrudo, devoto de são Cornélio, cabrão, enganado por fêmea. Nem de corno” nunca foi chamado por ninguém (Amado, 2008, p. 166).

Ao usar vários sinônimos para referir-se ao homem que foi traído, depreende-se que o narrador quis incluir todas as pessoas e as possíveis variedades linguísticas daquela redondeza para certificar o leitor que, de nenhuma maneira, o capitão foi traído, ou seja, sua honra não foi ferida, já que a perda da honra masculina é considerada pior que a falta de caráter. Nesse sentido, fica com a mulher o peso de se manter intacta a honra do homem. De outro modo, a sentença para as mulheres que traem podia ser a morte. Afinal, a própria lei, fruto de uma sociedade patriarcal, dava permissão para o homem casado que, flagrando a mulher em situação de adultério, a matasse como forma de limpar a honra.

Quando Emiliano morre, Tereza fica sozinha, sem um homem para protegê-la, por isso, Túlio Bocatelli, por meio de subentendidos, oferece ajuda e sugere à protagonista que passe no banco para conversarem. No texto, o uso das reticências indica que Túlio não terminou a sua fala, recurso utilizado pelo narrador para fazer com que o leitor conclua por si só a proposta de cunho sexual: “passe no banco, em Aracaju, vamos conversar sobre sua vida. Não vai perder seu tempo...” (Amado, 2008, p. 330).

3.5 DÓRIS: DEVOÇÃO E VIOLÊNCIAS

Outra personagem que suscitou muitos comentários por parte de minhas alunas foi Dóris, personagem filha do finado Ubaldo Curvelo, ex-prefeito e médico da cidade de Cajazeiras do Norte e de dona Brígida. Isto ocorreu porque o narrador constrói Dóris em contraste com Tereza, descrevendo-a, de início, como “triste, magricela, desajeitada, feia, taciturna, de pouca saúde e pobre de fazer dó” (Amado, 2008, p. 93). Em outro momento, ainda é caracterizada usando um “vestido curto de menina, sapatos de salto baixo, rosto macerado, quase sem pintura, quase sem busto, escolar tola e inocente” (Amado, 2008, p. 98), ou seja, sem atributos que atraíssem algum pretendente ao casamento, já que não despertava o desejo sexual dos homens.

Em razão de Dóris não atender ao binômio beleza e dinheiro, o narrador nos conta que ela se casaria “só por milagre” (Amado, 2008, p. 93). No entanto, também diz que Dóris estava com “o fogo a consumi-la” (Amado, 2008, p. 98), o que questiona outra crença, a saber, aquela de que a mulher honesta não poderia sentir desejo ou nem mesmo seria capaz de buscá-lo.

Ainda a narrativa nos remete à falta de sororidade de Dona Brígida para com Dóris, tendo em vista que, depois de passar “noites em claro, dias de aflição, pesando os prós e contras”

(Amado, 2008, p. 92), decide casar Dóris, de 14 anos, com Justiniano, de 36 anos. O narrador leva o leitor a subentender que “casar a filha” com o capitão foi a solução encontrada por dona Brígida, pois a situação financeira depois que o marido faleceu se “fizera insustentável - a hipoteca da casa a vencer-se, o dinheiro mensal insuficiente, o crédito esgotado, já não conseguia manter a fama de rainha-mãe. Primeira-dama do município” (Amado, 2008, p. 89). Assim, por meio da relação entre mãe e filha, é observada a falta de empatia e de acolhimento que, em certas situações, sobretudo nas relações que estabelecem poder e as questões financeiras, há entre as mulheres.

A surpresa maior das alunas diante de todas estas provocações ligadas à mulher e ao papel que ocupa socialmente deu-se diante da descrição da reação da personagem durante as núpcias. Era esperado, por parte das alunas, que a personagem rejeitasse o marido e que se opusesse à consumação do casamento, uma vez que, na narrativa, a menina é apresentada pela própria mãe como uma pessoa sem “perspectivas” de casamento, já que nenhum menino teve interesse por ela, restando-lhe apenas torna-se freira ou ocupar o “lugar de professora primária numa das poucas escolas do município ou do estado” (Amado, 2008, p. 90). A perspectiva das mulheres mais velhas sobre as mais novas mostra-se, no romance, afetada pelo machismo estrutural. O narrador segue afirmando que seria impossível Dóris arrumar um marido (Amado, 2008, p. 93). Já desde os tempos de escola, a personagem não tinha tido nenhum menino que a olhasse “com ternura ou malícia”, a fim de levá-la “atrás do monte, clássico couro de namorados” (Amado, 2008, p. 91).

Ao iniciar a narrativa do momento da primeira relação sexual de Dóris, o narrador aponta a fragilidade do corpo da personagem. Em seguida, diz que a personagem quer “gritar, gritar bem alto” (Amado, 2008, p. 104), levando o leitor, inicialmente, à interpretação de que Dóris quer clamar por socorro, já que, antes desse momento, já se conhece Justiniano e sua forma de tratar as mulheres. Todavia, ao tomar fôlego, o narrador, de maneira inesperada, dá voz à personagem, sendo uma das poucas vezes em que ela se expressa no romance. Mais do que isso, trata-se de uma das poucas vezes que uma personagem feminina assume voz própria no romance. Logo, o discurso indireto livre dá vazão aos ressentimentos que Dóris segurou por muito tempo.

Com intuito de marcar esse momento, a narrativa afirma que a personagem, por ser de natureza calada como o pai, ouvia “em silêncio, sem risos nem comentários” e não revidava as provocações que recebia das amigas (Amado, 2008, p. 90). Conta-se ainda que suas “colegas tinham maligno prazer em tomá-la por confidente de beijos, agarramentos, bolinagens, com

detalhes excitantes. Vaidosas, exibiam-lhe manchas roxas no pescoço, lábios mordidos” (Amado, 2008, p. 90). Dessa forma, o leitor supõe que as amigas despertavam em Dóris desejo sexual, uma vez que, ao se mostrarem marcadas, teriam tido, de fato, sexo com os rapazes.

É por isso que, na primeira relação sexual da personagem, na noite de núpcias, Dóris deseja mais violência do que as manchas. Para mostrar-se melhor do que as amigas, a personagem pensa no marido nos seguintes termos:

Não um meninote de colégio, não um rapazola de tesoura e metro, em apressada masturbação, mão no peito, mão nas coxas — tira depressa e corre que vem gente aí. Um homem e que homem! Justiniano Duarte da Rosa, o capitão Justo, macho reconhecido e celebrado, maior e universal, todo inteiro de Dóris, seu marido. Ouviram? Seu marido, seu esposo, de aliança na igreja, de papel assinado no juiz. Esposo, amante, macho, seu homem, inteiramente seu, na cama, ali na alcova, pertinho da sala, venham todos e vejam! (Amado, 2008, p. 104).

Nos pensamentos de Dóris, narrados em discurso indireto livre, é possível perceber uma certa vaidade por ter se casado com Justiniano. Ela exalta a virilidade do capitão e o orgulho que sentia pelo marido ser um homem conhecido e, conseqüentemente, poderoso. Não podemos esquecer, além disso, que a forma como o narrador apresenta Justiniano na citação acima, pelo prisma do pensamento de Dóris, destaca o próprio machismo da personagem. Ainda que mulher, Dóris reproduz estruturas machistas arraigadas na sociedade brasileira, como a da ideia de que o homem tem de ser um macho, com um papel muito definido a desempenhar na sociedade, submetendo as mulheres ao seu desejo. Na cena, Dóris externa também todo o sentimento de rejeição que sentia, usando, em seu desabafo, os recursos das pontuações e entonações: “Um homem e que homem!”, “seu marido. Ouviram?”, “venham todos e vejam!”

Dessa forma, o narrador, ao deixar que Dóris dialogue com o leitor, vai aumentando o contraste entre ela e Tereza. Se, de um lado, Tereza, com “beleza deslumbrante” (Amado, 2008, p. 194), não se submete aos desejos de Justiniano, por outro, Dóris se orgulha do seu casamento, pois, mesmo sem atributos físicos, casou-se “de aliança na igreja, de papel assinado no juiz”, requisitos altamente recomendados na época em que ocorrem os eventos narrados no romance para uma moça de família. Assim, a narrativa leva o leitor a indagar a respeito dos papéis destinados ao homem e à mulher. Na sociedade patriarcal, esta última deveria mover-se entre os dois possíveis roteiros que o narrador permite que se entreveja: ser um objeto por meio do qual o homem satisfaz seus desejos, ou ocupar um lugar dentro do universo doméstico por meio do casamento.

A fim de aumentar ainda mais o contraste entre Tereza e Dóris, a narrativa prossegue detalhando os sentimentos da personagem. Casada, Dóris não tinha mais motivos para suportar

os deboches das amigas e das comadres e a compaixão da mãe. Por isso, a menina convida todas as mulheres da cidade, “tragam todas para ver, todas, sem faltar nenhuma” (Amado, 2008, p. 104) para que pudessem vê-la na cama com Justiniano, “pronto para possuí-la, tirar-lhe o cabaço, gozá-la, arfante de desejo, um homem” (Amado, 2008, p. 104). Dóris vive um relacionamento em que oferece devoção ao marido e, em troca, recebe violência.

Na cena de submissão do corpo feminino pela própria mulher, a postura do corpo da personagem nos remete à oblação de Cristo, que entregou o próprio corpo em sacrifício pela humanidade: “os braços em cruz sobre o peito de tísica” (Amado, 2008, p. 104). Ademais, a narrativa nos conta que os braços estavam sobre o peito tuberculoso de Dóris. Mesmo que ela quisesse se opor, não teria forças devido à doença. Seus olhos estavam arregalados, o corpo, tremendo. Assim, o narrador, numa tentativa de fazer com que o leitor reflita e concorde com a atitude de Dóris, questiona: “como poderia Dóris ter resistido na alcova junto da sala? Não pôde gritar, engoliu o medo e acendeu um fogo por dentro” (Amado, 2008, p. 115).

Antes, contava-se que Dóris havia contraído tuberculose e que o médico aconselhou adiar o casamento para tratar da saúde. “Está muito fraca, fraca demais, e os exames são indispensáveis”, “adiem o casamento por uns meses” (Amado, 2008, p. 102). No entanto, “o adiamento nem chegou a ser assunto de discussão” (Amado, 2008, p. 102). A confirmação do diagnóstico médico aparece na última semana de gravidez da personagem. Ao reportar-se ao início da doença, o médico recorda que avisou: “Bem que eu avisei. Deviam ter adiado o casamento, ter feito os exames” (Amado, 2008, p. 113).

A narrativa continua mostrando a extrema submissão de Dóris quando demora a trazer o paletó, pedido aos gritos por Justiniano. Quando a roupa chega, a menina é recebida com um tapa no rosto. Dóris chora pelos cantos, não pensa em dar um fim na relação e ainda se sente culpada: “Coisa à toa, um tapinha sem importância, tive culpa mesmo, demorei demais” (Amado, 2008, p. 112). Este comportamento subserviente diante das violências do marido suscitou muitos comentários por parte das alunas, pois a personagem é construída como boa esposa, apanhando calada. O narrador chega a afirmar em tom irônico e provocador que “Dóris aprendera num instante, tornou-se mestra e devota” (Amado, 2008, p. 120).

Por fim, os adjetivos para caracterizá-la não nos deixam dúvida do quanto Dóris procurou agradar o marido, a saber, “esposa devota, ardente, apaixonada, humilde, pronta a servi-lo, uma escrava a lavar e beijar os pés do esposo, sendo recebida com empurrões e pé na cara” (Amado, 2008, p. 110). A posição em que os personagens estão na cena em que Dóris lava os pés do capitão, estando ele em posição mais alta, ratificando a superioridade masculina

na relação, enquanto ela, aos pés, demonstra total submissão ao seu marido, reproduz a relação estabelecida entre o senhor e o servo. É notória, portanto, em Dóris, certa degradação do ser humano em razão da crença da submissão feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano é 2024, ano em que conheci a Bahia de Jorge Amado, e que também tive a oportunidade de visitar a casa em que ele viveu em Ilhéus-BA e que hoje é um museu, curiosamente 30 anos após os meus primeiros contatos com o autor. A menina de 1994 tornou-se uma mulher e, também, professora de Literatura, mais confiante, podendo afirmar que este Mestrado foi de grande evolução pessoal e profissional para ela.

Dado que, nesse período, pude conviver com Tereza e, por que não dizer ser amiga dela? Conforme me disse uma aluna, há alguns dias, quando falo de Tereza em sala de aula, parece que conto a história da protagonista amadiana como se fosse alguém bem próximo a mim. De fato, Tereza e eu ficamos bem próximas nestes últimos anos, uma vez que ela é uma personagem que desperta empatia. Sua vida sofrida e suas experiências refletem muitos desafios e conflitos que enfrentamos em nossas próprias vidas. Desde as lutas contra o machismo/violência até os seus desejos pessoais, Tereza personifica certas características e condições das mulheres com menor condição socioeconômica.

Neste momento das conclusões finais, vêm, à minha memória, de um lado, algumas leituras desatentas. Foi apenas depois de leituras mais minuciosas que percebi que a história de Tereza estava sendo contada por múltiplas vozes narrativas. Por outro lado, recordo também os impasses que enfrentei durante o percurso de Mestrado e por isso não posso deixar de pontuar a minha dificuldade com a escrita acadêmica, que, por diversas vezes, me fez pensar em desistir. Mas, em seguida, nascia dentro de mim uma força que me fazia acreditar que eu conseguiria, e então eu retomava o texto! E aqui está ele. Pronto? Talvez apresentável!

O que dizer da professora Fabiana de antes desta pesquisa, e da professora Fabiana de agora. Quando iniciei esta investigação, possivelmente por falta de atenção ou até mesmo por um conhecimento superficial, não tinha tanta consciência do poder que a literatura exerce na vida dos meus alunos. No entanto, ao longo desta jornada, pude perceber este impacto na formação dos indivíduos não apenas como estudantes, mas também como seres humanos. Atualmente, vejo a literatura não apenas como um texto a ser lido apenas por prazer, mas como uma ferramenta poderosa para estimular o pensamento crítico, promover a empatia e despertar a imaginação dos alunos. Tudo isso, afinal, ocorreu com as participantes desta pesquisa. Embora o romance de JA, por si só, não possa mudar a realidade, tem a capacidade de sensibilizar as pessoas para muitas questões, particularmente para a violência de gênero, que acabou ganhando centralidade na discussão com as alunas e servidoras da Escola Nilo Coelho.

Como mulher, esta jornada de descoberta levou-me a refletir sobre a representatividade que exerço frente às minhas alunas e sobre a necessidade de incluir, nas minhas abordagens pedagógicas, discussões que abordem questões de gênero e promovam a conscientização sobre a igualdade de direitos e oportunidades, contribuindo com a construção de uma coletividade mais justa e igualitária, quebrando o ciclo da violência e combatendo a cultura machista que ainda permeia nossa sociedade.

O objetivo geral deste estudo era identificar e observar pontos de vista femininos sobre o romance *TB*, publicado em 1972. Assim, analisei as opiniões de algumas alunas e servidoras da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nilo Coelho. Para entender as contribuições de cada participante, foram consideradas as relações de poder entre os gêneros. Logo, ao analisar as contribuições das participantes, posso afirmar que algumas das alunas se identificaram com Tereza, descrita por elas como “forte, guerreira, persistente e inteligente”. Estes adjetivos apareceram em vários relatos, mostrando que a personagem de JA marcou o processo de leitura destas jovens. O senso de justiça, a honestidade e a disposição de Tereza também foram destacados por elas. Algumas confessaram que se identificaram com a personagem devido à garra e à determinação de lutar por seus direitos e os de outras mulheres. Para elas, Tereza seria um exemplo a ser seguido.

Ao desenvolverem empatia com a personagem Tereza, as alunas e servidoras refletiram sobre as desigualdades existentes entre certos grupos sociais, cujas relações de violência persistem, em vista de um passado histórico de violência, difícil de ser transformado porque está enraizado culturalmente. A empatia no/durante o ato de leitura também permitiu que se lançasse um olhar para além dos atos individuais da violência contra as mulheres, a fim de se observar a sociedade coletivamente, visto que esta realidade se encontra fortemente alicerçada em pilares sociais que nos levam a normalizar, muitas vezes, a violência de gênero. Ao ler o romance, todas se revoltaram com as violências e declararam que era impossível não sofrer com Tereza.

Além de ouvir as opiniões de minhas alunas sobre o *TB*, eu também entrei em contato com a crítica literária feminina, que proporcionou um panorama mais aprofundado sobre a questão, especialmente no que se refere às duras formas de violência e de dor que permeiam as questões de gênero, raça e classe, coadunando-se com a realidade vivida por essa população marginalizada. No panorama crítico, destaco as autoras cujo olhar converge com o meu: Márcia Oliveira e Márcia Rios da Silva, sobretudo pelo interesse de trazer à tona temas marcadamente

silenciados em nossa sociedade, contribuindo com a construção de novas leituras desta narrativa.

Finalizo este trabalho acreditando que o aprofundamento da leitura de *TB* promoveu um aprendizado coletivo, pois o romance permitiu que as participantes se sentissem validadas em suas próprias experiências e encontrassem apoio entre si, em mim e na própria coletividade. Por meio das discussões, foi possível que algumas educandas, mesmo em segredo, revelassem situações de abuso sexual muito semelhantes às que Tereza sofreu em sua infância e ao longo de sua vida. Diversas participantes afirmaram reconhecer personagens agressivos e violentos, como Justiniano, em pessoas ao seu redor. Algumas disseram também que o livro de Jorge Amado atesta a importância de existirem leis que protejam as mulheres dos abusos cometidos pelos homens em diversas esferas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jane Soares de. As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [S.l.], n. 31, 2013. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/132>. Acesso em: 12 jun. 2023.

AMADO, Jorge. **De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de guerra**. São Paulo: Martins, 1972.

AMADO, Jorge. **Tereza Batista, cansada de guerra**. Posfácio de Lygia Fagundes Telles. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. **Homossexualidade**: a mestiçagem que Jorge Amado não viu: um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1918>. Acesso em: 21 ago. 2023.

BRASIL. **Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm#:~:text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20cria,Punir%20e%20Erradicar%20a%20Viol%C3%Aancia. Acesso em: 15 set. 2023.

BRASIL. **Lei Federal nº. 8069, de 13 de julho de 1990**. ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 11 jun. 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Cristiane. Compro, logo existo: Romantismo e Consumismo em Madame Bovary Gênero. **Revista Gênero**. Niterói, v. 1, n. 1, p. 13-20, 2000. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31075/18164>. Acesso em: 8 de novembro de 2022.

COSTA, Edson Tavares da. **Mulher criação social?** Leituras de perfis femininos da literatura. João Pessoa: Ideia, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Mulheres no Brasil**: histórias e desafios. YouTube, 1 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yR0KZCfUQSQ>. Acesso: 14 mai. 2021.

DONA FLOR e seus dois maridos. Direção geral: Mauro Mendonça Filho. Produção: Guel Arraes. Intérpretes: Giulia Gam, Edson Celulari, Marco Nanini, Tássia Camargo, Otávio Augusto, Lúcio Mauro, Chico Díaz e Walderez de Barros. [S. l.]: Estúdios Globo, 1997. Minissérie (50 min).

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERNANDES, Doralice de Freitas. **Tereza Batista e Rami: uma análise da representação literária do discurso feminino em Jorge Amado e Paulina Chiziane**. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras Instituição de Ensino) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2013. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/disserta%C3%A7%C3%B5es2013/arquivos/1698dissertacao_de_doralice_de_freitas_fernandes.pdf. Acesso em: 22 ago. 2023.

FERNANDES, Valéria Diez Scarance. **Namoro Legal**. [S. l.]: [s.d.]. Ministério Público de São Paulo. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/NamoroLegal.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2023.

FERREIRA, Lígia dos Santos. **Análise da particularidade estética em Tereza Batista Cansada de Guerra, de Jorge Amado: uma personagem feminina**. 2004. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras e linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Amado: respeitoso, respeitável**. In: _____. Saco de gatos: ensaios críticos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976. p. 13-22.

MATOS, Maria Izilda Santos; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. Unesp: [s. l.], 2003.

MEMORIAL. **A Casa do Rio Vermelho de Jorge Amado e Zélia Gattai**. 2024. Disponível em: <http://casadoriovermelho.com.br/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MONTEIRO, Lucila Freire. Direito e literature: Tereza Batista Cansada de Guerra e a atual legislação brasileira protetiva da mulher. In: SWARNAKAR, Sudha; FIGUEIREDO, Ediliane Lopes Leite de; GERMANO, Patricia Gomes. (orgs). **Nova leitura crítica de Jorge Amado** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015, p. 85-111.

OLIVEIRA, Márcia. **As mulheres de Jorge Amado aos olhos de seus homens**. In: _____. *Mulher criação social? Leituras de perfis femininos da literatura*. João Pessoa: Ideia, 2008.

REGO, Francisca Magnólia de Oliveira. **Tereza Batista cansada de guerra: a resistência à violência e à opressão feminina**. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2009. Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9425>. Acesso em: 7 jul. 2023.

SILVA, Márcia Rios da. **O rumor das cartas**: um estudo da recepção de Jorge Amado. Fundação Gregorio de Mattos, 2006.

SILVA, Thamynny Santos da. **Vozes de resistência**: leituras da personagem feminina em Tereza Batista Cansada de Guerra. 2021. 138 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/42506>. Acesso em: 22 ago. 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1985].

STAM, Robert. **Teoria e Prática da adaptação**: da fidelidade à intertextualidade. Ilha do Desterro: Florianópolis, 2006, p.019-053.

SWARNAKAR, Sudha. Jorge, Internacionalmente Amado. In:SWARNAKAR, Sudha; FIGUEIREDO, Ediliane Lopes Leite de; GERMANO, Patricia Gomes. (orgs). Nova leitura crítica de Jorge Amado [online].Campina Grande-PB: EDUEPB, 2014a, p. 15-34. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/2yqzj/pdf/swarnakar-9788578793289.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SWARNAKAR, Sudha. Her tongue is tied not her eyes: Amado's experiment with non verbal language in Tereza Batista Cansada de Guerra. In:SWARNAKAR, Sudha; FIGUEIREDO, Ediliane Lopes Leite de; GERMANO, Patricia Gomes. (orgs). Nova leitura crítica de Jorge Amado [online].Campina Grande-PB: EDUEPB, 2014b, p. 72-84. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/2yqzj/pdf/swarnakar-9788578793289.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

TEREZA BATISTA cansada de guerra. Direção geral: Paulo Afonso Grisolli. Produção: Augusto César Vannucci. Intérpretes: Patrícia França, Humberto Martins, Hugo Gross, Herson Capri, Jorge Dória, Zilka Salaberry e Stepan Nercessian. [S.l.]: Estúdios Globo, 1992. Minissérie (28 episódios).

TIETA. Direção geral: Paulo Ubiratan, Reynaldo Boury, Luiz Fernando Carvalho, Ricardo Waddington. Produtor: Mariano Gatti. Intérpretes: Betty Faria, Joana Fomm, José Mayer, Reginaldo Faria, Armando Bógus, Lúcia Brondi, Bemvindo Sequeira, Yoná Magalhães, Marcos Paulo e Arlete Salles. Estúdios Globo, 1989. Telenovela (45 min).

APÊNDICE A - Cronograma postado nos grupos de WhatsApp e redes sociais da escola Nilo Coelho.



DIA DE LER. TODO DIA!

TEREZA BATISTA, CANSADA DE GUERRA.

Profa. Mestranda Fabiana Belmont
Escola Nilo Coelho
Ministro Andreazza-RO

CRONOGRAMA

1ª SEMANA 04/08 Discussão geral sobre a impressão de leitura.

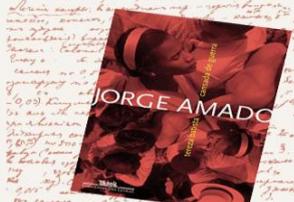
2ª SEMANA 11/08 Discussão específica sobre alguns personagens e cenas da obra.

3ª SEMANA 18/08 Discussão dos fragmentos escolhidos pelos grupos.

4ª SEMANA 25/08 Palestra com especialistas- Advogada Talânia Lopes de Oliveira e da Psicóloga Simone Fêlis.

5ª SEMANA 01/09 Encerramento
Presença de Jorge Amado Neto.

As quartas-feiras- 19h às 21h
Google Meet



APÊNDICE B - Fragmentos/cenas do romance disponibilizados como base das discussões e atividades escritas.

Cenas/fragmentos discutidos durante os encontros síncronos.	Cenas/fragmentos apresentados como base das atividades escritas.		
1. “Pára de bater, foi uma boa lição, mas por que essa filha-da-puta não chora? Tereza tenta esgueirar-se, não consegue; o capitão a segura, torce-lhe o braço. A menina aperta os dentes e os lábios, a dor a atravessa, o homem vai lhe quebrar o braço; não há de chorar, guerreiro não chora nem na hora da morte” p. 117.	2. “Quando pela última vez estivera na comarca, rapazola de dezessete anos, Dan andou se esfregando com moçoilas em frenesi; no aperto do corredor tocara os seios de casada saliente, de ousado decote, fora tudo. [...] donzelas às dúzias. Condenadas ao celibato, ao barricão — palavra maligna: aquela mais moça está com o pé no barricão, a outra já se enterrou no barricão, ou seja, sentenciadas à beatice, à histeria, à loucura. Daniel nunca vira tanta devota e tanta maluca, tanta fêmea a mendigar macho. O governo, [...] se realmente cuidasse da saúde e do bem-estar da população, devia contratar meia dúzia de robustos esportistas e colocá-los à disposição das massas femininas em desespero” p.146	1. “O melhor é satisfazer logo a vontade dele, para que diabo tu quer guardar esses três vinténs de merda? Pra que serventia? Tu é muito menina, moderninha mesmo, um tico de gente e se mete a baderna. É melhor tu fazer as vontades dele. Tu apanhou muito, ouvi tu gritar. Tu pensa que alguém vai socorrer? Quem? A velha maluca? Tu é mais maluca que ela. Acaba com esse barulho que a gente precisa dormir, não está para ouvir grito a noite toda” p. 121	2. “Fazendo-se moça e mulher na leseira da cidade, a que poderia Dóris aspirar? Concluído o curso normal no colégio das irmãs, ou bem arranjaria, com muito pedido e pistolão, por ser orfã do dr. Ubaldo, mísero lugar de professora primária numa das poucas escolas do município ou do estado, ou bem professaria, ingressando no convento. Regente de escola primária ou irmã de caridade, dona Brígida não conseguia enxergar terceira opção. Marido, casamento? Impossível” p. 93
3. “A viúva assinou a rogo — assinando por ela Joel Reis, serviçal de Libório — por não saber ler nem escrever, incapaz de rabiscar o próprio nome” p. 37	4. “Beijadas, apertadas, dedilhadas e logo abandonadas no melhor da festa, virgens agora acendidas em brasa, as moças retornavam aos insignificantes colegas e aos infelizes balconistas, ao interior das casas e às festas de igreja, solteironas aos vinte anos. Mesmo se quisessem estender-se nos colchões do capitão, ele as recusaria por velhas e fretadas” p.93	3. “Desfile de meninas e moças em leito de defloramentos, orgias nas pensões e castelos, cabrochas violadas, batidas, abandonadas no meretrício. Ora, o capitão era solteiro e qual o homem solteiro cuja crônica não registra fatos e peripécias desse gênero? A não ser um anormal, um invertido.[...] Tendo dinheiro e sendo livre, não lhe faltará diversão de mulher” p.94	4. “não é esse loiro nosso, sarará, é outra coisa, papa-fina. Tenho vontade de ir na Europa só para comprar uma gringazinha bem nova, com cabacinho loiro, toda branquinha, inteirinha” , p.154
5. “Teté, minha santa, muçurumim, iaô, aí praticamente terminando toda a intimidade. Tereza mantém-se à	6. “Então é você a estrela candente do samba, não é? Sabe que o anúncio de Flori é um poema? Naturalmente não	5. “Tereza, ao vê-lo entrar, ficou imóvel, sem voz, incapaz de palavras e gestos; nunca se sentira assim, o coração	6. “Rosto de pele lisa, estirada, sem rugas nem papo, corpo esbelto, seios altos, aparentando não mais de trinta fogosas
palavra carregada de subentendido, o primeiro agrado. Parece feliz ao lado de Tereza, alegre, risonho, conversador, mas daí não passa, desses limites platônicos;” p.43		trocaram uma única palavra. Ele a prendeu nos braços, encostando a face cálida na fria face de Tereza; o hálito do moço era perfume, perfume de toncar. Nos cabelos, na pele, nas mãos, na boca semi-aberta. [...] Sem dela se afastar, Daniel levou as duas mãos ao rosto de Tereza, emoldurando-o nos dedos, e a fita-la nos olhos veio com a boca semi-aberta e tomou de sua boca” p.161	amigas, após a visita, dona Ponciana de Azevedo, a das frases virulentas: “Esta fulana é a glorificação ambulante da medicina moderna”. Para dona Ponciana a cirurgia plástica era um crime contra a religião e os bons costumes. Mudar a cara que Deus nos deu, cortar a pele, coser os peitos e quem sabe o que mais, vade retro! Mariquinhas Portilho discordava, não vendo crime nem pecado no tratamento; ela nunca o faria, é claro, nem tinha por quê, sendo viúva e pobre, mas a esposa do juiz residia na capital, frequentando a alta...” p. 139
7. “Fêmea é para ser possuída e acabou-se” p.132	8. “Macho deveras não adula mulher” p.132	7. “Como tratar marido que, por preconceito masculino ou por sumo respeito, considera a esposa um vaso, uma coisa, corpo inerte, pedaço de carne?” p.173	8. “Tereza foi ao consultório do dr. Amarílio. Exame ginecológico, perguntas, diagnóstico fácil: gravidez, e agora, Tereza? Ficou à espera da resposta, os olhos negros de Tereza cismarentos, absortos: ah, um filho nascido dela e do doutor, crescendo belo e arrogante, de olhos azul-celeste e maneiras finas, a quem nada faltasse nesse mundo, um fidalgo como o pai! Ou rapariga como a mãe de déu em déu, de mão em mão?”
9. “Então é você a estrela candente do samba, não é? Sabe que o anúncio de Flori é um poema? Naturalmente não sabe, nem precisa saber, sua obrigação é ser bela, somente” p.19	10. “Daniel nunca vira tanta devota e tanta fêmea a mendigar macho” p. 146	9. “O cirurgião-dentista Jamil Najjar, o tal da aposta dos vinte cruzeiros, nada lhe quis cobrar pelo dente de ouro, com a máxima perícia colocado na parte de cima, no lado esquerdo da boca de Tereza Batista onde a soqueira de ferro rompera-lhe o lábio. Se fosse pedir pagamento, ah não seria em dinheiro” p.22	10. “Sem falar que aqui todo mundo controla a vida dos outros, você logo vai ver; só tem uma pessoa que não liga para isso e faz o que quer, é seu criado aqui presente. Deixo que falem, vou comendo do bom e do melhor. Em troca, não me meto com gente graúda, da laia das vizinhas. Quando me meti foi pra casar. Prefiro caça rasteira, não dá trabalho nem dor de cabeça” p.153
11. “Os olhos do capitão acompanham a menina na escalada, de galho em galho. Os movimentos largos levantam o saiote, mostram a calçola suja de barro. Apertam-se	12. “Trazia na mão um ferro de engomar cheio de brasas. Levantou-o à altura da boca, soprou por detrás, voaram faíscas pelo bico, brilharam lá dentro os carvões acendidos. Passou o	11. “Quem se conforma com a doce amizade de mulher bonita?” p.27	12. “A sorte era não existir possibilidade de reviravolta política e ser ela, dona Beatriz, parenta dos Guedes pelo lado materno, segura garantia. A eles devia a nomeação de Eustáquio para a

<p>ainda mais os olhos pequeninos de Justiniano Duarte da Rosa — para ver melhor e imaginar. Também os olhos de Rosalvo, baços e cansados, olhos de cachaça em geral postos no chão, se animam à visão de Tereza, movem-se, sobem pelas pernas e ancas. Da beira do fogo, Felipa atenta aos olhares de Justiniano Duarte da Rosa e aos do marido: se demorar, por pouco que seja, Rosalvo passa ela nos peitos. [...] Na opinião de Felipa é hora de terminar com tantas preliminares, o capitão já exibiu riqueza, poder, capangas, já demonstrou desejo e poderio, por que não fala de uma vez? Ou pensa que vai levar o bom-bocado de graça? Se assim imagina, então não conhece Felipa. O capitão Justo pode ser proprietário de terras, de roças plantadas e de cabeças de gado, do maior armazém da cidade, chefe de jagunços, mandante de mortes, violento e perverso, mas nem por isso é dono ou parente de Tereza, não foi ele quem a alimentou e vestiu durante quatro anos e meio. Se a quiser, terá de pagar”. p. 75</p>	<p>dedo na língua, depois no fundo do ferro, o cuspo chiou. Arregalaram-se os olhos de Tereza, o coração encolheu e então a coragem lhe faltou, soube a cor e o gosto do medo. Tremeu-lhe a voz e mentiu:— Juro que não ia fugir, só queria tomar banho, tou grossa de sujo. Apanhara sem pedir piedade, calada, apenas o choro e os gritos; não rogara pragas, não xingara, enquanto tinha forças reagia e não se entregava. Chorou e consentiu, é certo; jamais, porém, implorara perdão. Agora, acabou-se: — Não me queime, não faça isso, pelo amor de Deus. Nunca mais vou fugir, peço perdão; faço tudo que quiser, peço perdão. Pelo amor de sua mãe, não faça isso, me perdoe, ai, me perdoe! Sorriu o capitão ao constatar o medo nos olhos, na voz de Tereza; finalmente. [...] Aplicou o ferro de engomar primeiro num pé, depois no outro. O cheiro de carne queimada, o chiado da pele, os uivos e o silêncio da morte. Depois de fazê-lo, o capitão a desamarrou; já não eram necessárias cordas e vigilância, cabra no corredor, fechadura na porta. Curso completo de medo e respeito, Tereza por fim obediente. Chupa, ela chupou. Depressa, de quatro e de costas. Depressa se pôs. Sozinha no mundo e com medo, Tereza Batista, argola no colar do capitão” p. 123</p>		<p>magistratura, doze anos atrás quando, ao constatar a débacle, a herança comprometida, lhe impôs aquela solução para evitar o desquite e a desonra. Suspendeu os ombros, não falemos mais nisso, aliás dona Brígida pouco ou nada lhe interessa. Foi visitá-la para cumprir um dever social como veio passar uns dias com o esposo, por dever social e conveniência própria: nem os filhos, ainda menos os primos, gostariam de vê-la desquitada ou largada do marido. Esse mundo é cheio de nove-horas, são as regras do jogo, é preciso cumpri-las, ninguém pode desconhecê-las” p.141-142</p>
<p>13. “Os braços em cruz sobre o peito de tísica, olhos esbugalhados, um estremecção no corpo frágil, vontade de gritar, gritar bem alto! Justo, deixa-me gritar, por que me impões silêncio, meu amor? Gritar bem alto para que todas acorressem e</p>	<p>14. “Atrasadas de dias e os seios doíam-lhe, certos sintomas, Magda. Magda reuniu em segredo as irmãs, Teó está grávida, manas, uma tragédia, o que devemos fazer? Fala em matar-se, é capaz de tudo, uma desmiolada. Acontecesse com estranha, disse</p>	<p>13. “Rosto de pele lisa, estirada, sem rugas nem papo, corpo esbelto, seios altos, aparentando não mais de trinta fofosas primaveras, valha-nos Deus com tanto descaramento, como exaltada rosnou às amigas, após a visita, dona Ponciana de Azevedo, a das frases</p>	<p>14. “Outra coisa não havendo em Buquim a se fazer, não faltava razão ao disponível diretor do posto de saúde — vamos matar o tempo na folgança, minha papa-fina. [...] para Tereza, penosa obrigação. Mas, como dizer-lhe vou-me embora, nada me prende aqui, estou</p>
<p>a vissem nua em pêlo, a pobre Dóris, e a seu lado, na cama, pronto para possui-la, tirar-lhe o cabaço, gozá-la, arfante de desejo, um homem. Não um meninote de colégio, não um rapazola de tesoura e metro, em apressada masturbação, mão no peito, mão nas coxas — tira depressa e corre que vem gente aí. Um homem e que homem! Justiniano Duarte da Rosa, o capitão Justo, macho reconhecido e celebrado, maior e universal, todo inteiro de Dóris, seu marido. Ouviram? Seu marido, seu esposo, de aliança na igreja, de papel assinado no juiz. Esposo, amante, macho, seu homem, inteiramente seu, na cama, ali na alcova, pertinho da sala, venham todos e vejami!” p. 104</p>	<p>Amália, e acharia bem feito, provou do bom e do melhor pois que pague., [...] Teó está querendo nos fazer de bobas, para a gente pensar que a coisa se deu. E você acha que não se deu? Acho, sim; não deu, não comeu, não meteu. [...] Durou pouco o suspense, as regras vieram, mas Teodora permaneceu ambígua, distante e grave, com aquele ar de superioridade de quem possui um passado e um segredo; as irmãs continuaram na incerteza e na inveja, a discutir o assunto. A cidade também, até hoje a dúvida perdura. Teodora na janela em devaneio, olhos ao longe, suspiros. Dos enigmas de Cajazeiras do Norte, o mais apaixonante” p. 150</p>	<p>virulentas: “Esta fulana é a glorificação ambulante da medicina moderna”. Para dona Ponciana a cirurgia plástica era um crime contra a religião e os bons costumes. Mudar a cara que Deus nos deu, cortar a pele, coser os peitos e quem sabe o que mais, vade retro! Mariquinhas Portilho discordava, não vendo crime nem pecado no tratamento; ela nunca o faria, é claro, nem tinha por quê, sendo viúva e pobre, mas a esposa do juiz residia na capital, freqüentando a alta...” p. 139</p>	<p>cansada de representar, nada me cansa tanto, vim de companhia em triste engano, posso exercer de prostituta mas não me dar de amiga e amante? Como dizer-lhe se aceitara vir e ele a tratava com gentileza e mesmo com certa ternura nascida da luxúria a fazê-lo menos cínico e menos suficiente, quase grato?” p. 212</p>
<p>15. “No fim da semana incerta e nervosa, magda, com a autoridade de irmã mais velha, colocou o problema na mesa de jantar: — Ele precisa definir-se. Seja qual for a noiva escolhida, estaremos todas de acordo, as outras três se conformam, [...] Mais ridícula é mulher velha atrás de rapaz novo. Nervos à flor da pele, Magda ofendeu-se; caiu no pranto:— Não ando atrás dele, é ele que anda atrás de mim, e não sou velha, estou na casa dos vinte como vocês. As palavras entrecortadas de soluços” p. 159</p>	<p>16. “Certa vez, porque Dóris demorasse a lhe trazer um paletó reclamado aos berros, Justiniano meteu-lhe a mão na cara, na vista da mãe: — Não ouviu chamar, lesma? Dóris chorou pelos cantos mas nem quis ouvir falar em ir-se embora como propôs dona Brígida na revolta do primeiro impulso. “Coisa à toa, um tapinha sem importância, tive culpa mesmo, demorei demais” p.112</p>	<p>15. “Também algumas velhas compareceram à inauguração da primavera. Por um dia libertas da obrigação da terrível maquilagem destinada a esconder rugas e pelancas, da luta inglória por um cliente, apenas mulheres idosas e cansadas” p. 405</p>	<p>16. “homem que se preza mantém a mulher no devido lugar” p. 162</p>

ANEXO A - Depoimento da participante que não conseguiu fazer a leitura e nem assistir a minissérie.

...Tereza representa muito. Partes de minha memória vivida numa época a qual vivo fugindo

Uma memória que não consigo apagar completamente; um cunhado "monstro" me perseguiu durante toda a minha infância, adolescência...

Dizia que ia esperar eu crescer mais...

Und... Cresci voltou; ameacei... Acredito que se mudou por causa das minhas primas... Que abusava;

Que também eram abusada pelos irmãos:

Minha mãe era inocente confiava muito e precisa... Era viva e andava até 6 horas no dia de receber o benefício...

Meu primo até ameacei a matar de faca...

MAS Deus sempre me deu livramento

Era bisbilhotada a noite...

ANEXO B - Aluna, (M. L. S. A., 17 anos), justificando a escolha do fragmento que mais chamou a sua atenção.

"Justinião Duque Rosa, um capi-
tão justo, para a dona Brígida o per-
ce, essa lembrança das pibas, aban-
donada Brasil, fez menção de avan-
çar — aproveitou-se o mijo e em
quanto convulso, nu em pelo inva-
de o chão das merces. Foi mais
à frente Justinião na intenção de
agarrar a maldita, sujita — la na
cama, romper-lhe o eterno, clava-
deiro sabão, penetrar a estreita fen-
da, rasgar-lhe as entranhas, com
esse ferro marca-lo lá dentro, aper-
tar-lhe o placote, na hora do gozo
mata-lo; para fazê-lo, curvou-se
mergulhando por baixo, Teresa Batista
pangou o capitão com a faca de
cortar carne-seca." (pag: 193 e 194).

Senti felicidade, pois Teresa estava
matando uma pessoa por fazer
mal à Teresa e à outra pessoa.
Sim, concordado, pois ali acabou
o capitão justo, não iria ter mais
nenhum sabão.

ANEXO C - Texto produzido pela aluna M.T., 17 anos. Segunda atividade assíncrona.

Escolha da cena que mais chamou a atenção dentre uma lista de fragmentos previamente selecionados.

Na minha opinião, Dóris viveu em um relacionamento abusivo, assim como existe esse tipo de relacionamento na sociedade. Nessa parte desse fragmento mostra o quanto o capitão foi grosseiro com Dóris, por ela não ter trazido o pacote na hora que ele exigiu. Justificame, homem machista, que só queria ter o poder sobre as mulheres, o prazer, o medo nos olhos delas.

Na sociedade em que vivemos, existe muito isso, Dóris disse para mãe (Dona Brigida) que teve culpa por ter demorado demais, mulheres assim sentem medo, por, que acham que não dão os sempre errados, sempre têm melhor, mais não são elas, são eles, homens, que acham que sempre tem razão, os mais experts, o mais importante, e sempre rebaixando as mulheres, tanto em casa, quanto na sociedade.

Violência contra a mulher, mesmo que seja um "tapinha" como a Dóris mencionou, pode sair um tapa, um soco, uma surra de deixar suja e machucar, e pode até levar a morte, então nesse fragmento que escolhi, foi para mostrar que isso ocorre em muitos meios, portanto, mulheres não se rebaixem, denunciem, não deixem que esse tipo de situação chegue a um ponto pior.

3 fragmento:

1. "Tênia é para ser persuída e acobou-se". p. 132 (narrador - Justiniano)

Minha opinião:

Eu escolhi esse fragmento, porque ele traz uma questão muito importante, que é o machismo e o poder. Meu sentimento sobre a personagem feminina é de luta, e do personagem masculino é de machista. Justiniano duarte da Rosa, para o capitão, ela de nome é aquela que, por perde a vergonha, por inexperiente e machista menina, eu por rapaz e sabida moçofofo, ele vale o desejo. Como era de dubio conhecimento, ele os preferia moçofofos, a ponto de selecionar num color os menores de quinze anos cujos tempos soltera nunca pretendeu retirar das mulheres tanto prazer para si próprio, exclusivo.

Justiniano o homem poderoso, sempre conseguia o que queria, de qualquer jeito, por bem ou por mal. Nesse fragmento que "Tênia é para ser persuída e acobou-se", é uma forma de poder que Justiniano acha que tem sobre as mulheres, pois sim, ele tinha, ao longo do livro, Teriza Batista, a menina que mais sofreu em seus mãos. Ela sofria, era desobediante, sexualmente, e até queimada, mas não. Justiniano sempre 

ANEXO D – Texto da aluna M.L.S. A., 17 anos.

Terceira atividade assíncrona: produção de texto dissertativo/opinativo sobre as mudanças ocorridas em relação aos direitos das mulheres desde a década de 70.

01	Muitas coisas mudaram de lá pra cá, ho-
02	je em dia as mulheres lutam por seus direitos
03	O feminismo fez as mulheres buscarem por
04	seus direitos, (direito de voto, criação de leis,
05	como a lei maria da penha), entre outros.
06	Buscando alcançar posições maiores, e lu-
07	tarando contra opressões a uma desigualdade
08	entre homem e mulher.
09	Mudamos a observação de que mulheres
10	não podem fazer frente em sociedade.
11	Antigamente se uma mulher era estuprada,
12	não havia como recorrer, hoje está melhor os
13	meios de se recorrer a polícia e a leis que
14	ajudam a mulher.
15	A mulher conquistou o direito a educação
16	podem ir a escola, hoje é mais fácil de se
17	arrumar um emprego, (mas existe a diferen-
18	ça salarial). Em pouco tempo, a força feminista
19	conquistou um espaço que anteriormente era
20	negado a mulheres. Mas com tudo a mulher
21	ainda fica muito sobrecarregada.
22	E ainda há o direito sobre o próprio corpo
23	que ainda não é completamente nosso.